

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Ciências Exatas - DEXA
Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais

DIOSVALDO PEREIRA NOVAIS FILHO

COMUNICAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE:
Garimpando Educomunicação Socioambiental na Chapada Diamantina (BA)

FEIRA DE SANTANA
2024

DIOSVALDO PEREIRA NOVAIS FILHO

COMUNICAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE:

Garimpando Educomunicação Socioambiental na Chapada Diamantina (BA)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Joselisa Maria Chaves
Coorientadora: Profa. Dra. Zanna Maria Rodrigues de Matos

FEIRA DE SANTANA
2024

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Novais Filho, Diosvaldo Pereira

N821c Comunicação para a sustentabilidade: garimpando educomunicação socioambiental na Chapada Diamantina (BA). / Diosvaldo Pereira Novais Filho . – 2024.

144 f.; il.

Orientadora: Joselisa Maria Chaves

Coorientadora: Zanna Maria Rodrigues de Matos

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Departamento de Ciências Exatas, Programa, de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, Feira de Santana, 2024.

1.Educomunicação. 2.Educação ambiental. 3.Comunicação alternativa. 4.TV UNEB-Seabra. 5.Ciências ambientais. I.Chaves, Joselisa Maria, orient. II.Matos, Zanna Maria Rodrigues de, coorient. III.Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU: 37:577.4 (814.22)

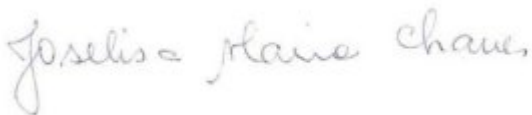
Maria de Fátima de Jesus Moreira - Bibliotecária - CRB-5/1120

DIOSVALDO PEREIRA NOVAIS FILHO

COMUNICAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE:
Garimpendo Educomunicação Socioambiental na Chapada Diamantina (BA)

Feira de Santana, Bahia, 01 de março de 2024.

Banca Examinadora:



Orientadora: Profa. Dra. Joselisa Maria Chaves
Universidade Estadual de Feira de Santana




Coorientadora: Profa. Dra. Zanna Maria Rodrigues de Matos
Universidade Estadual de Feira de Santana

Documento assinado digitalmente
 KATIA VIANA CAVALCANTE
Data: 09/04/2024 07:05:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Kátia Viana Cavalcante
Universidade Federal do Amazonas



Profa. Dra. Rita de Cássia Silva Castro
Universidade Estadual de Feira de Santana

Documento assinado digitalmente
 THAIS BRIANEZI NG
Data: 27/03/2024 12:17:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Thaís Brianezi
Universidade de São Paulo

A educomunicação fala de relacionamento, liderança, diálogo social e protagonismos juvenil. Posiciona-se, de forma crítica, ante o individualismo, a manipulação e a competição. A cidadania vencendo a ditadura do mercado: é o que ela busca, transformando as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo.

Ismar de Oliveira Soares (2011, p.95)

Aos que vieram antes de mim e a Stefany.

AGRADECIMENTOS

O caminho até aqui não foi nada fácil. Quando me falaram que a vida de pesquisador era uma vida solitária, não imaginei que seria exatamente de tal forma. Entretanto, durante os últimos dois anos de intenso estudo e coleta de dados, em paralelo com as atividades de trabalho, mesmo nesta solidude, e tentando manter uma vida social e saudável, muitas pessoas e instituições, em meio a pandemia da Covid-19, estavam comigo e para mim, nunca me abandonaram e me deram total apoio para dar continuidade aos estudos.

Por conta disso, começo meus agradecimentos ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias - Campus da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) de Seabra, local onde atuo como Assessor de Comunicação e que foi o responsável pelo meu ingresso ao mundo da pesquisa através do Programa de Iniciação Científica durante a minha graduação em Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios. Agradeço aos meus colegas de trabalho que seguraram as “pontas” quando não estava presente e especialmente a pessoa da Diretora do Campus XXIII, Renata Nascimento, pelo apoio de sempre e por todos os conselhos. Obrigado por todos os momentos que me liberou das atividades de trabalho para assistir às aulas, desenvolver as pesquisas, acompanhar eventos e participar das orientações.

Agradeço aos meus colegas da Turma 04, por toda experiência, histórias e estórias contadas durante os intervalos e nas “reuniões” pós-aulas. Aqui demonstro meus sinceros agradecimentos a Camila Amorim, Cristina Alice, Magdalena Nascimento, Rose Caroline e Steve Wander, pelo zelo, paciência e escuta quando em meio aos percalços seguraram a minha mão e me deram forças para seguir adiante e não abandonar o barco.

Sou grato a André Moreno, professor da UNEB que muito contribuiu para o nascimento deste sonho. Agradeço sobretudo pelas discussões e por todos os questionamentos acolhidos e muito bem debatidos.

Agradeço a Rede PROFCIAMB pelo intercâmbio que o Programa proporciona aos discentes e docentes. Agradeço sobretudo por possibilitar a minha atuação como Tutor no curso *“Água como Elemento Interdisciplinar do Ensino nas Escolas”* nas turmas de 2021 e 2022. Agradeço também a Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), pelo apoio financeiro durante a atuação no importante e

mencionado curso que é ofertado pela Associada Universidade de São Paulo (USP)
- Campus São Carlos.

Aos meus pais, Zenália e Diosvaldo e as minhas irmãs Naiara, Naiane e Nádia, sou grato por todo amor, preocupação, atenção e por sempre estarem à disposição quando precisava de qualquer tipo de apoio.

Quero agradecer também a minha filha Stefany, que chegou a minha vida poucos meses antes da pandemia e que se tornou a minha companheira durante as aulas que ocorreram majoritariamente de maneira virtual. Obrigado filha por todas as aventuras que estamos vivendo.

Por fim, às professoras Joselisa Chaves e Zanna Matos, um agradecimento mais que especial, pela parceria, orientações, discussões, cobranças e, principalmente pela paciência.

RESUMO

“Comunicação para a Sustentabilidade: Garimpando Educomunicação Socioambiental na Chapada Diamantina” inspira-se a partir da criação, desdobramentos e análise de conteúdo da TV UNEB-Seabra. Esta TV Universitária, vinculada ao Campus XXIII da Universidade do Estado da Bahia, em Seabra, na Chapada Diamantina-BA, nasce em meio a pandemia causada pela COVID-19 e se torna um importante meio de comunicação alternativo para o Território de Identidades Chapada Diamantina. Toda a produção de conteúdo, antes vinculada apenas para responder às demandas da Universidade, passou a transmitir programas, séries e *lives* com pautas diversas, produzidas pelos próprios moradores da região, que antes não se viam contemplados nas informações veiculadas na mídia tradicional, o *mass media*. Diante dessa realidade, e percebendo a proximidade desta produção audiovisual com o que preconiza a Educação Ambiental em sua perspectiva crítica, a Educomunicação e a Educomunicação Socioambiental, almejamos mostrar um retrato da utilização destas práticas pedagógicas-teórico-prático na produção do conteúdo presente na TV UNEB-Seabra e, em paralelo, verificar no Território a presença de projetos que contemplam estas áreas do conhecimento. Esta pesquisa foi realizada com uma perspectiva quali-quantitativa, a partir de referencial da Análise de Conteúdo e de Rede para Mídia Social, uma vez que TV Universitária se encontra em uma plataforma de Rede Social, o YouTube. Para coleta dos dados referentes aos projetos realizou-se uma varredura nos mecanismos de busca da internet e contato direto com as Secretarias de Educação dos municípios que compõem o Território da Chapada Diamantina. Para auxiliar nas discussões propostas, foi realizada a revisão da literatura e a análise de materiais documentais. Os seguintes produtos educacionais foram elaborados: “Mapa da Educomunicação no Território de Identidade da Chapada Diamantina” e a construção de “Ações em Educomunicação Socioambiental contextualizada na Chapada Diamantina”. Os resultados apresentados nos mostram a proximidade da Educação Ambiental com a prática Educomunicativa e evidencia a produção audiovisual, por meio das mídias alternativas, como aliada para pautar temas referente às Ciências Ambientais.

Palavras Chave: Educomunicação; Educação Ambiental; Comunicação Alternativa; Ciências Ambientais, TV UNEB-Seabra.

ABSTRACT

“Communication for Sustainability: Searching for Socio-environmental Educommunication in Chapada Diamantina” is inspired by the creation, developments and content analysis of TV UNEB-Seabra. This University TV, linked to Campus XXIII of the State University of Bahia, in Seabra, in Chapada Diamantina-BA, was born amid the pandemic caused by COVID-19 and becomes an important alternative means of communication for the Chapada Diamantina Identity Territory . All content production, previously linked only to responding to the University's demands, began to broadcast programs, series and lives with different agendas, produced by the region's residents themselves, who previously did not see themselves included in the information conveyed in the traditional media, the mass media. average. Given this reality, and realizing the proximity of this audiovisual production to what Environmental Education advocates in its critical perspective, Educommunication and Socio-Environmental Educommunication, we aim to show a portrait of the use of these pedagogical-theoretical-practical practices in the production of content present on TV UNEB-Seabra and, in parallel, verify the presence of projects in the Territory that cover these areas of knowledge. This research was carried out with a qualitative-quantitative perspective, based on Content and Network Analysis for Social Media, since TV Universitária is on a Social Network platform, YouTube. To collect data relating to the projects, a scan was carried out on internet search engines and direct contact was made with the Education Departments of the municipalities that make up the Chapada Diamantina Territory. To assist in the proposed discussions, a literature review and analysis of documentary materials were carried out. The following educational products were produced: “Map of Educommunication in the Identity Territory of Chapada Diamantina” and the construction of “Actions in Socio-environmental Educommunication contextualized in Chapada Diamantina”. The results presented show us the proximity of Environmental Education with Educommunicative practice and highlights audiovisual production, through alternative media, as an ally to guide themes related to Environmental Sciences.

Keywords: Educommunication; Environmental Education; Alternative Communication; Environmental Sciences; TV UNEB-Seabra.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fluxograma de execução das etapas metodológicas e levantamento de dados da pesquisa	55
Figura 2. Perfil do “S.O.S Bocaina e Mocó” no Instagram	86
Figura 3: Site Retratos Rurais produzido a partir de projeto de educomunicação na cidade de Itaête - Chapada Diamantina	86
Figura 4: Mapa dos projetos de Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada Diamantina (1998 - 2023).....	96
Figura 5: QrCode de acesso ao Mapa contendo projetos de Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada Diamantina.....	97
Figura 6: Dados da TV UNEB-Seabra (entre 01 de maio de 2020 e 31 de dezembro de 2021).....	100
Figura 7: Recorte de tela - Comentário de interação na 4ª edição do programa Papo Covid na Chapada.....	104
Figura 8: Recorte de tela - Comentário de interação na 5ª edição do programa Papo Covid na Chapada.....	104
Figura 9: Mapa do Papo Covid na Chapada representando as localidades dos participantes.....	108
Figura 10: Interação do Papo Covid na Chapada em números de curtidas e visualizações (01 de maio de 2020 à 31 de dezembro de 2021).....	111
Figura 11: Recorte de tela - Comentário de interação na 12ª edição do programa Boca Piu.....	114
Figura 12: Interação do Boca Piu em números de curtidas e visualizações (01 de maio de 2020 à 31 de dezembro de 2021).....	116
Figura 13: Mapa do Boca Piu representando as localidades dos participantes.....	116
Figura 14: Primeira participação Internacional na programação da TV UNEB-Seabra, em 2021	119
Figura 15: Mapa da Série Potencialidades do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social na Chapada Diamantina representando as localidades dos participantes.....	120
Figura 16: Interação na Série Potencialidades do Turismo em números de curtidas e visualizações (01 de maio de 2020 à 31 de dezembro de 2021).....	120

Figura 17: QrCode de acesso a Ação de Educomunicação Socioambiental 01: Diálogos Sustentáveis na Chapada Diamantina.....	124
Figura 18: QrCode de acesso a Ação de Educomunicação Socioambiental 02: Tem água na sua rede?.....	125
Figura 19: QrCode de acesso a Ação de Educomunicação Socioambiental 03: Água em Libras.....	127
Figura 20: QrCode de acesso a Ação de Educomunicação Socioambiental 04: Identidade e Fotografia.....	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Dados turísticos do Território de Identidade da Chapada Diamantina cadastrados no Cadastur (Mtur - 2022).....	64
Quadro 2: Ações de Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada (1998 - 2023).....	75
Quadro 3: Conteúdo debatido e frequência das pautas no programa Papo Covid na Chapada.....	105
Quadro 4: Conteúdo discutido e frequência da pauta no programa Boca Piu	113
Quadro 5: Conteúdo discutido e frequência das pautas na Série Potencialidades do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social na Chapada Diamantina.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPEducom	Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação
ANA	Agência Nacional de Águas
APA	Área de Preservação Ambiental
ARS	Rede para Mídia Social
ASCOM	Assessoria de Comunicação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CACD	Campus Avançado na Chapada Diamantina
CADASTUR	Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFORC	Centro de Formação e Organização Comunitária
CEMAEE	Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado de Seabra
CESOL	Centro Público de Economia Solidária
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CTB	Código Brasileiro de Telecomunicações
DCHT	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias
EA	Educação Ambiental
EBC	Empresa Brasil de Comunicação
ECA	Escola de Comunicação e Artes da USP
EDS	Educação para o Desenvolvimento Sustentável
EFA	Escolas Família Agrícola
ELA	Escola Livre de Audiovisual da Chapada Diamantina
EPC	Economia Política da Comunicação
FACINE	Festival de Cinema Ambiental da Chapada Diamantina
FNDC	Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IFBA	Instituto Federal de Educação
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
LABIDECOM	Laboratório de Inovação, Desenvolvimento e Pesquisa em Educomunicação da ECA-USP
Mtur	Ministério do Turismo
NEA	Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica
NCE	Núcleo de Comunicação e Educação
NTE	Núcleo Territorial de Educação
Nucom	Núcleo de Comunicação
Nupe	Núcleo de Pesquisa e Extensão
OCA	Observatório dos Conflitos Socioambientais da Chapada Diamantina
ODS	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PICIN	Programa Institucional de Iniciação Científica
PIDCP	Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNBL	Plano Nacional de Banda Larga
PNCD	Parque Nacional da Chapada Diamantina
PROFCIAMB	Programa de Pós-graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PROIEX	Projeto de Iniciação a Extensão
ProNEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
PTDRSS	Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário do Território
Rede CEP	Rede de Comunicação, Educação e Participação
RNCP/TV	Rede Nacional de Comunicação Pública/Televisão
SEI	Sistema Eletrônico de Informação
SEMA	Secretaria Estadual de Meio Ambiente
SEPLAN	Secretaria de Planejamento
SIGEP	Sítios Geológicos e Paleobiológicos
SIP	Sistema Integrado de Planejamento
SPGU	Sistema de Planejamento e Gestão Universitária

TDICs	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TICs	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UC	Unidades de Conservação
UDO	Unidade de Desenvolvimento Organizacional
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 Introdução: <i>Como chegamos até aqui?</i>	19
2 Tirar a limpo: <i>Educação, Comunicação e o papel transversal da Educomunicação para o fortalecimento de debates e construção de pautas formativas sobre questões socioambientais na Chapada Diamantina</i>	25
2.1 Breve reflexão sobre Educação e prática educativa.....	25
2.2 Breve apanhado sobre Comunicação.....	27
2.2.1 Comunicação de massa e produção contra hegemônica.....	30
2.2.2 Direito à Comunicação e comunicação alternativa	33
2.3 Educomunicação: o conceito e a prática.....	39
2.4 Educomunicação socioambiental e sua proximidade com a Educação Ambiental crítica 45	
2.4.1 Experiências em Educomunicação Socioambiental no Brasil.....	49
2.5 Ensino das Ciências Ambientais: conceito e proximidade com a Educomunicação.....	51
3 Sentir o terreno: <i>A proposta, os caminhos metodológicos e a delimitação do local de análise</i>	54
3.1 Estudar o terreno: proposta de pesquisa e delineamento metodológico.....	54
3.2 Conhecer o terreno: contextualizando os aspectos históricos, socioeconômicos e socioambientais da Chapada Diamantina	59
3.2.1 A Chapada turística.....	63
3.2.2 A Chapada não turística.....	66
4 O bamburrão: <i>Garimpando Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada Diamantina</i>	74
4.1 Tem Educomunicação na Chapada?.....	74
4.1.1 O garimpo na UNEB-Seabra.....	88
4.1.2 O garimpo no IFBA-Seabra.....	93

4.1.3 O garimpono NTE03enas SecretariasMunicipais de Educação.....	95
4.1.4 OMapadeaçõesemEducaçãoAmbientaleEducomunicaçãoaChapadaDiamantina.....	95
5 Passar o pente-fino:TV UNEB-Seabra: O audiovisual como ferramenta paradifusãodeconceitosdeciênciasambientaiseaçõeseducativas	998
5.1 Histórico da TV UNEB-Seabra e os impactos da implementação de uma TVUniversitáriaChapadaDiamantina.....	998
5.2 ProgramaçãodaTVUNEB-Seabraquetenhaaderênciaàsquestõesambientais	101
5.2.1 Programa PapoCovidna Chapada.....	103
5.2.2 ProgramaBoca Piu.....	111
5.2.3 ProgramaPotencialidadesdoTurismoSustentávelcomResponsabilidadeSocialna Chapada Diamantina.....	117
5.3 Opós-pandemiada TVUNEB-Seabra.....	121
6 AçõesdeEducomunicaçãoSocioambientalcontextualizadascomasquestõesdaChapadaDiamantina:ElementosaudiovisuaisdeumaTVUniversitária paradifusãodeconceitos	122
6.1 PorquecontinuarcomapautadaEducomunicaçãoaChapadaDiamantina? ...	122
6.2 AçõesdeEducomunicaçãoSocioambiental	123
7 ConsideraçõesFinais:OfuturodaEducomunicaçãoonoTerrítóriodelIdentidadedaChapadaDiamantina	130
Referências	136
Apêndice A –Ação 01:DiálogosSustentáveis na ChapadaDiamantina.....	144
ApêndiceB –Ação02: TemÁguanasuaRede?.....	148
ApêndiceC –Ação03:ÁguaemLibras	155
ApêndiceD –Ação04:ÁguaemLibras	160

1 Introdução:

Como chegamos até aqui?

Desde 2014, quando ingressei no Campus XXIII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Seabra, comecei a tomar gosto pelo universo das pesquisas científicas. Sempre muito curioso nos estudos sobre cultura, regionalidades, tecnologias e fatos sociais, fui tentando criar uma linha lógica, que fizesse, a partir das minhas vivências, entender um pouco do mundo e suas múltiplas facetas. No ano de 2015, após cursar o primeiro semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo em Mídias, o menino, filho de pais agricultores, que saiu do povoado Cisterna, no município de Souto Soares, na Chapada Diamantina, passou por novos caminhos dentro da academia que o fizeram romper os muros da Universidade. Foi a partir dessa realidade que passei a entender minimamente e pesquisar mais sobre as diversas *Chapadas Diamantinas*.

As novas trilhas me levaram ao mundo extensionista através do Projeto de Pesquisa e Extensão “*Cercado de Saberes: Comunicação e conservação ambiental no Vale do Cercado*”, coordenado pela professora Doutora Gislene Moreira. O mencionado Projeto, no qual atuei como bolsista na Monitoria de Extensão da UNEB-Seabra durante dois anos, foi o pontapé para que pudesse dar continuidade às pesquisas, por meio das quais, em meio às discussões sobre mídia local, meio ambiente, educomunicação, métodos de análise, observação e técnicas para uma comunicação não violenta, tentamos entender os conflitos socioambientais existentes na região. Das discussões e pesquisas que foram surgindo durante minha permanência no Projeto, surgiu o artigo “*Mídia e incêndios florestais na Chapada Diamantina*”, de autoria minha e da coordenadora do Projeto, publicado em 2018, na Revista de Linguagens, Educação e Cultura na Chapada Diamantina, *Garimpus*. O artigo trata da análise de matérias de jornal que falam sobre o fogo a partir de leituras iniciais sobre a Economia Política da Comunicação (EPC).

Em 2017, após finalizarmos as atividades da Monitoria de Extensão, formou-se o Projeto de Pesquisa “*Garimpo Digital: mapeando os sinais da convergência na Chapada Diamantina*”, do qual participei durante pouco mais de quatro anos. O Projeto, no qual fui bolsista de Iniciação Científica (PICIN-UNEB) por um ano, busca

identificar e analisar os usos e impactos da convergência midiática nas questões ambientais do Território da Chapada Diamantina, na Bahia. O objetivo deste é diagnosticar as condições de transmissão e acesso tecnológico, a produção e a distribuição de conteúdos multimídia nos oito municípios que integram as principais unidades de conservação da região, o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) e Área de Preservação Ambiental (APA) Marimbus-Iraquara.

Durante a execução do *Garimpo Digital*, houve uma demanda envolvendo um conflito socioambiental entre uma comunidade quilombola e o PNCD. A professora Doutora Gislene Moreira, também coordenadora deste Projeto, solicitou que eu e alguns colegas participássemos das reuniões com o PNCD, Pastorais, Organizações Não Governamentais (ONGs) e as Associações Comunitárias, na função de mediação de conflitos. No mesmo ano, em 2017, conheci a comunidade tradicional remanescente de quilombolas Fazenda Velha, localidade que há mais de 30 anos vive um conflito com o PNCD.

As contendas mais comuns na região da Chapada Diamantina são por terra e água. Na Fazenda Velha, além desses, há também uma luta constante por acesso a direitos básicos, como água encanada, energia, educação, transporte etc., decididamente barrados pela Lei nº 84.017, de 21 de setembro de 1979, que regulamenta os parques brasileiros. Essa realidade, que já os torna excluídos dos processos básicos de modernização, se reflete também nos baixos ou inexistentes índices de conectividade da própria comunidade.

Na primeira vez que fui à Fazenda Velha participar das reuniões de mediação de conflitos, estavam presentes os moradores locais, as representações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), responsável pela administração do PNCD, e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), de Ruy Barbosa-Bahia. Foi nesta visita que, além de ouvir e identificar as problemáticas mencionadas, percebi também que a comunidade não possuía conexão via internet banda larga. Realidade que remete ao Plano Nacional de Banda Larga (PNBL)¹, que pretendia, em 2014, universalizar a internet. Além disso, aqueles que desejam ter

¹ O Programa Nacional de Banda Larga (PNBL), instituído por meio do Decreto 7.175/2010, é uma política gerida pelo Ministério das Comunicações, durante a gestão Lula, que tem como objetivo fomentar e difundir o uso e o fornecimento de bens e serviços de tecnologias de informação e comunicação. A proposta do PNBL é massificar a oferta de banda larga no país e promover o crescimento da capacidade da infraestrutura de telecomunicações. Ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7175.htm. Acesso em 10/01/18.

acesso às redes de telefonia celular, precisam se arriscar em pontos estratégicos na comunidade (pontos mais altos e/ou em cima das árvores).

Nesse sentido, foi percebido que existem ainda muitos lugares na Chapada Diamantina, inclusive a Fazenda Velha, excluídos da realidade digital e/ou do processo de universalização da internet. E, a partir daí, nasce o Trabalho de Conclusão de Curso: *“Convergência para quem? Garimpando as Conexões e as Redes em uma Comunidade Quilombola da Chapada Diamantina”*, defendida em dezembro de 2018, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo em Múltiplos Meios.

Pouco tempo depois, fui convidado a trabalhar na Assessoria de Comunicação do Campus onde me formei. Cinco meses depois deste contrato, o mundo inteiro começou a conviver com a pandemia da Covid-19. Esta realidade nos colocou a pensar estratégias de comunicação para que a tríade universitária, a saber: o ensino, a pesquisa e a extensão não parassem. Neste contexto é que surge mais uma TV Universitária, a TV UNEB-Seabra - uma filial da TV UNEB, gerenciada pela Assessoria de Comunicação da Reitoria da Universidade.

Pouco tempo depois da sua criação, a TV UNEB-Seabra ultrapassou as barreiras da academia e se tornou uma forte articuladora e mobilizadora da sociedade civil do Território de Identidades da Chapada Diamantina, acolhendo programas e pautas vindas de comunidades, entidades, ONGs, institutos e universidades parceiras etc.

Diante de tudo isso, levando em consideração o meu percurso acadêmico e profissional até aqui, os meus envolvimento com as questões socioambientais na Chapada Diamantina e minhas pesquisas iniciais que envolvem a Educomunicação, não faria sentido desenvolver um Projeto que não dialogasse com a linha de pesquisa Ambiente e Sociedade do Programa de Pós-graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB). Nesse sentido, passei um tempo tentando fazer recortes nas minhas pesquisas. No primeiro semestre de 2021, o Projeto, que diga-se de passagem já mudou de título diversas vezes, apresentado na Seleção para Turma 04 do PROFCIAMB como: “TV UNEB - Seabra: Criar e fazer TV pública para Educação Ambiental na Chapada Diamantina”, foi gerado e aprovado.

Com o fazer comunicação pública em uma universidade pública, e enraizado com a metodologia-teórico-prática da Educomunicação, passei a questionar “Como

utilizar a Educomunicação para o fortalecimento de debates e construção de pautas formativas sobre questões socioambientais na Chapada Diamantina?”.

Com ajustes ali e com ajustes aqui, fui percebendo que a presente pesquisa se tratava de uma ação extensionista. Foi aí que no início de 2022, submeti o Projeto no Edital 012/2022 - PROIEX, da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado da Bahia e o mesmo foi aprovado em terceiro lugar, com a possibilidade de vinculação de bolsista para auxílio na coleta de dados. Porém, infelizmente, por limitações do referido Edital, a contratação da monitora não foi possível pelo fato do meu contrato de trabalho na Universidade ser terceirizado e não possuir número de matrícula e assinatura nos ambientes virtuais de informação. Mas, vale ressaltar, que, mesmo não tendo a bolsa, o Projeto de extensão foi executado e os dados serão apresentados neste trabalho.

O Projeto tem a sustentabilidade e a educação como mote da pesquisa e possui uma relação direta com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), principalmente o ODS 04 - Educação de qualidade, que visa assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, além de promover oportunidades de aprendizagens sustentáveis ao longo da vida para todas e todos.

Este trabalho possui os seguintes objetivos específicos: 1) Mapear projetos, cursos e programas de Educação Ambiental e Educomunicação realizados na região do Território de Identidade da Chapada Diamantina; 2) Analisar programas audiovisuais da TV UNEB-Seabra que tenham relação com as questões ambientais e possíveis conexões com a Educomunicação, com intuito de compreender as contribuições desses tipos de conteúdo para as discussões socioambientais; 3) Elaborar ações educacionais que utilizem a linguagem audiovisual nos ambientes formativos de atuação. E eles se agrupam no seguinte objetivo geral **Desenvolver ações de Educomunicação Sociambiental contextualizada na Chapada Diamantina a partir de elementos audiovisuais de uma TV Universitária.**

Para apresentar os resultados da pesquisa, o texto foi dividido em 7 capítulos. O primeiro deles trata-se desta Introdução, que ao contextualizar a minha trajetória acadêmica, mostra a trilha seguida para chegar neste terreno. Todo o envolvimento nos Projetos de Pesquisa e Extensão e o meu papel como membro cofundador na construção da TV UNEB-Seabra, vivenciados no Campus XXIII da UNEB-Seabra, foram os motivadores para pensar em algo atrelado às práxis pedagógicas em

formato híbrido, sobre as ciências ambientais, através do aporte teórico-metodológico da *Educomunicação* e da *Educomunicação Socioambiental*.

O segundo capítulo, mais denso teoricamente, aborda os conceitos que perpassam esta pesquisa. A Educação, a Comunicação, o binômio Educomunicação e a sua perspectiva Socioambiental. TV Universitária e Comunicação Pública e o seu papel democratizador no que tange à criação e veiculação de informações produzidas através do povo e de suas demandas também serão abordados neste capítulo. Além disso, estabelece discussões sobre o Ensino das Ciências Ambientais e algumas proximidades entre a Educação Ambiental e o papel transversal da Educomunicação com sua função formativa democrática.

No terceiro capítulo, apresentaremos as trilhas metodológicas e o lócus da pesquisa. A pesquisa foi pensada a partir de uma perspectiva quali-quantitativa, que utilizou passos metodológicos como a análise de conteúdo, análise de mídia social, pesquisa nos mecanismos de busca da internet e nas plataformas de referência em pesquisas acadêmicas, bem como a revisão da literatura. O lócus trata-se do Território de Identidade da Chapada Diamantina, sobre o qual estamos considerando e apresentando dados de 25 municípios.

No quarto capítulo, apresentaremos o primeiro produto desenvolvido para este Mestrado. Trata-se de um Mapa gerado a partir do garimpo de programas, cursos e projetos em Educação Ambiental e Educomunicação presentes no Território de Identidade Chapada Diamantina. Todos os dados foram coletados nas universidades e institutos de educação, bem como em Secretarias Municipais de Educação e informações disponíveis na rede mundial de computadores.

Já no quinto capítulo, vamos mostrar dados referentes ao impacto da criação da TV UNEB-Seabra no Território de Identidades da Chapada Diamantina e como podemos utilizar o audiovisual, produzido a partir das práticas educacionais. Tendo em vista o importante papel da comunicação alternativa para as pautas formativas nas Ciências Ambientais, tomaremos como base os programas analisados para a proposição de novas pautas. Nesse processo de análise, identificamos também que os programas possuem ligações importantes com os ODS.

Após estas discussões e análises, no sexto capítulo, vamos falar sobre o processo de construção de outro produto deste mestrado profissional, que aqui se

apresenta como uma série de Ações em Educomunicação Socioambiental contextualizada com as questões da Chapada Diamantina.

E, no sétimo capítulo, apresentaremos considerações gerais finais, como a possibilidade de fazer intercâmbio com outros Projetos do próprio PROFCIAMB e do Programa de Pós-graduação em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente (PPGM), também da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Além disso, com base na revisão da literatura, foi possível perceber que as mídias digitais e redes sociais, a partir de ações educacionais, possuem um potencial enorme para difusão de conceitos em educação ambiental. Observamos também que a construção de meios de comunicação alternativa poderá se constituir em um acervo dos produtos de áudio e vídeo sobre as temáticas, bem como espaço para a continuidade na divulgação científica iniciado por alguns programas analisados. Por fim, apresentaremos também em quais mãos está o futuro da Educomunicação na Chapada Diamantina.

2 Tirar a limpo²:

Educação, Comunicação e o papel transversal da Educomunicação para o fortalecimento de debates e construção de pautas formativas sobre questões socioambientais na Chapada Diamantina

Neste segundo capítulo, faremos uma discussão teórica a partir dos conceitos que perpassam esta pesquisa. Além de abordar sobre os conceitos educação, comunicação, educomunicação, buscaremos a partir da teoria embasar e justificar o questionamento deste estudo.

2.1 Breve reflexão sobre Educação e prática educativa

Em outros tempos, segundo Dias *et al.* (2016), a educação confundia-se com a obediência. Para ela, o aprendizado era imposto por meio do respeito forçado, de castigos ou tarefas. Este modelo de educação não encorajava os educandos a compreenderem reflexivamente sobre o conteúdo proposto, podendo irritá-los (Dias *et al.*, 2016) ou até mesmo distanciá-los do processo de ensino e de aprendizagem. Por este motivo, pensar em novas práticas pedagógicas e educativas se fazia mais que urgentes. Mas, antes de falar sobre a prática de ensino, vejamos algumas abordagens conceituais sobre a educação.

Ensinar nunca foi e nunca será uma tarefa fácil. Quando estamos falando sobre a educação, estamos falando de uma atividade complexa que necessita de estratégias muito bem desenhadas para obter resultados satisfatórios (Dias *et al.*, 2016) e de um processo que se modifica conforme a dinâmica da sociedade, dependendo dos interesses em debate (Santos, 2005). Segundo Vianna (2006, p.130) “a educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades”.

Na mesma linha de diálogo e complementando o raciocínio de Vianna, Loureiro *et al.* (2003) definem a educação como:

2 Gíria de garimpeiro: Esclarecer uma questão em aberto. Disponível em: <<https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/garimpeiro/investiga%C3%A7%C3%A3o/1>>. Acesso em: 11/01/2023.

[...] prática social cujo fim é o aprimoramento humano naquilo que pode ser aprendido e recriado a partir dos diferentes saberes existentes em uma cultura, de acordo com as necessidades e exigências de uma sociedade. Atua, portanto, sobre a vida humana em dois sentidos: (1) desenvolvimento da produção social como cultura, mesmo dos meios instrumentais e tecnológicos de atuação no ambiente; (2) construção e reprodução dos valores culturais (LOUREIRO *et al.*, 2003, p.12).

Assim sendo, vale destacar que a educação que defendemos foge do bancarismo ou da educação bancária criticadas nas obras de Paulo Freire. Esta concepção de educação diz respeito ao processo pedagógico no qual o ensino se dá pelo depósito e memorização de conceitos, sem muita contextualização e absorção do que está sendo ensinado/aprendido. Para Paulo Freire:

Educar não significa apenas transmitir conhecimento, [...] educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e onde a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual, como em relação à classe dos educandos, é essencial à prática pedagógica proposta. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo será inoperante, somente meras palavras despidas de significação real (FREIRE, 1996, p. 28-33).

Assim como Paulo Freire (1996) e Dias *et al.* (2016), defendemos a ideia de que a Educação deva reconhecer os aspectos históricos, culturais e identitários de um povo para desenvolver da melhor maneira seu papel na sociedade. É importante que este processo seja autônomo e que traga para a discussão temas contextualizados com a realidade dos educandos e/ou dos grupos sociais que se pretende formar.

Isso porque, a vida se mistura com a educação (Dias *et al.*, 2016). Por este motivo, a nossa vivência, em diversos espaços (em casa, na rua, na igreja, nos movimentos sociais, na escola, nos coletivos, nos meios artísticos, etc.), nos proporciona momentos de interação e de aprendizado. Afinal de contas, a educação é uma construção a partir do modo de vida dos grupos sociais, uma invenção da cultura desses grupos (Camacho; Araújo, 2014 *apud* Dias *et al.*, 2016). Levando em

consideração os mencionados espaços, Rego (2018) classifica a educação em três categorias: educação formal³, educação não - formal⁴ e educação informal⁵.

Como bem percebido na literatura visitada, a prática educativa sempre teve a sua ligação com os diversos aspectos e espaços da sociedade. A educação é vista como mola propulsora da sociedade atual e pode ser identificada como arma de grande potência e um bem de valor precioso. Além disso, é possível perceber que o sucesso da vida de qualquer cidadão inserido no modo de vida ocidental costuma estar condicionado à educação (Utzig, 2010 *apud* Dias *et al.*, 2016).

Como abordado acima, o processo de educar precisa alinhar-se à identidade cultural e aos saberes locais, e apresenta um desenho estratégico para obter resultados satisfatórios. Diante desta constatação, o processo educativo precisa deixar de ser apenas um espaço para a aquisição e depósito de saberes. É importante, portanto, reconhecer que é necessário trabalhar com metodologias modernas e atuais para fugir da pedagogia da opressão, do medo, do castigo e tarefaira.

Uma das nossas apostas metodológicas está no alinhamento da educação com a comunicação e nas práticas do binômio Educomunicação. Mas, antes de falar sobre a Educomunicação e suas práxis, faremos um apanhado conceitual sobre comunicação, direito à comunicação e comunicação comunitária/alternativa as quais perpassam pela pesquisa e pelas discussões seguintes.

2.2 Breve apanhado sobre Comunicação

O paradigma clássico da comunicação, apontado por diversos teóricos e pesquisadores da área (Lasswell, 1948; Bordenave, 1983; Wolf, 1995; Beltrão, 1986; 2006; Martino, 2011) apresenta a comunicação como um processo de diálogo e transmissor de mensagem, que envolve, no mínimo, duas pessoas (emissor-receptor). Porém, inúmeras reflexões contemporâneas, a partir das bases teóricas

3 Esta modalidade de educação realiza-se nas escolas e nas universidades, sendo por isso designada ainda por educação escolar, é metodicamente organizada seguindo um currículo, regras e leis de âmbito nacional, dividida em disciplinas e classe de conhecimento (Rego, 2018)

4 De acordo com Gohn (2006) *apud* Rego (2018), a educação não - formal ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de determinados grupos em que as pessoas participam de forma optativa com uma intencionalidade na sua acção e no acto de transmitir ou trocar conhecimentos, enfatiza o compartilhamento de experiências no grupo.

5 A educação informal é um processo contínuo, por meio do qual cada pessoa adquire e acumula naturalmente saberes e habilidades, a partir das experiências diárias e da sua exposição ao meio. (Rego, 2018)

deste campo, atestam a insuficiência deste paradigma (França, 2001) e trazem elementos que abrem caminhos que indicam outra forma de tratar e conceituar a comunicação.

Diante da constatação acima, França (2001, p.15-16) alega que a comunicação pode ser entendida como:

1. “um processo de troca, ação partilhada, prática concreta, interação - e não apenas um processo de transmissão de mensagens;
2. atenção à presença de interlocutores, à intervenção de sujeitos sociais desempenhando papéis, envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos - mais do que simples emissores e receptores;
3. identificação dos discursos, formas simbólicas que trazem as marcas de sua produção, dos sujeitos envolvidos, de seu contexto - e não exatamente mensagens;
4. apreensão de processos produzidos situacionalmente, manifestações singulares da prática discursiva e do panorama sociocultural de uma sociedade - em lugar do recorte de situações isoladas”.

Ou seja, resumidamente, na visão desta pesquisadora, a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos e saberes entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos (França, 2001).

Para Menezes (1973 *apud* Dias *et al.*, 2016), a comunicação significa:

‘estar em relação com’. Representa a ação de pôr em comum, de compartilhar as nossas ideias, os nossos sentimentos, as nossas atitudes. Nesse sentido, identifica-se com o processo social básico: a interação. É uma troca de experiências socialmente significativas; é um esforço para a convergência de perspectivas, a reciprocidade de pontos de vista implicando, dessa forma, certo grau de ação conjugada ou cooperação (MENEZES, 1973, p. 152 *apud* DIAS *et. al.*, 2016, p. 30).

Da mesma forma, Torquato (1996), França (2001), Beltrão (2006) e Martino (2011) defendem a comunicação como sendo um meio para estabelecer relações e

somar experiências a partir da interação. Para Luiz Beltrão (1986), a comunicação é a força que:

fornecendo ideias e informações de acordo com a identidade e valores dos grupos diferenciados e dispersos que constituem a sociedade, e dando curso a diferentes pontos de vista, fomenta os interesses comuns, ora criando, ora desintegrando solidariedades sociais (BELTRÃO, 1986, p.55).

Nesta linha de pensamento, Raymond Williams nos lembra também que a comunicação reforça o sentido de comunidade. Entretanto, a comunidade precisa estar muito bem organizada e saber que até mesmo a comunicação possui funções primordiais na sociedade.

Diante disso, cabe lembrar o que o sociólogo Lasswell (1948) diz sobre o processo de comunicação na sociedade. Segundo ele, a comunicação cumpre três funções principais: 1) a vigilância do meio, revelando tudo o que poderia ameaçar ou afetar o sistema de valores de uma comunidade ou das partes que a compõem; 2) o estabelecimento de relações entre os componentes da sociedade para produzir uma resposta ao meio; e 3) a transmissão da herança social (Lasswell, 1948 *apud* Mattelart, 1999).

Até aqui, entendemos que a comunicação é um processo complexo. Ela depende da relação e da interação com outros indivíduos, compartilhando ideias e significados, modificando ou alterando a realidade em que se inserem (Dias *et. al.*, 2016).

Ademais, é por meio da comunicação que a pessoa convence, persuade, atrai, muda idéias, influencia, gera atitudes, desperta sentimentos, provoca expectativas e induz comportamentos (Torquato, 1996, p.162; Beltrão, 1986, p.57). Isso significa que, quando juntamos o processo de comunicação com os meios de comunicação de massa, por exemplo, esse processo se torna ainda mais complexo por diversas razões. Uma delas diz respeito à constante luta pelos direitos humanos em geral e em particular na comunicação. Assim, como o estudioso Mattelart (2009) relata, novas formas de cidadania precisam ser imaginadas e conquistadas em função das necessidades dos nossos tempos, com o objetivo de materializar uma participação ativa dos cidadãos na vida social.

2.2.1 Comunicação de massa e produção contra hegemônica

Uma das primeiras definições diz que a comunicação de massa engloba as instituições e técnicas por meio das quais grupos especializados utilizam dispositivos tecnológicos (imprensa, rádio, filmes, etc.) para divulgar conteúdo simbólico a grandes públicos heterogêneos e dispersos (Janowitz, 1968 *apud* McQuail, 2013, p.61).

Outra definição, a partir de Beltrão (1986), apresenta o conceito de comunicação de massa como sendo:

o processo industrializado de produção e distribuição oportuna de mensagens culturais em códigos de acesso e domínio coletivo, por meio de veículos mecânicos (elétricos/eletrônicos), aos vastos públicos que constituem a massa social, visando a informá-la, educá-la, entretê-la ou persuadi-la, desse modo promovendo a interação individual e coletiva na realização do bem-estar da comunidade (BELTRÃO, 1986, p.57).

A partir dos conceitos apresentados pelos autores, compreendemos que o processo da construção do discurso para as massas partia de interesses particulares, de uma produção vertical e com pouca ou nenhuma participação da sociedade. A mensagem ou o conteúdo simbólico da comunicação de massa era (e em alguns casos ainda é) "fabricada" de forma padronizada (produção em massa), essas mensagens eram utilizadas, reutilizadas e repetidas em formas idênticas (McQuail, 2013, p.61).

Por muito tempo, existia uma confusão teórica que colocava o processo de comunicação e os meios de comunicação de massa como sinônimos. Diante deste fato, vale dizer que de um lado estão os meios - que são as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)⁶ baseadas na informática ou nas telecomunicações - e a comunicação propriamente dita - que se trata da mensagem e do conteúdo a ser divulgado. Atualmente, existem diversos espaços para esta divulgação.

⁶ Atualmente vem-se discutindo muito a digitalização dos meios a partir do estudos sobre as TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) a partir da BNCC (BRASIL. BNCC. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar: possibilidades. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacaoe-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>. Acesso em 14 de julho de 2023) e de pensadores como Kenski (KENSKI, Vani Moreira. Cultura Digital e Formação de Professores para o Ensino Superior. Disponível em http://www.prgp.usp.br/attachments/article/4318/Cultura_Digital_e_Formacao_de_Professores_USP.pdf. Acesso 14 de julho de 2023).

Segundo McQuail (2013), cada novo meio de comunicação de massa tem sido aclamado por seus benefícios educacionais e culturais e temido por sua influência perturbadora na cultura de massa. Na obra “Apocalípticos ou Integrados”, o filósofo italiano, Umberto Eco (1993), discute alguns conceitos defendidos pelos chamados “teóricos de mídia” (McLuhan e Innis) e aponta análises interessantes para este debate. Para o autor, o antigo modelo de “comunicação de massa” está sendo substituído por um novo sistema que é capaz de abranger e integrar todas as formas de expressão, diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais. Isso significa dizer também que a “cultura de massa”, que vive constantemente em mudança, não está numa “aberração transitória e limitada”, que está em uma queda irreversível, ante o qual o homem de cultura pode dar apenas um testemunho. Mas, que, junto aos “meios de comunicação”, (televisão, o jornal, o rádio, a cinema e a história em quadrinhos, o romance popular e o Reader’s Digest), a massa pode usufruir de todos os bens culturais, tornando leve e agradável à absorção das noções e a recepção de informações (Eco, 1993, p.7-8).

Negrão (2005) nos mostra que os meios de comunicação de massa, em especial aqueles ligados ao jornalismo, são atores essenciais da política contemporânea. Eles são - entre várias outras - uma das principais instituições que, ao estabelecerem os parâmetros cognitivos por meio dos quais as pessoas leem e interpretam o mundo, contribuem para a construção da hegemonia, por meio da qual uma classe dominante consegue instituir uma base de consentimento para certa ordem social (Negrão, 2005, p.8).

Durante muito tempo, entre os anos 20 e 70 do século XX, a questão dos tipos de efeitos provocados nos receptores pelos meios de comunicação de massa, quando considerada com alguma relevância, limitava-se àqueles mais imediatos e diretos. Conforme aquela que pode ser considerada a primeira teoria da comunicação de massa, a teoria hipodérmica, cada indivíduo é um átomo isolado que reage isoladamente às ordens e sugestões dos meios de comunicação de massa monopolizados (Mills, 1993 p.203 *apud* Silva, 2012)⁷.

Isso significa dizer que o jornalismo hegemônico que entra na casa de milhares de brasileiros não tem compromisso com a emancipação social (Ijuim e

⁷ Disponível em: <https://pt.slideshare.net/elizeusilva/aula-02-teoria-hipodrmica>. Acesso em: 20/01/2023

Abreu, 2017). Por este motivo, levando em consideração as contribuições de Guimarães (2015), defendemos a ideia da produção contra hegemônica do jornalismo e consequentemente da comunicação. Segundo a estudiosa, existe uma necessidade de o jornalismo contra hegemônico não se colocar como um objetivo em si mesmo, e sim ser parte de um empenho de direção política e cultural voltado para a organização social concreta da classe trabalhadora (Guimarães, 2015).

Ideia cravada a partir de Gramsci, no Brasil, existe sim a necessidade de construção de uma imprensa e de uma prática jornalística que, mais do que críticas, se pautem por uma construção contra hegemônica no capitalismo. Para isso, é necessário ir além do objetivo - bastante limitado - de esclarecimento do indivíduo ou de democratização das vozes, tendo como objetivo último a construção da consciência para alcançar o grau de consciência de classe visando uma prática de transformação da realidade, principalmente na periferia do capital.

Para entender conceitualmente o que é a periferia do capital, primeiro temos que entender que o próprio capital possui sua centralidade, que está nos países ditos desenvolvidos, como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha etc. Essa centralidade possui suas periferias a exemplo do Brasil, Índia, Argentina etc. A periferia do capital é marcada pela não coordenação global do capital, ou seja, os países que não estão na centralidade não coordenam o capital globalmente. Em toda periferia poderá ocorrer alguns fenômenos, por exemplo, de autoritarismo, principalmente no lumpemproletariado e no exército reserva, segundo a teoria da dependência, vinda da corrente Marxista.

Nesse contexto, os veículos de comunicação possuem um papel importantíssimo. Entretanto, muitas vezes, são os mesmos veículos que cooperam com as demandas do capital, e se comportam como um partido ideológico do capitalismo, para legitimar o massacre contra o proletariado e o exército reserva. Em muitos os casos, é a própria mídia que criminaliza essa população, principalmente a população quilombola, negra, indígena e periférica - quem não trabalha de acordo com a lógica do capital é vagabundo e não merece ter respeito e direitos.

Diante da constatação, concordamos quando McQuail (2013) diz que, atualmente, manifestam-se mais medos do que esperanças sobre o papel esclarecedor das principais mídias de massa, já que elas procuram cada vez mais ter lucros em um mercado altamente competitivo no qual o entretenimento tem mais valor de mercado do que a educação ou a arte.

Nesse sentido, se faz mais que necessário pensar nas diversas possibilidades de criar canais de comunicação contra hegemônicos por dois motivos: 1º) no Brasil, os meios de comunicação de massa estão nas mãos de poucos e concentra-se em basicamente cinco grandes empresas de telecomunicações, a saber: Globo, Bandeirantes, Record, RBS e Grupo Folha e 2º) a comunicação é um direito humano e todos, por meio da comunicação alternativa, podemos pensar por nós e a partir de nós.

2.2.2 Direito à Comunicação e comunicação alternativa

As discussões acerca dos direitos dos indivíduos ao acesso à comunicação iniciaram-se por volta dos anos de 1948, com a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. No Artigo 19 do documento, é assegurado internacionalmente que “toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e a liberdade de expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

O mesmo direito também é garantido pelo *Pacto de Assuntos Econômicos, Sociais e Culturais* e pelo *Pacto Internacional de Direitos Cívicos e Políticos (PIDCP)*, de 1966. Já o *Pacto de San José da Costa Rica*, de 1992, da *Convenção Americana Sobre os Direitos Humanos*, diz em seu Artigo 13 que:

não haverá censura prévia (com exceção daquela com o objetivo de proteção moral de crianças e adolescentes no acesso a espetáculos públicos), mas impõe a responsabilização posterior do autor no exercício da liberdade de expressão. Ambos os tratados (o PIDCP e o Pacto) trazem também a obrigação de a lei proibir a propaganda em favor da guerra e a apologia do ódio nacional, radical, racial ou religioso que constitua incitamento à discriminação, à hostilidade ou à violência (discurso de ódio). Em outras palavras fica garantido a todos e todas o direito de professar sua opinião, mas algumas dessas opiniões podem e devem ser responsabilizadas caso incorram em preconceito contra pessoas e principalmente contra grupos sociais, étnicos, religiosos, etc. (INTERVOZES, OBSERVATÓRIO DO DIREITO À COMUNICAÇÃO, ONLINE, 2007⁸).

No Brasil, para defender o direito à comunicação, utiliza-se além desses argumentos citados acima, uma “carta curinga”, a Constituição Federal. Nela, existe

⁸ Disponível em: http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?page_id=28548. Acesso em 11/11/2022.

um artigo que apresenta outro conceito muito importante para esse debate, à *liberdade de expressão*, que também aparece como um direito essencial para todos.

Segundo o Artigo 5^a da Constituição Federal Brasileira:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes (BRASIL, Constituição, 1988).

No mesmo artigo é assegurado também o “direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem” e também que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. Porém, “a suposta igualdade perante a lei, declarações e pactos, é prejudicada pelas desigualdades econômicas e culturais no contexto das relações de poder” (Mattelart, 2009, p. 35). Isso acontece pelo fato de que “a cada avanço na velocidade das tecnologias de expressão e de transmissão cria desigualdades na apropriação dos meios econômicos e técnicos de comunicação” (Mattelart, 2009, p. 37).

Observa-se que o direito à liberdade de expressão/comunicação se faz necessário para a humanidade, porém, não poderemos deixar de problematizar também os impactos negativos que esse direito traz consigo. Não está na essência do direito à comunicação, por exemplo, os discursos de intolerância religiosa, racistas, lgbtqiapn+fóbicos e de ódio, que são construídos todos os dias.

Diante dessas discussões, foi-se materializando o direito à liberdade de expressão, e com isso foram surgindo alguns conceitos que ampliaram os direitos da comunicação. O primeiro conceito a ser empregado foi o de *direito à informação* que se diz respeito ao indivíduo poder se informar da maneira que ele desejar e ser informado, assim como o conceito de *liberdade de imprensa* que retoma um pouco na discussão de ter liberdade de dizer, escrever, documentar e o mais importante nesse processo, veicular tudo o que é produzido. Assim, vale dizer que os direitos da comunicação

não incluem apenas a comunicação na esfera pública (liberdade de expressão, de imprensa, o acesso à informação pública e governamental, a diversidade e a pluralidade dos meios de comunicação e dos conteúdos). Eles abrangem a produção e o compartilhamento de conhecimentos; os direitos civis, como a privacidade; os direitos culturais, como a diversidade linguística (MATTELART, 2009, p. 43).

Para além da Constituição Federal, o direito humano à comunicação também está presente em diversas leis que precisam urgentemente serem regulamentadas em nosso país. As principais leis que gerenciam o setor são: o Código Brasileiro de Telecomunicações (CTB) e o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão (Decreto nº 52.795/1963), quando se trata de radiodifusão; a Lei Geral de Telecomunicações (Lei nº 9.472/1997), que regulamenta os serviços de telefonia e conexão à internet; e também o Marco Civil da Internet (Lei nº 12.965/2014), que garante direitos aos usuários digitais. Leis estas que, até o momento, concentram a concessão de radiodifusão e TV nas poucas mãos, como mencionado anteriormente, e que precisam ser constantemente discutidas com a sociedade.

O processo de distribuição de concessões, além de não ser nada democrático é um tanto problemático. A Constituição em seu artigo 221, pauta que tanto as rádios quanto as TVs devem ter diversidade cultural e artística e nos diz que é de extrema importância que a programação seja ou tenha, no mínimo, pautas educativas e informativas. Mas, na maioria dos casos, não é isso que vimos. Ou seja, entender a comunicação como um direito humano significa:

opor-se à sua transformação em mercadoria, reconhecendo que ela é imprescindível para a realização plena da cidadania. Implica também ver a comunicação como campo público, de lutas sociais, em oposição à visão privada, tecnocrática, de que ela constitui uma arena de proprietários e especialistas (BRIANEZI, 2017, p. 79).

Diante de tal problemática, diversos debates e mobilizações a respeito da mudança nas leis de rádio e televisão estão acontecendo em vários países da América Latina, a exemplo do México, Argentina e Brasil. Em repercussão a esta postura crítica em andamento,

na América Latina, por iniciativa das redes de Comunicação popular e do movimento de alterglobalização, há campanhas continentais em defesa dos direitos da Comunicação e contra a concentração. As linhas de ação, estudos e trabalhos da XII Plenária do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), realizada em Belo Horizonte, em 2006, dão uma ideia do grau de maturidade do dessas reivindicações coletivas pela mudança nos sistemas de comunicação. Entre os temas propostos estavam: legislação e regulamentação da Comunicação; tecnologia digital e mudança social; concentração da mídia; radiodifusão pública e comunicação comunitária. E entre um grande número de estratégias estavam: a construção do controle social dos meios de comunicação; a capacitação da sociedade e dos cidadãos para o conhecimento e ação na área das Comunicações; e o desenvolvimento de uma política nacional de cultura (MATTELART, 2009, p. 45).

Os meios de comunicação mais presentes nos domicílios do Brasil são: televisão e celular. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE de 2023 mais de 90% deles possuem, no mínimo, um aparelho televisivo e 62% possuem aparelho celular. Os meios de comunicação social que não deveriam ser objeto de monopólio ou oligopólio acabam fazendo com que regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei, não sejam seguidos. Esse desequilíbrio também é visto no campo das rádios e como se trata de algo recorrente, na internet essa realidade não seria diferente.

A nível de dados, das mais de 4.800 rádios comunitárias existentes no país, apenas 32 delas estão em zonas rurais e nenhuma em território quilombola. E, por conta dessa disparidade na tentativa de democratização da comunicação, várias ideias e coletivos surgem para discutir e ou amenizar este quadro. São exemplos: Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), os vinte pontos para um novo Marco Regulatório das Comunicações no Brasil, as campanhas para Expressar a Liberdade: uma nova lei para um novo tempo, a Campanha Banda Larga é um Direito Seu, o Fórum Mídia Livre, o Programa Nacional de Direitos Humanos e as Frentes Parlamentares pela Liberdade de Expressão e o Direito à Comunicação com Participação Popular e de Combate aos Crimes na Internet.

Diante disso, podemos afirmar que a liberdade de expressão e de comunicação é um exercício de cidadania, entendido como um direito fundamental nos debates contemporâneos e que qualifica cada vez mais o debate público e, conseqüentemente, a própria sociedade. Mas, como todo direito, é uma conquista e não um ganho permanente. Assim, em um estado que enfrenta graves tempos de crise política e de revogação de direitos, o cidadão precisa estar alerta para que também a liberdade de se expressar e de se comunicar não seja cerceada.

Em uma entrevista ao Podcast Pegando Bigu, Charô Nunes, do Blogueiras Negras, uma mídia independente na internet, relata: "não podemos falar em democracia se estamos morrendo. A luta pela comunicação é luta pela própria vida". Outro movimento que foi fortalecido durante a pandemia da Covid-19 foi o "demarcando terras, demarcando telas"⁹, em que lideranças indígenas, a exemplo da Sonia Guajajara, lutam para garantirem direitos e amplificar as vozes e visões

9 Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/sonia-guajajara-demarcando-terras-demarcando-telas>. Acesso em: 15/01/2024.

dos povos originários. Diante da problemática do oligopólio e monopólio das grandes mídias, surge o ativismo de mídia. Em sua base conceitual, entende-se por ativismo de mídia a participação popular, igualdade social e acesso a novos direitos, como o de se comunicar. Pensar na comunicação popular e comunitária e na formação de jovens para uma leitura crítica da mídia e dos meios de comunicação, a partir da sua participação popular e da educação para as mídias ou da própria educomunicação, é mais fácil pensar em meios alternativos de comunicação para amenizar a problemática da democratização da comunicação.

Com objetivo de criar e/ou promover uma organização e principalmente a conscientização, visando satisfazer os interesses e direitos de cidadania, os movimentos populares de base buscam a cada momento ter acesso às condições de produção e de consumo de bens de uso coletivo, como por exemplo: promover o desenvolvimento educativo-cultural da pessoa; contribuir para a preservação ou recuperação do meio ambiente; assegurar a garantia de poder exercitar os direitos de participação política na sociedade e assim por diante (Peruzzo, 2007).

Assim, como as rádios comunitárias devem representar um bairro, uma comunidade, sendo a voz do povo de uma determinada localidade, os produtos produzidos e divulgados a partir de meios de comunicação alternativos devem ter como principal intencionalidade abrir possibilidades para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo (Peruzzo, 2007).

Os meios de comunicação que devem ser desenvolvidos com a intenção de serem comunitários, devem ser abertos ao diálogo e ao debate. É um meio de comunicação alternativo, popular e/ou comunitário que necessita ultrapassar o limite de ter em sua grade de programação apenas atrações musicais, como acontece em diversas rádios da nossa região.

Para Ruas (2004), nos modelos atuais de radiodifusão comunitária, a forma da organização e a falta de recursos, aliadas aos problemas de recursos humanos - falta de preparação dos produtores e locutores que são representantes da própria comunidade - revelam os grandes obstáculos das emissoras investigadas, limitando-as a oferecer formas de interação coletiva apenas através de programas de seleção musical. Não há conhecimento suficiente assimilado pelos locutores para que sejam fomentadores de debates, críticas, questionamentos; entretanto, fazem o que sabem, ficando extremamente prejudicada a interatividade com a emissora.

Os meios de comunicação comunitária, seja ele o rádio ou a TV, ou os mais utilizados na contemporaneidade, as mídias e redes sociais, bem como o Metaverso, deveriam pôr o “ouvinte” cada vez mais em contato com sua realidade, para compreendê-la e poder transformá-la. Segundo Peruzzo (1991, p.162), “a rádio comercial nunca fala da realidade do povo, mas sim de outras coisas, de outras realidades, justamente para estorvar a luta popular pela transformação da sociedade em que vivemos”.

Por este motivo, é preciso que toda a comunidade esteja envolvida, apresentando propostas diferentes de fazer comunicação, e principalmente procurar a criatividade que habita em cada um e cada uma. Afinal, foi para este fim que os meios de comunicação comunitários foram criados: para desenvolver atividades distintas do que está indo ao ar nas emissoras comerciais, fazer ecoar a voz da comunidade (que em muitos casos não possuem acesso aos meios convencionais de comunicação de massa), e sem se preocupar com audiência. Até por que:

os meios populares/comunitários de comunicação veem suas temáticas reforçadas no conjunto da sociedade. À primeira vista, poder-se-ia pensar que essa situação geraria um esvaziamento da mídia comunitária, o que não se verificou. Primeiro, porque os meios comunitários se baseiam em demandas muito específicas, de acordo com a realidade de cada lugar ou movimento social a que esteja ligado. Segundo, porque eles nem se propõem a falar para as grandes audiências, o que mostra o papel complementar desempenhado pelas mídias comercial e educativa na sensibilização da sociedade para os temas da cidadania. Terceiro, porque revelam uma capacidade fantástica de inovar e incorporar novos canais de expressão, práticas e conteúdos (PERUZZO, 2007 p. 4).

Infelizmente, quando uma associação se organiza e consegue uma licença de rádio comunitária, tende a fazer igual às rádios comerciais já existentes. Para Ruas (2004, p. 152), no caso das rádios comunitárias, “a participação popular deveria ser entendida e exercida como um todo, de forma completa, desenvolvendo os três níveis primordiais de participação: decisões, execução e verificação de resultados”. Mas, segundo a autora, a participação não é algo que se possa impor à comunidade. Trata-se de um processo de conscientização, de desenvolvimento de consciência. Uma aprendizagem e, conseqüentemente, uma conquista.

A mídia comunitária é um campo extremamente cheio de conflitos. Mesmo esses espaços de mídia alternativa tendo em seu rótulo “comunitárias”, algumas são operadas como negócio comercial de fato, outras são religiosas e/ou estão a serviço

de políticos (Peruzzo, 2007). Existem até algumas rádios que seguem até certo ponto as características de uma rádio comunitária, porém, com personalismo dos líderes. São várias as controvérsias que a autora apresenta em seu texto. Porém, em seus estudos, Peruzzo aponta um caminho para o fazer comunicação alternativa muito promissor. Seria através de práticas que utilizem a ferramenta teórico-metodológico da Educomunicação.

E, nesse sentido, todos os projetos que utilizem práticas Educomunicativas, sejam nas esferas comunitárias ou escolares, devem utilizá-las de forma consciente e devem seguir até o fim com suas características de mídia comunitária. Desenvolvendo produtos feitos para o povo a partir do povo ou da escola partindo dos próprios envolvidos no processo.

Mas, afinal, de que Educomunicação estamos falando?

2.3 Educomunicação: o conceito e a prática

A primeira vez que a Educomunicação - ou *Educommunication* - surge em documentos, nos anos 1980, pela UNESCO, aparecia como sinônimo de *Mídia Education*. O conceito visava suprir uma lacuna existente à época para designar todo esforço das práticas educativas que tinham vínculos aos efeitos dos meios de comunicação na formação de crianças e jovens (Soares, 2011, p.11). Quase 20 anos mais tarde, após pesquisas realizadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP), esse conceito começa a ser empregado por pesquisadores brasileiros que defendiam a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação humanas.

De acordo com a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), criada em 2012 por diversos pesquisadores e pesquisadoras da área, entre eles Ismar Soares, o *lócus* da prática educacional seria justamente a interface entre a Comunicação e a Educação (Soares, 2011, p.11; SOARES, online¹⁰). Essa interface constitui-se como um campo transdisciplinar de diálogo, garantidor de oportunidades para reflexões e ações, uma vez que a mídia é repleta de conteúdos que permeiam e transformam os indivíduos e suas relações (Fortunato; Torquato, 2015). Trata-se de um campo emergente que leva à

10 Disponível em: <https://abpeducom.org.br/educum/conceito/>. Acesso em: 12/01/2023.

apropriação democrática e autônoma de produtos de comunicação (França, *et al.*, 2017).

Na mesma linha de raciocínio, a organização autônoma e sem fins lucrativos, referência no mapeamento, criação e divulgação de projetos de inovação educacional, o Porvir, criada no mesmo ano da ABPEducom, define a Educomunicação como um conjunto de ações que buscam criar e fortalecer a comunicação dentro de espaços educativos, formais e não formais, integrar práticas educativas aos sistemas de comunicação e melhorar a capacidade de expressão de comunicação dos alunos (PORVIR, 2012)¹¹. Nesse sentido, a Educomunicação é entendida como prática essencial, sócio-educativo-comunicacionais, e serve como orientador de ações abertas e democráticas na sociedade.

Segundo Tassara (2008) *apud* Dias *et. al.* (2016),

a educomunicação pode ser definida, também, nas práticas educativas que visam levar à apropriação democrática e autônoma de produtos de comunicação, por meio dos quais os participantes passam a exercer seu direito de produzir informação e comunicação (TASSARA, 2008, p.09 *apud* DIAS *et. al.*, 2016, p.33).

Freire e Carvalho (2012) enfatizam que:

a educomunicação como instrumento de construção de novos saberes e de democratização da informação pode contribuir para o estímulo ao senso crítico, para a conscientização, sensibilização e definição de novos pilares sociais que apoiem a formação de uma sociedade mais cidadã (FREIRE; CARVALHO, 2012).

Já Fortunato e Torquato (2015) a define como sendo aquela que visa a integração do conhecimento a partir do momento em que transcende dos meios para as mediações, entendendo que a mídia é repleta de conteúdos que permeiam e transformam os indivíduos e suas relações. Segundo Patusse *et al.* (2018), pensar a Educomunicação é compreender a relação existente entre Educação e Comunicação, é entender como os nossos discursos podem se conectar com outros discursos e promover diálogos coletivos em prol de um bem comum.

Além dessas definições conceituais, vale mencionar também como a Rede de Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP) entende a educomunicação. No

¹¹ Disponível em: <https://porvir.org/educomunicacao/>. Acesso em: 12/01/2023.

encontro realizado pela Rede em 2009, os membros participantes validaram e educomunicação como

o conjunto de processos que promovem a formação de cidadãos participativos política e socialmente, que interagem na sociedade da informação na condição de emissores e não apenas consumidores de mensagens, garantindo assim seu direito à comunicação. Os processos educamunicativos promovem espaços dialógicos horizontais e desconstrutores das relações de poder e garantem acesso à produção da comunicação autêntica e de qualidade nos âmbitos local e global. Sendo assim, a educomunicação contempla necessariamente a perspectiva crítica em relação à comunicação de massa, seus processos e mediações (SOARES, 2011, p. 38).

Diante de tais constatações, o mais importante neste processo é deixar de lado aquela visão limitada de que o conceito serviria apenas como a aplicação das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no ensino (Soares, 2011, p.13). Segundo o mesmo autor (2011), nas práticas educamunicativas as TICs não ganham espaço para discussão, pois já estão naturalmente inseridas nos processos educacionais contemporâneos.

Em seu livro *“Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação - contribuições para a reforma do ensino médio”*, Ismar Soares (2011) ainda nos apresenta quatro linhas de articulação teórico-prático da Educomunicação. São elas: 1ª Pressupostos; 2ª Educomunicação como campo de interface; 3ª A educomunicação nos distintos âmbitos da prática educativa; e, 4ª A formação do professor-educomunicador.

As quatro linhas são importantíssimas na formação e transformação de novas práticas educativas. Mesmo dando maior destaque às duas últimas linhas de articulação, falaremos brevemente sobre as duas primeiras. A 1ª linha faz um apanhado para construção do diálogo entre a comunicação e a educação. Para Soares (2011), a educação só é possível enquanto “ação comunicativa” e relata que toda comunicação - enquanto produção simbólica e intercâmbio/transmissão de sentido - é, em si, uma “ação educadora”.

Na 2ª linha de articulação, o autor apresenta que mesmo que entendam a comunicação e a educação como áreas distintas, existe uma interconexão percebida secularmente pelas próprias exigências da sociedade. Para o autor, a educomunicação tem por função qualificar as relações a partir de interação e que

conceitos como democracia, dialogicidade, expressão comunicativa, gestão compartilhada dos recursos da informação fazem parte do seu vocabulário.

Já na 3ª linha de articulação, o autor apresenta o conceito em três âmbitos distintos na esfera da educação formal, superando a visão limitada, apresentada anteriormente. Os três âmbitos são:

1º *No âmbito da gestão escolar*, convidando a escola a identificar e, se necessário, a rever as práticas comunicativas que caracterizam e norteiam as relações entre a direção, os professores e os alunos no ambiente educativo. [...]

2º *No âmbito disciplinar*, sugerindo que a comunicação, enquanto linguagem, processo e produto cultural (seus sistemas, linguagens e tecnologias), se transforme em conteúdo disciplinar, isto é, em objeto específico do currículo no âmbito da área denominada "Linguagens, Códigos e suas Tecnologias". [...]

3º *No âmbito transdisciplinar*, propondo que os educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação das condições de vida à sua volta, mediante projetos educacionais legitimados por criatividade e coerência epistemológica. [...] (SOARES, 2011, p. 19).

As três realidades apresentadas nos mostram o quanto trabalhar com a Educomunicação no ambiente escolar é importante para a construção e transformação de sujeitos ativos e autônomos na escola e conseqüentemente na sociedade. Utilizar a comunicação, vista por muitos como o 4º poder, nas práticas escolares, em ambientes formais e também nos ambientes não formais de formação, é dar poder na mão dos jovens e das diversas comunidades que vivem algum tipo de conflito.

Sabemos que todos os processos de ensino e de aprendizagem passam pelo crivo da comunicação (seja visual, interpessoal, oral, escrita e etc.) e, a mesma, empregada de forma correta no ambiente escolar, poderá gerar transformações de toda sorte seja na relação entre direção, professores e alunos ou no próprio processo de ensinar e aprender. Afinal, a educomunicação como ferramenta teórico-metodológica, coloca os estudantes em pé de igualdade com o professor a fim de aprenderem e construir juntos determinados produtos e discutirem determinados temas. Neste sentido, é importante frisar que o professor ou educador sairia do papel central de lecionador de aula e detentor de todo conhecimento e passaria a

ser um mediador¹² naquele processo, afinal de contas, e como preconiza Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2003, p. 47).

Quanto ao âmbito transdisciplinar, é importante frisar o fato de que, ao usar a Educomunicação enquanto metodologia, envolvendo diversos componentes curriculares e áreas diversas, o educando entenderá um dado problema de uma forma mais ampla e contextualizada. Além disso, será também um agente transformador, uma vez que o mesmo fará parte de todo o sistema de produção de conhecimento, propondo ações para resolução de um dado problema, por exemplo.

Anna Penido, no texto *Educação pela Comunicação*, aborda a observação crítica, a experimentação, interatividade, inclusão, criatividade, cooperação e a participação como exemplos de princípios fundamentais desta prática que, para a autora, constitui-se em uma metodologia de ensino e aprendizagem, como descrevemos acima. Penido (2008) pressupõe a existência de quatro etapas essenciais nas práticas educacionais, são elas: a preparação, o planejamento, a produção e a disseminação.

Este processo pode ser observado em diversos projetos de Educomunicação presentes na plataforma Porvir e em projetos extensionistas que tem em sua centralidade a Chapada Diamantina¹³, encontrados nos arquivos do Campus XXIII da UNEB-Seabra e em outros espaços.

Voltando ao texto de Soares (2011), a 4ª linha de articulação apresentada refere-se ao processo de formação do professor-educador. É importante destacar que, mesmo que as TICs estejam imbricadas no processo de ensino e aprendizagem, existem diversos preconceitos por parte de alguns educadores, quando envolvemos o mundo da comunicação e suas tecnologias ao universo da educação e suas didáticas. Segundo o autor, a sociedade não se deu conta da necessidade de formar os educadores para dominar as linguagens produzidas socialmente na construção da cultura contemporânea. Para ele:

Hoje, faz pouco sentido suprir a carência dos docentes para uma formação ligeira - “oficineira” - sobre como operar equipamentos. Na verdade, o universo da comunicação representa, na contemporaneidade, um mundo de cultura que jamais poderia ser reduzido a um conjunto de ferramentas. A

12 O mesmo acontece com as EFAs (Escolas Famílias Agrícolas). O nome “professor” é substituído por “monitor”.

13 Os projetos existentes na Chapada serão apresentados nos resultados desta pesquisa.

proposta educacional é facultar ao sujeito educador que se transforme, sem receios e com desenvoltura, em sujeito educacional (SOARES, 2011, p.19-20).

O sujeito educacional, além de se preparar para essa nova esfera, deve pensar também em temas que merecem maior destaque na formação ou nas formações que ele venha a mediar. Tanto o Porvir quanto a ABPEducom, e vale mencionar também o 4º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2030, defendem que a educação em temas como gênero, raça e etnia como os mais urgentes, como consta no item 4.5 do mencionado ODS:

Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade. (ODS, ONLINE¹⁴).

Vale acrescentar também a educação identitária, afinal estamos trabalhando em um importante e vasto Território com Identidades múltiplas.

A pesquisa sobre a prática educacional e seu conceito têm caracterizado a ação de aproximadamente 60 centros de pesquisas de pós-graduação, nas áreas da comunicação, da educação e das ciências humanas, em todo o Brasil, segundo dados levantados pela ABPEducom em 2016¹⁵. Em pesquisa rápida no banco de teses e dissertações da CAPES, atualizando dados sobre o conceito que a mesma plataforma traz, encontramos mais de 420, entre 2001-2022 (200 a mais que no último levantamento feito pela ABPEducom, que ocorreu entre 1999-2016).

Segundo o mesmo levantamento da ABPEducom, uma das utopias dos defensores do conceito é vê-lo adotado em benefício de mais de 50 milhões de estudantes do ensino básico, em todo o país, tanto no ensino público quanto no privado, como sinônimo de educação para a plena cidadania ou, ainda, vê-lo colocado a serviço das práticas de sustentabilidade, a partir da educação socioambiental, conceito este que abordaremos a partir de agora.

14 Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 16/01/2024.

15 Disponível em: <https://abpeducom.org.br/educam/conceito/>. Acesso em: 12/01/2023

2.4 Educomunicação socioambiental e sua proximidade com a Educação Ambiental crítica

Como abordado acima, a educomunicação trabalha numa perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar. O princípio é válido, segundo Soares (2011), para o tratamento de assuntos complexos no âmbito dos denominados “temas transversais”, como saúde, multiculturalidade, ética e meio ambiente. O meio ambiente, área do nosso interesse, só poderá ser trabalhado a partir da lógica de que o ser humano integra a paisagem em que está historicamente inserido e também só poderá ser tratado com base em uma visão inter e transdisciplinar das questões em foco (Soares, 2011). Afinal de contas, devemos pensar o meio ambiente não como sinônimo de natureza, mas como uma base de interações entre o meio físico-biológico com as sociedades e a cultura produzida pelos seus membros (Sorrentino *et al.*, 2005).

Nesse contexto, a educomunicação ganha uma nova interface - a socioambiental. Uma expressão nova que vem ganhando força no âmbito acadêmico e também no campo da Educação Ambiental (EA) através das ações do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) do Ministério do Meio Ambiente, após o lançamento do documento *Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação*, organizado por Francisco de Assis Morais da Costa, em 2008.

A interface socioambiental da educomunicação é definida como um conjunto de ações e valores marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo e é identificada pelo ProNEA tanto como uma episteme quanto como uma metodologia de trabalho (Costa, 2008 *apud* França *et al.*, 2019), além de possuir na sua centralidade a formação crítica e reflexiva dos sujeitos da mesma forma que preconiza a Educação Ambiental Crítica.

A educomunicação em seu viés socioambiental é um campo comum e unificador da Educação Ambiental, da Comunicação Ambiental (Mayolo, 2012) e também do Jornalismo Ambiental. Mas, somente a partir dos anos 2000 que as relações entre a Educomunicação e a Educação Ambiental começaram a ficar mais presentes em discussões acadêmicas brasileiras,

refletindo-se em publicações científicas em diversas áreas e, ainda, integrando os textos de normas legais e de programas e diretrizes

específico de políticas públicas de educação ambiental no Brasil (ALVES; VIANA, 2020, p.111).

A relação ainda poderá ser identificada nos princípios norteadores apresentados no ProNEA, contemplando compromissos com: (1) o diálogo permanente e continuado; (2) a interatividade e a produção participativa de conteúdos; (3) a transversalidade; (4) compromisso com o encontro e diálogo de saberes; (5) a proteção e a valorização do conhecimento tradicional e popular; (6) a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental; (7) o direito à comunicação e (8) compromisso com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana (Costa, 2008; Soares, 2011; França, *et al.*, 2019).

Segundo França *et al.*, (2019), a educomunicação socioambiental dialoga com os princípios da EA crítica fomentando possíveis reflexões sobre os desafios contemporâneos socioambientais dentro das escolas. Para as estudiosas, a educomunicação socioambiental tem como foco a geração de saberes na interação social e com a natureza, enquanto que a Educação Ambiental crítica promove a emancipação dos diferentes grupos sociais. Assim, enquanto a educomunicação “liberta os receptores do papel de decifreadores automáticos, a educação ambiental crítica apoia-se na construção coletiva e dialógica da racionalidade ambiental” (Brianezi; Gattás, 2022, p.38).

Destaca-se que algumas abordagens sobre a temática da educomunicação e da educomunicação socioambiental foram mencionadas acima. Entretanto, é importante tecer a seguir algumas considerações sobre a Educação Ambiental e a sua perspectiva crítica para entender as suas relações e interconexões.

Antes de abordar sobre a EA na sua perspectiva crítica, apresentamos o texto que consta na Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei nº 9795/1999, sobre a sua base, que é a EA. No art. 1º da mencionada Lei, entende-se por EA:

os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

No mesmo documento/Lei, em seu artigo 2º enfatiza a questão da interdisciplinaridade metodológica como componente essencial à práxis educativa

ambiental. Além disso, essa prática precisa estar articulada com todos os níveis e modalidades de ensino, seja ela formal ou não formal. O fato apresentado já nos dá indícios de certa aproximação das duas linhas de pensamento.

A Educação Ambiental

surge como uma resposta à crise ambiental em intenso crescimento a partir da segunda metade do século 20. Tem suas bases filosóficas e políticas lançadas no decorrer da década de 70, em sucessivas Conferências Internacionais, situando-se como uma nova dimensão educativa, de caráter interdisciplinar, que procurava trazer o ambiente em sua totalidade ou parcialmente para as disciplinas escolares já existentes, particularmente na área de Ciências (AMARAL, 2001, p.77).

Por mais que a EA não deve ser implantada como um componente curricular dentro do ensino, ela precisa estar imbricada a projetos que propõem transformações e que convoque mudança de valores, atitudes, reflexões e ações aqui e agora, individuais e coletivas, da sociedade civil, dos governos, das escolas, e das comunidades (Santos; Borges, 2015, p.8).

Para Layrargues (2002) a Educação Ambiental é:

um processo educativo eminentemente político, que visa ao desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores sociais geradores de riscos e respectivos conflitos socioambientais. Busca uma estratégia pedagógica do enfrentamento de tais conflitos a partir de meios coletivos de exercício da cidadania, pautados na criação de demandas por políticas públicas participativas conforme requer a gestão ambiental democrática (LAYRARGUES, 2002, p. 169).

Já Sorrentino *et al.*, 2005, a define como:

processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e corresponsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais (SORRENTINO, *et al.*, 2005, p.289).

Percebemos até aqui que as áreas se encontram em diversos momentos. Parece que estamos falando de um mesmo conceito. Porém, fizemos uma abordagem da educomunicação e da sua perspectiva socioambiental, fizemos uma

abordagem também sobre a EA e é importante que venhamos fazer algumas observações também sobre a EA crítica para percebermos outras proximidades.

Percebemos durante as nossas pesquisas que:

Resgatar as origens e conceitos da educomunicação e da educação ambiental crítica nos permite compreender as aproximações existentes entre os dois campos do conhecimento. A clareza dessa articulação se faz necessária para o entendimento da proposta de como a educomunicação pode ser utilizada como alternativa metodológica para a implementação da EA crítica (FRANÇA *et al.*, 2017, p.12).

Enquanto na Educação Ambiental

os temas geradores servem como eixos articuladores entre as temáticas e disciplinas, e devem ser definidos pela coletividade e pelo diálogo no desvelamento de problemas, partindo de um eixo comum, da convicção de que todos sabem algo que é válido e de que cabe ao sujeito individual construir o conhecimento e ressignificar o que aprendeu (LOUREIRO, 2012, *apud* FRANÇA *et al.*, 2017, p.15).

A educomunicação socioambiental vem a colaborar com esses educandos no enfrentamento de conflitos mediante procedimentos que trabalhem com gestão de controvérsias (Soares, 2001 *apud* França *et al.*, 2017).

A Educomunicação aproxima o campo da EA à perspectiva de uma comunicação popular educadora, autonomista e democrática (Costa, 2008). A educomunicação socioambiental não reduz a EA a práticas descontextualizadas e sim afirma o caráter dialógico, político, coletivo e democrático que a EA crítica assume, tornando-se ensino formal uma ferramenta de ensino atraente aos olhos dos alunos e professores (França *et al.*, 2017).

Ou seja, a Educomunicação Socioambiental é uma prática educativa mediatizada e redimensionadora do papel tanto do professor quanto dos alunos, tendo nas aulas as bases para a integração efetiva entre a educação e a comunicação, que na perspectiva da Educação Ambiental (EA) converge para uma experiência enriquecedora (Belloni, 2008, p. 54 *apud* Souza; Almeida, 2013). Assim, ainda nesta perspectiva, reconhecemos que a EA seja

um processo permanente, que deve dialogar com as paixões e inquietações mais profundas dos sujeitos, dizer respeito à realidade local e ser pautada pelo diálogo de saberes e por formas mais democráticas de produção e distribuição do conhecimento (BRIANEZI; GATTÁS, 2022, p.39).

Alves e Viana (2020), em seu texto *“Interface entre Educomunicação e Educação Ambiental nas políticas públicas e em teses e dissertações brasileiras”*, nos apontam também a reflexão acerca do relacionamento comum entre a Educomunicação e Educação Ambiental, para os estudiosos,

tanto a Educomunicação como a Educação Ambiental se relacionam diretamente com o campo da Educação, bem como propõem por meio e a partir do processo educativo, uma perspectiva de mudança de relações, seja sob o aspecto das relações entre os sujeitos ou instituições, seja de suas relações com o meio ambiente e a sociedade nos quais se inserem (ALVES; VIANA, 2020, p.110).

Da mesma forma como acontece com a educomunicação, a sua vertente socioambiental também possui passos e/ou etapas a serem seguidas. França *et al.* (2017) nos apresenta 5, são elas: 1) levantamento do tema gerador; 2) diagnóstico participativo socioambiental; 3) escolha do tipo da peça; 4) levantamento de dados e construção de um banco de informações; e, 5) divulgação.

Para elucidar, vejamos a seguir alguns projetos que utilizam a educomunicação socioambiental como ferramenta metodológica para a solução de problemas ou para pôr em prática ações sustentáveis.

2.4.1 Experiências em Educomunicação Socioambiental no Brasil

As experiências em Educomunicação Socioambiental poderão ser vivenciadas em diversos ambientes formativos, sejam eles formais ou informais. Os produtos gerados por essas práticas poderão também ser de diferentes meios e possuírem estratégias de divulgação distintas. Nesta subseção, selecionamos quatro importantes projetos que utilizam a educomunicação socioambiental como ferramenta metodológica. Esses são exemplos de uma infinidade de projetos existentes Brasil afora.

Patusse *et al.*, (2018) nos apresentam em seu artigo: *A Educomunicação como ferramenta para o diálogo na Educação Ambiental*, um importante projeto desenvolvido na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Dois Vizinhos, que provoca questionamentos referentes ao atual modelo de relação sociedade-natureza, por meio da comunicação visual. Trata-se de um processo educativo que utiliza placas com mensagens para promoção de reflexão com a

intenção de conservar o patrimônio ambiental e proporcionar o questionamento, o diálogo e a reflexão sobre a relação que estabelecemos com a natureza. Não somente na percepção ecológica, mas também a partir de aspectos sociais, estéticos, éticos, políticos e entre outros (Patusse *et al.*, 2018)

Também utilizando a comunicação visual, agora por meio do cinema e do audiovisual, é importante citar a iniciativa educacional ambiental da Organização Não Governamental *Ecofalante*. A plataforma da organização foi fundada em 2003 com o objetivo de criar e trabalhar em projetos que contribuíssem para o desenvolvimento sustentável do planeta por meio da educação e da cultura. Dentro da proposta da Ecofalante, o maior projeto é a Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental que acontece durante o ano inteiro em universidades, escolas, centros de formação, e ambientes não formais de aprendizagem¹⁶. Em todas as Mostras acontecem debates sobre as produções audiovisuais e, além disso, por meio dos programas de incentivo à produção audiovisual, acontecem concursos e premiações.

Voltando para o chão da sala de aula, em ambientes formais de ensino, uma prática que está muito bem alinhada com ações de educação ambiental é a chamada aula-passeio. Segundo Souza e Almeida (2013, p. 41), a aula-passeio promove aquisição de novos conhecimentos, desenvolvendo habilidades de maneira contextualizada e significativa para o educando em uma constante interação com o meio. Para Mello (2003) *apud* Souza e Almeida (2013, p. 41) a aula-passeio permite a ampliação das fontes de informação dos temas estudados na sala de aula, propiciando e ensinando uma atitude investigativa para os participantes. As pesquisadoras, também professoras, relatam no artigo *Educomunicação Ambiental: Comparando Ações Realizadas no Espaço Escolar e no Percorso de Aula-Passeio em uma Unidade de Conservação Costeira* que essa atividade foi importante para promover discussões sobre a relação homem-ambiente e ambiente natural-ambiente urbano. Segundo elas, essa abordagem também incentivou a ideia de construir um mapa ambiental da localidade, indicando o que foi observado no trajeto realizado durante a aula-passeio¹⁷ (Souza; Almeida, 2013 p. 43). Esta ação pedagógica foi

16 Disponível em: <https://ong.ecofalante.org.br/>. Acesso em: 23/04/2023.

17 Importante ressaltar que toda escola foi mobilizada a participar da aula-passeio após consentimento da direção e apoio dos pais, que assinaram um termo autorizando o deslocamento das crianças em todo o perímetro da Área de Proteção Ambiental Jenipabu (APAJ), onde aconteceu o passeio. (Souza; Almeida, 2013 p. 43).

realizada na Escola Municipal Ricardo Afonso de Lima (EMRAL), localizada na Praia de Santa Rita, no município de Extremoz, no Rio Grande do Norte.

Por fim, é importante mencionar também o Laboratório de Inovação, Desenvolvimento e Pesquisa em Educomunicação da ECA-USP (LABIDECOM), criado em 2014 para engajar docentes e estudantes de pós-graduação e graduação em atividades de extensão e pesquisa em Educomunicação. Em sua plataforma¹⁸ é possível ter acesso a uma grande quantidade de publicações com experiências em Educomunicação e também projetos ainda em curso. Um exemplo é o projeto “A educomunicação como estratégia de fortalecimento da rede de atores sociais mobilizados para redução de riscos de desastres em comunidades costeiras”¹⁹ da professora Thaís Brianezi.

O Projeto, que nasce em 2023, objetiva-se estruturar um ecossistema educutivo capaz de articular entidades mediadoras da Educação em Redução de Riscos de Desastres (ERRD), tendo como atores-chave comunidades localizadas em zonas costeiras do Brasil. As ações a serem desenvolvidas incluem animar e articular redes de atores, produzir colaborativamente material audiovisual e realizar diálogos temáticos para trocas de experiências, sempre a partir das premissas e métodos participativos da educomunicação.

Todos os projetos mencionados nos dão certeza de que a Educomunicação e a sua vertente Socioambiental é real, concreta, exequível e que dá excelentes frutos, seja em ambientes formais ou informais de ensino. Todas as propostas metodológicas, inclusive, são capazes de serem adaptadas às diversas realidades, localidades e escolas. Basta que os professores ou mediadores tenham acesso a esses Projetos e estejam abertos a novas propostas teórico-metodológico-prático.

2.5 Ensino das Ciências Ambientais: conceito e proximidades com a Educomunicação

Nas discussões anteriores, percebemos que o conceito de Educomunicação e a sua vertente Socioambiental possuem muitas proximidades com a Educação Ambiental Crítica. Da mesma forma, identificamos também proximidades com as

¹⁸ Disponível em: <https://labidecom.eca.usp.br/>. Acesso em: 18/02/2023.

¹⁹ Disponível em: <https://labidecom.eca.usp.br/a-educomunicacao-como-estrategia-de-fortalecimento-da-rede-de-atores-sociais-mobilizados-para-reducao-de-riscos-de-desastres-em-comunidades-costeiras/>. Acesso em: 18/02/2023.

definições de Ensino das Ciências Ambientais, uma vez que esta prática desempenha um papel crucial na formação de uma consciência global sobre questões ambientais e na promoção da sustentabilidade. Discussão que veio muito antes dos conceitos já mencionados.

Segundo Amaral (2001), o Ensino das Ciências Ambientais surge como resposta à crescente necessidade de compreender, abordar e enfrentar os desafios ambientais emergentes e aponta alguns marcos importantes para na evolução do conceito. São exemplos: Emergência do Movimento Ambientalista, nas décadas de 1960 e 1970; Conferência de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano (1972); Crescimento da Consciência Ambiental na Educação, na década de 1980; Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), na década de 1990; e, Consolidação do Ensino das Ciências Ambientais, a partir dos anos 2000.

Com relação a este último, vale dizer que o conceito de ensino das ciências ambientais continuou a se consolidar à medida que instituições de ensino e educadores reconheceram a importância de uma abordagem interdisciplinar para abordar questões ambientais complexas. A ênfase na sustentabilidade e na educação para a cidadania global também contribuiu para a evolução desse campo.

Quando buscamos proximidades entre os dois conceitos, percebemos que os mesmos compartilham de diversas ligações, pois ambas buscam promover a conscientização, o engajamento e a ação em relação às questões ambientais, utilizando estratégias educacionais e dialógicas (de comunicação). Além disso, buscam sempre se apoiar em abordagens interdisciplinares, participação ativa dos envolvidos, o uso das mídias e das tecnologias disponíveis, bem como tendo foco na conscientização e na mobilização.

O ensino das ciências ambientais é essencial para formar cidadãos conscientes e comprometidos com a sustentabilidade. Incorporar abordagens inovadoras, metodologias interdisciplinares e tecnologia no currículo pode enriquecer a aprendizagem dos alunos e capacitá-los a enfrentar os desafios ambientais do século XXI. Portanto, o diálogo entre o Ensino das Ciências Ambientais e a Educomunicação Socioambiental é real. Ambos os campos, podem se beneficiar da colaboração e da integração de abordagens, promovendo uma educação mais abrangente e eficaz em relação às questões ambientais.

E quanto ao fortalecimento de debates e construção de pautas formativas sobre as questões socioambientais da Chapada Diamantina, como poderemos utilizar a Educomunicação?

Antes de responder a este questionamento, vamos falar sobre o nosso local de análise e sobre o arcabouço metodológico.

3 Sentir o terreno²⁰:

A proposta, os caminhos metodológicos e a delimitação do local de análise

Aqui retomarei e aprofundarei a proposta desta pesquisa, os caminhos metodológicos trilhados e uma contextualização sobre o *lócus* Território de Identidade da Chapada Diamantina.

3.1 Estudar o terreno²¹: proposta de pesquisa e delineamento metodológico

Visando uma análise estrutural e um quadro geral da questão em estudo, esta pesquisa foi realizada com uma perspectiva quali-quantitativa. Trata-se de uma combinação de métodos, que utiliza uma lógica triangular, em que a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa (Flick, 2009; Schneider *et al.*, 2017).

Segundo Schneider *et al.*, (2017), no século XX, a pesquisa em educação tornou-se fortemente de natureza qualitativa, quando pesquisadores das ciências humanas e sociais começaram a questionar os métodos da pesquisa quantitativa. Sabendo da complexidade de entender alguns fenômenos sociais apenas com métodos numerológicos, surgiu a necessidade de adotar e divulgar métodos de pesquisa capazes de entender essas complexidades, como é o caso das pesquisas qualitativas ou quali-quantitativas.

Historicamente, do lado das pesquisas em educação estava a pesquisa quantitativa, que, em sua essência, mensura numericamente os significados dos fenômenos estudados, ou seja, traduz em números as opiniões e informações para classificá-las e analisá-las mediante o uso de recursos e técnicas estatísticas (Schneider *et al.*, 2017). Anos mais tarde, a partir de diversas pesquisas, essa abordagem metodológica pôde se apoiar na pesquisa qualitativa, que é responsável pela obtenção de dados descritivos e analíticos por meio do contato direto do

20 Gíria de garimpeiro: Buscar conhecer bem um assunto a tratar ou as intenções de alguém. Disponível em: <<https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/garimpeiro/investiga%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 10/01/2023.

21 Gíria de garimpeiro: Avaliar as condições para realização de um plano. Disponível em: <<https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/garimpeiro/investiga%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 10/01/2023.

pesquisador com a situação e enfatiza mais o processo que o produto e retrata a perspectiva dos participantes (Lüdke; André, 1986) para melhor interpretação de um dado problema.

Segundo Gatti (2004), os dados de natureza quantitativos e qualitativos se complementam para enriquecer a compreensão de eventos, fatos e processos. Da mesma forma, Minayo (1997) defende o uso desses dois métodos como complementares para enriquecer análises e discussões finais. Porém, o uso dessas intervenções metodológicas, alinhadas com a coerência e a viabilidade da pesquisa na área educativa (Antunes, 2021), devem ser bem pensadas e colocadas em prática de forma simples e clara. Para Gatti (2005), o importante no processo de quantificar categorias, expressões e relatos de experiências, é considerar o que realmente uma quantificação virá acrescentar à compreensão do problema em estudo, em face dos objetivos visados.

Diante da proposta deste trabalho, o primeiro passo dado para a sua execução foi à elaboração de um fluxograma (Figura 1). Este fluxograma serviu como um roteiro para a execução das etapas metodológicas e o levantamento de dados, garantindo uma abordagem sistemática e organizada no desenvolvimento do trabalho.

Figura 1: Fluxograma de execução das etapas metodológicas e levantamento de dados da pesquisa



Fonte: Autoria própria (2023).

Diante do fluxograma representado na Figura 01, a primeira atividade trata-se do mapeamento de informações sobre os projetos, cursos e programas de Educação Ambiental e/ou de Educomunicação realizados na região. Para que este objetivo fosse alcançado, foi construída a seguinte estratégia: 1º) Realização de uma varredura nos mecanismos de busca da internet (*Google, Yahoo e Bing*), no portal da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA), na plataforma PORVIR, no Painel Mar e nos sites das prefeituras municipais da Chapada Diamantina; 2º) Pesquisa documental nos arquivos públicos da Universidade do Estado da Bahia - Campus XXIII, em Seabra; 3) Pesquisa documental nos arquivos públicos do Instituto Federal de Educação (IFBA - Campus - Seabra) e 4º) Visitas e/ou contato direto com o Núcleo Territorial de Educação - NTE 03 e com as Secretarias de Educação de todos os municípios do Território de Identidade da Chapada Diamantina. O interesse nesse contato era saber se o município possuía algum Plano Estratégico de Educação e se este Plano contemplava as Ciências Ambientais por meio de projetos, cursos e/ou programas de Educação Ambiental ou Educomunicação.

Desse mapeamento, construímos o mapa “Educom na Chapada Diamantina”, que será apresentado no Capítulo 4. O Mapa foi elaborado a partir da plataforma *uMap*. O *uMap* é de uso gratuito e todas as pessoas que possuem acesso a conta no X (antigo Twitter) poderão ter a possibilidade de construir seus mapas. Aos que não possuem acesso a esta Rede Social, poderão abrir sua conta através do passo a passo que consta na *uMap*.

Logo após foi utilizada a técnica de coleta de dados das produções audiovisuais constituídas pela TV UNEB-Seabra, no YouTube. O intuito dessa análise foi observar os impactos da fundação e da consolidação desta TV no âmbito da Chapada Diamantina, para compreendermos como se dá a produção e a veiculação da comunicação entre as comunidades localizadas nessa região, a partir dos diversos desdobramentos temáticos constituídos por esta TV. Além disso, buscamos identificar também quais as proximidades que esse tipo de conteúdo tinha com a temática da pesquisa.

Para esta análise, utilizaremos dos pressupostos da Análise de Conteúdo de Bardin (1997). Para ela, a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análises adaptáveis ao universo das comunicações. Qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou

não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 1997). A partir das contribuições de Bardin (1997), o conteúdo produzido pela TV Universitária TV UNEB-Seabra será analisado e foi organizado da seguinte maneira:

1. Levantamento e mensuração das produções audiovisuais da TV UNEB-Seabra;
2. Análise das produções audiovisuais sobre Educação Ambiental da região da Chapada Diamantina;
3. Análise da produção audiovisual que possuam proximidade com a Educomunicação e/ou a Educação Ambiental;
4. Identificação das cidades que compõem o Território de Identidade da Chapada Diamantina que ainda não foram contempladas no âmbito da TV UNEB-Seabra.

Por se tratarem de conteúdos que estão em uma plataforma de mídia social, o YouTube, site que possui recursos de rede social, fizemos também uma breve Análise de Rede para Mídia Social (ARS), a partir de Recuero *et al.* (2015). Segundo o estudo das autoras e do autor, na base metodológica da ARS utiliza-se um conjunto de métricas e técnicas de pesquisa utilizado para descrever a relação entre nós (em outras palavras, os atores e as suas conexões). Ou seja, para elas, a ARS foca os estudos das conexões e dos atributos que essas conexões promovem. Recuero *et al.* (2015) trazem em seu livro dois exemplos, são eles: 1) a capacidade que as conexões entre atores têm de servir como guias de informação e, 2) como as conexões entre os diversos atores nas redes sociais on-line podem influenciar o processo de difusão de informações.

A ARS dedica-se também à construção de interpretações a respeito de modelos de redes baseados em análises matemáticas, notadamente com um forte foco na visualização e na construção de mapas dessas representações (Recuero *et al.*, 2015). Diante desta constatação, e apoiados no que preconiza as pesquisas quali-quantitativas e a Análise de Conteúdo, durante a análise (dos números e dos discursos), construímos mapas a partir da *uMap*, tabelas e gráficos, que serão apresentados no Capítulo 5.

Todos esses dados serviram de apoio para entender o perfil do público e dos atores envolvidos com a TV e com os programas que estão sendo analisados. Além disso, trazem números que nos mostram o impacto dos conteúdos deste veículo de comunicação na região e quais são os temas que mais geraram interação e que trouxeram maior número de visualizações para a plataforma. Esses números poderão ser utilizados mais tarde para apresentar novas pautas formativas e que sejam de interesse do público. Além disso, em alguns comentários dos conteúdos analisados, pudemos perceber, na visão dos internautas, o impacto da TV nesta região e como as conexões e interações entre atores estavam acontecendo naquele cenário.

Durante todo o processo, com base nas contribuições de Severino (2017) e Gil (2002), estávamos realizando também a revisão da literatura e a análise de materiais documentais e/ou informações enviados pelas prefeituras para embasar os objetivos e a problemática da pesquisa. Este processo serviu como método para oferecer um conhecimento mais objetivo da realidade (Gil, 2002). Além disso, utilizamos também um Diário de Campo para o registro de alguns fenômenos importantes.

Diante do caminho metodológico traçado pelo trabalho, foram elaborados produtos que aqui se apresenta como “Mapa da Educomunicação no Território de Identidade da Chapada Diamantina” e a constituição de “Ações em Educomunicação Socioambiental contextualizada na Chapada Diamantina”. A iniciativa parte sobretudo relacionado ao que preconiza o 4º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS - ONU) quanto à oferta de educação inclusiva, equitativa e de qualidade. Faz parte desse objetivo, no item 4.4, garantir, até 2030:

umentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo (ODS, ONLINE²²).

E, no item 4.7, garantir, até 2030:

que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade

22 Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 11/01/2023.

cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (ODS, ONLINE²³).

Para a elaboração das Ações de Educomunicação, tomamos como referência os materiais disponibilizados no curso “*Água como Elemento Interdisciplinar do Ensino nas Escolas*”, da Agência Nacional de Águas (ANA), executado pelo PROFCIAMB da Associada Universidade de São Paulo (USP) - Campus São Carlos. Nestas Ações almejamos contemplar apoios educacionais específicos (como pautas, oficinas, formações, roteiros e planos de aula), todos contextualizados com as questões que permeiam o Território de Identidades da Chapada Diamantina, *lócus* da pesquisa, que apresentaremos a partir de agora.

3.2 Conhecer o terreno²⁴: contextualizando os aspectos históricos, socioeconômicos e socioambientais da Chapada Diamantina

A Chapada Diamantina está inserida na Bahia central e é uma das regiões mais ricas em diversidade do Estado da Bahia. Além de inúmeras culturas e costumes, seu Território de Identidade representa climas e ecossistemas variados. Trata-se de uma área semiárida, onde predomina um clima seco e às vezes subúmido e com vasta e exuberante vegetação formada por limites da Caatinga, Cerrado, Florestas, Refúgio Ecológico, dentre outros. Sua fauna e flora abre destaque para as bromélias, mandacarus, orquídeas e sempre-vivas espalhadas por muitas de suas cidades.

Segundo Pereira (2010), o termo Chapada Diamantina possui dois significados: o primeiro deles revela a Chapada como região geográfica que compreende um conjunto de relevos serranos, planaltos e sistemas cársticos, desenvolvidos essencialmente em rochas de natureza sedimentar e metassedimentar; já o segundo, traduz a Chapada como Território de Identidade do Estado da Bahia, definido pelo governo local, a partir de consultas às comunidades locais, sobre o seu sentimento de pertencimento (Decreto 12.354, de 25 de agosto de 2010), que acabou por definir 26 Territórios de Identidade no Estado.

23 Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 11/01/2023.

24 Gíria de garimpeiro: Conhecer bem tudo o que envolve um assunto ou as intenções de uma pessoa. Disponível em: <https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/garimpeiro/investiga%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 10/01/2023.

O Território de Identidade da Chapada Diamantina, segundo análise dos relatórios da Secretaria de Planejamento (SEPLAN) do Governo do Estado da Bahia e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é composto por 25 municípios, conforme observado também por Antunes (2022):

Nestas duas bases, o Território de Identidade tem 24 municípios, sendo 23 comuns: Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Boninal, Bonito, Ibitiara, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Jussiape, Lençóis, Marcionílio Souza, Morro do Chapéu, Mucugê, Nova Redenção, Novo Horizonte, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Seabra, Souto Soares, Utinga e Wagner. No IBGE, o vigésimo quarto município é Tapiramutá, e na SEI/SEPLAN-BA, Iramaia (ANTUNES, 2022, p.21).

Assim como Antunes (2022), iremos considerar as duas referências visitadas. Nesse sentido, o Território de Identidade da Chapada Diamantina, nesta pesquisa, possui 25 municípios e apresentará ao longo do estudo dados de todos eles. Neste Território, sua população se aproxima da marca de 400.000 habitantes (IBGE, 2022).

Por mais que a região da Chapada Diamantina seja conhecida mundialmente pelas suas belezas naturais, seu histórico sempre esteve envolvido em conflitos. Segundo o antropólogo José Augusto Sampaio, no Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário do Território (PTDRSS - 2016), a Chapada é considerada uma região que durante sua história assassinou indígenas para “limpar” as terras e usar os povos tradicionais como escravos. Conhecidos como *Tupuia*, para descrever os povos originários, estudos apontam a predominância da etnia *Payayá*, hoje com uma comunidade instalada em Utinga (p.2). A presença indígena no histórico da Chapada contribuiu para a policultura presente nesta região.

Há muito tempo, este Território era um dos mais ricos por conta do garimpo. Destaca-se as cidades de Lençóis, Palmeiras e Andaraí. O garimpo movimentou a economia local por quase um quarto de séculos e logo após houve o declínio dessa atividade a partir de 1871, devido principalmente à concorrência das jazidas sul-africanas, descobertas seis anos antes, e ao emprego de métodos extrativos rudimentares, que não permitiam a exploração de depósitos de médios e baixos teores (BAHIA, 2016, p.3). Após o ocorrido, segundo Francisco Brito (2015), os

moradores que não migraram para outras regiões do Estado, começaram a se dedicar ao plantio de café²⁵, à horticultura irrigada e à bovinocultura.

O declínio do garimpo e dos grandes períodos de seca que a região começou a enfrentar são as possíveis justificativas para a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), em 17 de setembro de 1985 pelo decreto nº 91.655, que tem forte referência ao decreto-lei nº 84.017, de 21 de setembro de 1979. No entorno do PNCD encontramos os municípios de Andaraí, Ibicoara, Iramaia, Itaetê, Lençóis, Mucugê e Palmeiras. A intenção do PNCD era proteger a população diamantífera na Chapada e incentivar o turismo ecológico. Desde a criação do Parque

o ecoturismo vem se fortalecendo no território e tem se tornado uma das principais atividades econômicas, caracterizando assim um novo ciclo econômico da Chapada Diamantina. Do ponto de vista sociocultural, as comunidades tradicionais, notadamente as comunidades remanescentes quilombolas, representam um importante traço cultural e agrário da Chapada, aspecto diretamente ligado ao processo da ocupação territorial (BAHIA, 2016, p.4).

Mudam-se as formas para manter a economia do lugar, mas mudam principalmente para dinamizar as atividades turísticas mercadológicas da nova, atual e preservada Chapada Diamantina. Diante deste novo contexto, a Chapada Diamantina se transforma em um grande polo receptor de turistas, em função de suas belezas naturais (Silva, *et al.*, 2017) e dos geossítios que compõem a fotografia paisagística da região.

Segundo Costa *et al.*, (2013, p. 5), o Parque Nacional da Chapada Diamantina possui três geossítios que foram aprovados pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP). São eles: a Serra do Sincorá, o Morro do Pai Inácio e o Poço Encantado. Esses geossítios e/ou geoparques²⁶,

25 Apesar da cultura do café ainda ter fortes laços em algumas cidades da Chapada Diamantina, a exemplo de Piatã, que exporta cafés especiais e está sempre nas competições dos melhores cafés do Brasil e do mundo, “o auge do mesmo se deu no início do século XX, mas que sofreu um grande declínio após a crise de 1930” (BAHIA, 2016, p.3). Vale ressaltar que, desde o século XIX, o café da Chapada, grão miúdo e denso, já era considerado de superior qualidade, conforme escreveu Teodoro Sampaio, em 1979, em seu livro *O Rio de São Francisco: trechos de um diário de viagem e a Chapada Diamantina*.

26 Áreas geográficas únicas e unificadas reconhecidas internacionalmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. Nestas áreas, o foco principal está nos elementos da geodiversidade e o fortalecimento da Identidade Territorial, a partir das paisagens e da geologia. O principal objetivo de um geoparque está diretamente ligado ao desenvolvimento sustentável da região, com base no uso do patrimônio geológico e mineiro.

segundo Silva, *et al.* (2017), apresentam além do valor estético, valor turístico e educacional, tornando essa área um relevante patrimônio geológico.

O patrimônio geológico, segundo a estudiosa Araújo (2005), é constituído por georrecursos culturais, ou seja, recursos não renováveis de índole cultural, que contribuem para o reconhecimento e interpretação dos processos geológicos que modelaram o nosso planeta, que podem ser caracterizados de acordo com o seu valor (científico, didático), pela sua utilidade (científica, pedagógica, museológica, turística) e pela sua relevância (local, regional, nacional e internacional). O patrimônio geológico, segundo Brilha (2005, p. 52), é definido como “o conjunto de geossítios inventariados, caracterizados e bem delimitados geograficamente, em uma dada área ou região”. Nascimento *et al.* (2015, p.6) complementa “onde ocorrem um ou mais elementos da geodiversidade com elevado valor científico, pedagógico, cultural, turístico e outro”.

As ações para o desenvolvimento sustentável, com base no uso do patrimônio geológico poderão ser realizadas através do geoturismo e o turismo de base comunitária. E, consiste ainda, essencialmente, em uma forma de gestão territorial focada na promoção da geoconservação, devendo compreender um conjunto de geossítios de importância, em termos de qualidade científica, raridade, apelo estético ou valor educativo.

Por patrimônio mineiro, Nascimento *et al.* (2008) entendem como um patrimônio misto. Para eles, no que diz respeito ao natural que é geológico e paisagístico, histórico no que se traduz industrial e arquitetônico, tecnológico e documental e imaterial tanto cultural como também histórico centrado na memória, na cultura, nas artes e no trabalho, ou seja, na natureza da relação dos grupamentos mineiros e garimpeiros com as rochas.

Destoando dos números presentes na pesquisa realizada por Costa *et al.* (2013), a reportagem feita pelo portal *Geoparque Costões e Lagunas*, do Rio de Janeiro, aponta que a região da Chapada Diamantina possui cerca de 29 geossítios catalogados. Os principais geossítios são: Morro do Pai Inácio, Diamictitos da Formação Bebedouro, Cachoeira da Fumaça, Serrano, Morro do Cruzeiro, Cachoeira do Tiburtino, Vila de Igatu e o Sítio Arqueológico da Serra das Paridas. Entre os geoparques da Chapada Diamantina propostos pelo Serviço Geológico do Brasil, presentes na reportagem e também na pesquisa de Costa *et al.* (2005) está, o já mencionado, Serra do Sincorá.

Todos esses geossítios representam um pouco do nosso patrimônio geológico-mineiro. A grande maioria deles são conhecidos mundialmente pelas suas belezas naturais e outros são bem pouco explorados por estarem em regiões consideradas não turísticas no nosso Território. Porém, independentemente de estarmos discutindo sobre a Chapada turística ou a Chapada não turística, é importante frisar o quanto essas duas realidades possuem valores culturais significativos bem como possuem forte apelo educacional, infelizmente pouco explorado.

Para elucidar os fatos apresentados, vamos falar um pouco sobre as duas realidades - a Chapada turística e a Chapada não turística -, que divide a região e que, em alguns casos, coloca em xeque o sentimento de pertencimento e a construção identitária.

3.2.1 A Chapada turística

Ao pesquisar “*Chapada Diamantina*” nas ferramentas de busca, disponíveis nos ambientes virtuais (*Google, Yahoo, Bing*), a imagem que é vendida a quem está pesquisando se trata de uma região turística, da mesma forma que o Ministério do Turismo (Mtur, 2016) a define em seus documentos. Imagens do famoso Morro do Pai Inácio, em Palmeiras, das águas claras e azuladas da Pratinha, em Iraquara e do Poço Azul, em Nova Redenção e das diversas cachoeiras espalhadas pela região, são as que mais aparecem. Além disso, há uma grande quantidade de sites e blogs com dicas de roteiros, mapas, hospedagem, alimentação, lojas, passeios, eventos e produtos, que reafirmam a mudança econômica do Território devido a grande quantidade de serviços turísticos que aqui são oferecidos.

Tomando como base o estudo realizado pelas pesquisadoras Eschiletti e Lanzer (2019) sobre o turismo na Chapada Diamantina, com foco nos municípios que compõem o Geoparque Serra do Sincorá (Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras), pudemos observar, a partir dos dados cadastrados no Cadastur (Mtur, 2022), que a Chapada turística se concentra em três municípios, Lençóis, Palmeiras e Ibicoara. Nota-se que dois dos municípios estão no entorno deste geoparque. Da mesma forma que foi observado pelas pesquisadoras, com dados de 2018, Lençóis, em 2022, ainda é considerado o polo central de turismo nesta região e recebe pessoas de todo o mundo.

A cidade de Lençóis, vencedora do Prêmio Melhores Destinos 2019 na categoria de destinos nacionais de viagem²⁷, soma uma quantidade de 29 locais para se hospedar (hotéis, pousadas, camping e hostels), 10 estabelecimentos que servem alimentação (restaurantes, bares, cafés) e 83 serviços de guia e viagens. Ibicoara conta com 8 oportunidades de hospedagem, 6 locais para fazer refeições e 12 serviços de guia. Enquanto isso, Palmeiras soma 10, 2 e 4, na mesma ordem que apresentamos os outros municípios (Quadro 01).

Quadro 1. Dados turísticos do Território de Identidade da Chapada Diamantina cadastrados no Cadastur (Mtur - 2022)

Municípios da Chapada Diamantina	Onde ficar	Onde comer	Serviços de guias
Abaíra	1	1	1
Andaraí	2	1	6
Barra da Estiva	3	1	1
Boninal	1	1	0
Bonito	0	0	2
Ibitiara	0	0	1
Ibicoara	8	6	12
Iraquara	2	1	1
Iramáia	2	1	0
Itaetê	0	0	0
Jussiape	1	0	1
Lençóis	29	10	83
Marcionílio Souza	0	0	0
Morro do Chapéu	6	4	6
Mucugê	8	3	6
Nova Redenção	0	0	3
Novo Horizonte	0	0	0
Palmeiras	10	2	4
Piatã	0	0	0
Rio de Contas	4	2	2
Seabra	5	1	13
Souto Soares	0	0	2
Tapiramutá	0	0	0

27 Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/lencois-e-apontada-como-o-melhor-destino-nacional/#:~:text=A%20cidade%20de%20Len%C3%A7%C3%B3is%2C%20na,ano%20ou%20no%20ano%20passado>. Acesso em: 07/01/2023

Utinga	0	0	2
Wagner	1	1	0

Fonte: autoria própria com dados da Cadastur (Mtur, 2022), inspirado em ESCHILETTI; LANZER, 2019.

Olhando para a realidade turística das cidades que mencionamos como polo central do turismo nesta região, nos questionamos o motivo desses números parecerem tão baixos, principalmente quando nos referimos aos números de hospedagem e alimentação. É sabido que os meios de hospedagem (sejam acampamentos ou quaisquer outros meios de hospedagem) possuem obrigatoriedade de registro no Cadastur de acordo com a Lei do Turismo nº 11.771/2008. Sabendo que a plataforma é de fácil acesso e que a mesma possui a possibilidades de cadastro como pessoa física ou pessoa jurídica, a única justificativa que encontramos é o não cumprimento a esta Lei por parte dos prestadores de serviço.

O Vale do Capão ou Caeté-Açu, que fica na cidade de Palmeiras, por exemplo, é uma parada quase obrigatória quando nos referimos ao turismo na Chapada Diamantina. É visível que o Vale possui muito mais hotéis, restaurantes e serviços de guias que os cadastrados no Cadastur. Uma realidade que pode ser observada em outros mecanismos de busca como *Airbnb*, *Booking* e *Couchsurfing* - plataformas digitais para hospedagem.

Mesmo sabendo da existência e da importância do *website* Guia da Chapada Diamantina para algumas cidades e pontos turísticos, não o utilizamos como referência pelo fato do mesmo ter limitação de dados. O Guia possui dados de apenas 15 dos 25 municípios que estão sendo analisados.

Outra importante plataforma que surgiu recentemente na região, que dá acesso a boa parte dos atrativos turísticos da Chapada Diamantina, é o *Janoo*. Trata-se de uma plataforma digital para atrativos turísticos, que pode ser acessada pela internet, e que reúne mais de 50 opções de trilhas, cachoeiras, pontos de escalada e muito mais. Mas, nem o Guia da Chapada Diamantina e nem mesmo esta plataforma se atentam à oferta do turismo de base comunitária e/ou turismo cultural/histórico da região. Esse serviço fica sob responsabilidade dos guias (às vezes nativos, às vezes forasteiros).

Vale destacar ainda no Quadro 01, que a cidade de Seabra, conhecida como o polo comercial da região, mesmo não aparecendo nos mecanismos de busca da

internet como cidade a ser turisticamente visitada, oferece mais serviços de guia e viagens que os municípios de Ibicoara e Palmeiras, por exemplo. Mas, é importante dizer que, tanto no município de Seabra, quanto em outros municípios da Chapada Diamantina, há diversas formas e lugares a serem visitados, conhecidos e explorados turisticamente. Tanto por suas belezas naturais, quanto por seu valor histórico de luta e resistência, bem como seu valor cultural.

Vale destacar também que as informações encontradas sobre a Chapada turística vêm sempre com o discurso de uma região super preservada. É muito comum ver nas plataformas mencionadas ou em sites e redes sociais dos prestadores de serviço de turismo que trata-se de uma região que leva muito a sério as questões socioambientais. O que, em muitas realidades, não passa de falácia. É só pegarmos a realidade do Rio Cochó²⁸, por exemplo. O rio que alimentava e banhava o município de Seabra se tornou um grande lago de esgoto. Desde a sua nascente, o Rio possui barramentos, dificultando seu fluxo natural.

Em Seabra, nas bordas do Cochó, a quantidade de lava-rápido assusta. E, a pouca quantidade de pessoas que defendem de fato uma Chapada sustentável não dão conta de formar e conscientizar a população - que sempre se encontra em situações conflituosas. Diante disso, abordaremos agora um pouco da região não turística.

3.2.2 A Chapada não turística

Para falar sobre a Chapada Diamantina não turística, vamos falar sobretudo de um recorte da região que quase não aparece nos mecanismos de busca na internet. Mas, quando aparece, podemos apreciar duas realidades bem distintas uma da outra. A primeira delas, nos mostra, além de riquezas naturais possíveis de serem exploradas turisticamente, presente em todos os municípios da Chapada Diamantina, uma vasta e diversificada cultura e povos. Já a segunda realidade, evidencia diversos conflitos socioambientais envolvendo diversos atores e atrizes e os próprios moradores desta região.

²⁸ O Rio nasce na cidade de Piatã, possui cerca de 120 km de extensão e corta diversas cidades da Chapada Diamantina, entre elas as cidades de Seabra e Iraquara.

Estamos chamando de conflitos socioambientais “disputas de interesses entre grupos sociais derivadas dos distintos tipos de relação que eles mantêm com seu meio natural” (Little, 2001, p. 107). Ou como define Araújo *et al.*, 2019:

Os conflitos socioambientais estão relacionados às formas de apropriação do território e dos recursos naturais pelo modelo econômico vigente, que precisa estender, mesmo que violentamente, suas fronteiras, para encontrar novos nichos de produção do mais-valor. Os países periféricos têm sido historicamente esses espaços. Nesses territórios encontram-se vantagens locacionais e os recursos dos quais o capitalismo necessita se apropriar para produção direcionada ao crescimento econômico (ARAÚJO *et al.*, 2019, p.366).

Na nossa região, os conflitos socioambientais estão exatamente na Chapada não turística, que estamos chamando de não turística, para não chamá-la de “Chapada esquecida”. É a região formada, em sua maioria, pelos povos originários - remanescentes de quilombo e povos indígenas. São esses os povos invisibilizados pelos meios de comunicação de massa, o *mass media*, pelo poder público e até mesmo pelos seus próprios irmãos da região que estão desatentos aos problemas à sua volta.

Estamos falando de um povo que não se reconhece pertencente a este Território de Identidade e de um povo que mesmo reconhecendo que suas raízes identitárias e culturais estejam nesta região, entende que a sua identidade e o sentimento de pertença são colocados em xeque diante dos conflitos e dos processos de modernização/globalização previstos e/ou existentes na região.

Medrado (2018), em sua tese de doutorado, nos apresentou um panorama de comunidades da Chapada Diamantina, sobrepostas ao PNCD, que vivem em constantes conflitos socioambientais - como os conflitos provocados pelo turismo, pela extração de minério, pelo agronegócio ou pela sobreposição a Unidades de Conservação (UC). É a realidade da Fazenda Velha, no município de Andaraí, do Vale do Pati, no município de Mucugê, Baixão do município de Ibicoara e das comunidades da Bocaina e Mocó, em Piatã, por exemplo. E, mesmo “o modelo de parques nacionais sem moradores para a preservação da vida selvagem enfrentar várias críticas” (Diegues, 2008, p.37), o modelo chega à região e se instala.

Segundo Diegues (2008), este modelo conservacionista de Parque nasce nos Estados Unidos e se espalhou muito rapidamente pelo mundo recriando a dicotomia entre “povos” e “parques”. Para ele,

Como essa ideologia se expandiu sobretudo para os países do Terceiro Mundo, seu efeito foi devastador sobre as "populações tradicionais" de extrativistas, pescadores, índios, cuja relação com a natureza é diferente da analisada por Muir e os primeiros "ideólogos" dos parques nacionais norte-americanos. É fundamental enfatizar que a transposição do "modelo Yellowstone" de parques sem moradores de países industrializados e de clima temperado para países do Terceiro Mundo, cujas florestas remanescentes foram e continuam sendo, em grande parte, habitadas por populações tradicionais, está na base não só de conflitos insuperáveis, mas de uma visão inadequada de áreas protegidas. Essa inadequação, aliada a outros fatores como: graves conflitos fundiários em muitos países; noção inadequada de fiscalização; corporativismo dos administradores; expansão urbana; profunda crise econômica e a dívida externa de muitos países subdesenvolvidos, estão na base do que se define como a "crise da conservação" (p.39).

Na Chapada Diamantina não turística, mesmo que algumas dessas comunidades envolvidas nos conflitos socioambientais estejam dentro dos limites da Chapada turística, pelo fato de serem comunidades que podem ser realocadas, conforme preconiza a Legislação Ambiental Brasileira ou pelos efeitos negativos e conflitantes dos empreendimentos "da modernização", são esquecidas e por isso, classificamos como sendo parte da Chapada não turística ou "Chapada esquecida".

Diversas das realidades de conflito na nossa região colocam em xeque toda a construção identitária de um povo que pode a qualquer momento se desprender das suas terras, costumes, crenças, bem como da sua própria história. Segundo Medrado (2018), parafraseando Castells (2013), a questão da identidade é definida como fonte de experiência de um povo; como processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou mesmo um conjunto de atributos culturais inter-relacionados. Para a estudiosa:

No caso das comunidades do Parque Nacional da Chapada Diamantina com risco da realocação, a identidade destes grupos vem à tona como parte da reivindicação por sua permanência, não apenas para a geração atual, mas também a futura (MEDRADO, 2018, p.37).

Essa realidade, que é apenas um exemplo dos diversos tipos de conflitos socioambientais existentes na região, nos provoca a questionar todo o processo de construção identitária e cultural desse povo, como mencionado anteriormente. Muitas vezes em nome da modernização e da globalização, bem como em nome do que preconiza o sistema capitalista, é defendida a ideia da transformação cultural, que para Stuart Hall (2003) nada mais é que

um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas. Em vez de simplesmente "caírem em desuso" através da longa marcha para a modernização, as coisas foram ativamente descartadas, para que outras pudessem tomar seus lugares (HALL, 2003, p. 232).

Indo na corrente contrária das definições de modernização e desenvolvimento, vem se debatendo muito sobre o "Bem Viver". Trata-se de um conceito bastante atual, e ainda em construção, que nos oportuniza a pensar e construir um mundo diferente, *Chapadas Diamantinas* diferentes, ou defender, junto aos nossos povos originários (da Chapada não turística), a vida e a existência em comunidade.

Para Acosta (2016), o "Bem Viver" é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza. Ainda para o estudioso, outro mundo será possível se for pensado e erguido democraticamente, com os pés fincados nos Direitos Humanos e nos Direitos da Natureza.

Para termos acesso ao "Bem Viver", questionador do conceito eurocêntrico de "bem-estar", não podemos esquecer das suas origens ancestrais. O "Bem Viver"

pode servir de plataforma para discutir, consensualizar e aplicar respostas aos devastadores efeitos das mudanças climáticas e às crescentes marginalizações e violências sociais. Pode, inclusive, contribuir com uma mudança de paradigmas em meio à crise que golpeia os países outrora centrais. Nesse sentido, a construção do Bem Viver, como parte de processos profundamente democráticos, pode ser útil para encontrar saídas aos impasses da Humanidade (ACOSTA, 2016, p.33-34).

Esses impasses estão em todas as áreas e níveis da convivência e da interação humana com a natureza - principalmente em áreas de conflitos socioambientais. Por este motivo, é importante pensar em modelos de "Bem Viver" que nos lembre a todo o momento que fazemos parte da natureza e que se estamos fazendo mal à natureza, portanto estaremos nos fazendo mal.

Desde muito tempo se pensa que os modelos econômicos vigentes estão rumo a uma falência. Diante disso, é imprescindível potencializar ações sustentáveis, principalmente nas diversas *Chapadas Diamantinas*. Assim como

aponta Acosta (2016), são exemplos a potencializar a agricultura, a manufatura (artesanal), o turismo e, sobretudo, o conhecimento.

3.2.2.1 Potencialidades turísticas da Chapada não turística

Quando começamos a abordagem sobre a Chapada não turística, pincelamos que a mesma possui também possíveis rotas turística. Voltando um pouco, há outro recorte histórico de bastante relevância para esta região, como a descoberta da “Estrada Real”, por exemplo.

Segundo a arquiteta urbanista Nélia Maria Paixão e Silva, uma das pioneiras na pesquisa sobre a passagem da referida estrada na Chapada Diamantina, a partir de documentos, textos e imagens pessoais cedidos para esta pesquisa, data que sua abertura se deu por volta de 1725 pelo sertanista Pedro Barbosa Leal, por determinação da Coroa Portuguesa. Com objetivo de controlar a circulação das riquezas produzidas no ciclo do ouro, a principal rota da Estrada Real nas terras chapadenses ligava as minas auríferas de Jacobina às minas auríferas de Rio de Contas, que eram recém-descobertas.

A Estrada Real passa por mais de 20 municípios do Território de Identidade da Chapada Diamantina, plenos em atrativos turísticos. Segundo a arquiteta e urbanista, um projeto que pudesse definir a ampliação dos horizontes culturais e turísticos da Chapada Diamantina através da elaboração de um roteiro que permita àquele que o realizar, mergulhar no seu contexto cultural desde a sua pré-história até os nossos dias, favorece um possível desenvolvimento territorial a partir do turismo ecológico e cultural:

Um roteiro dessa natureza abre a perspectiva do surgimento de serviços diversos que tornem a caminhada de turistas ávidos por trilhas históricas, passível de ser realizada. Pousadas, pequenos restaurantes, serviço de guias, pontos de informações, pequenos comércios, além de apresentações culturais em diversos pontos de pouso tornarão este roteiro um fascinante atrativo. E o uso desta estrada precisa ser um projeto elaborado pelos moradores da Chapada. O projeto precisa ter uma construção coletiva, para que esta importante região se desenvolva de forma equilibrada, com oportunidades para todos e possa vir a ter a sua natureza, verdadeiramente, protegida (PAIXÃO E SILVA, textos pessoais não publicados).

Um exemplo que podemos dar, sem sombra de dúvidas, é a passagem da Estrada Real por Souto Soares. Segundo Júnior (2021), a Estrada passava por

Campestre, no município de Seabra e no território de Souto Soares, através dos roteiros de Pedro Barbosa Leal e Joaquim Quaresma Delgado. Os moradores mais velhos do município, além de reafirmar o roteiro, falavam também de outra antiga rota, a Estrada Boiadeira (Júnior, 2021, p.35).

Nestas terras, os atores históricos dessa região deixaram suas marcas a partir das próprias estradas arquitetonicamente semelhantes entre si, bem como diversas pinturas rupestres em diversas serras da região - a exemplo das pinturas rupestres na Serra do Assuruá, uma das entradas da já mencionada Serra do Sincorá - que poderão ser visitadas e estudadas.

Fica evidente a necessidade de um estudo e exploração arqueológica deste sítio para definir em que cultura este artefato lítico se encaixa, já que em pesquisas preliminares não foram encontrados similares a estes (Júnior, 2021, p.20). Após a descoberta, o então secretário estadual de Turismo, Fausto Franco, em entrevista disse: “O primeiro passo é fazer um inventário para que possamos ter este material de forma mais didática e alicerçada e, no futuro, elaborar uma roteirização para incrementar a atividade turística na região”²⁹.

Souto Soares, outrora conhecida como Ouricuri, pela grande quantidade da palmeira licuri, em seu território, é considerada a caatinga da região. É um lugar de muita terra vermelha e pouca água. Segundo Júnior (2021, p.18), existem apenas 5 riachos: o do Cercado, o do Mata Cavallo, o da Mangabeira, o da Macaqueira e o de Olhos D’água. Acrescentaria o riacho da Cisterna - comunidade que em tempos remotos era conhecida como Caatinga dos Anjos - local que foi ocupado pela família que carregava este sobrenome. Diante de um estudo sobre o sítio arqueológico, a Estrada Real e a presença dos mencionados riachos, Souto Soares apresenta um potencial turístico da região, assim como relata o ex-secretário de Cultura e Turismo do Governo do Estado da Bahia.

Da mesma forma, Seabra também possui forte potencial turístico pela sua riqueza histórica, cultural e pela sua diversidade de povos. Destaco as rotas já consolidadas das mulheres Tapuias que oferecem uma imersão na sua cultura e no saber ancestral feminino e o povoado Campestre, tombado em 2002 pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). Campestre, local de um dos mais

29 Disponível em: <https://jornaldachapada.com.br/2021/01/29/chapada-estudo-sobre-sitio-arqueologico-em-souto-soares-deve-apresentar-potencial-turistico-da-regiao/>. Acesso em: 10/01/2023.

antigos templos religiosos, datada de 1847 a igreja de Nossa Senhora da Conceição, foi palco de violentas batalhas entre os homens do coronel Horácio de Matos e Manoel Fabrício. Dos conflitos entre os coronéis, a igreja ainda mantém as marcas de balas quando as tropas do coronel Manoel Fabrício se refugiaram no local do cerco montado pelo coronel Horácio³⁰.

A Chapada, independentemente de ser a turística ou a não turística, é uma região que tem atraído pesquisadores de todo o mundo e que atuam em diversas áreas do conhecimento. Em pesquisa rápida no periódico *Garimpus: Revista de Linguagens, Educação e Cultura na Chapada Diamantina*³¹, vinculada ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT) do Campus XXIII da UNEB, em Seabra, no *Google Acadêmico*³² e no banco de dados da CAPES³³, é possível identificar diversos artigos científicos, teses e dissertações escritos em três idiomas (português, inglês e espanhol), que abordam a religiosidade, a cultura, os saberes tradicionais, a fauna e a flora, análises de mídia, desenvolvimento sustentável, geoconservação, ecoturismo, educação ambiental, medicina natural, dentre outros.

Silva *et al.* (2017) reafirmam que este Território tem grande potencial pedagógico e que existe, nesta região, uma relevância enorme para estudos ecológicos, pois é bastante perceptível a transição de biomas. Ainda segundo os pesquisadores, também é significativo para pesquisas que envolvam elementos geológicos, geomorfológicos, climatológicos, mineralógicos, pedológicos, entre outras áreas do conhecimento.

Entretanto, mesmo com a grande quantidade de pesquisa tendo como lócus a Chapada Diamantina³⁴, existe um déficit considerável de trabalhos que pautem as ações de comunicação, comunicação comunitária, mídia alternativa, e educomunicação nas práticas pedagógicas, sejam em ambientes formais ou

30 Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2011/07/seabra-fundada-em-1847-igreja-nossa-senhora-da-conceicao-pode-integrar-roteiro-de-turismo-cultural-na-chapada-diamantina/>. Acesso em: 18/03/2023.

31 <https://www.revistas.uneb.br/index.php/garimpus/index>

32 <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

33 <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

34 No banco de dados da CAPES, por exemplo, ao pesquisar o termo *Chapada Diamantina*, encontram-se mais de 3.200 trabalhos que foram produzidos entre 1987-2022. Seria bem interessante fazer um trabalho investigativo para entender, por exemplo, que tipo de Chapada está sendo pesquisada e/ou entendida pelos pesquisadores uma vez que nem todos que estudam esta região é da região.

informais de ensino, contextualizando com os saberes da região - principalmente com os saberes da Chapada não turística.

Diante desta constatação, esta pesquisa busca utilizar a educação, a comunicação e o binômio educomunicação para resolver a seguinte questão: Como utilizar a Educomunicação para o fortalecimento de debates e construção de pautas formativas sobre questões socioambientais na Chapada Diamantina?

Para isso, garimpamos nos municípios do Território de Identidade da Chapada Diamantina projetos, cursos e programas que pautem os conceitos que perpassam por esta pesquisa, sobretudo a Educação Ambiental e a Educomunicação - com sua vertente socioambiental.

4 O bambúrrio³⁵:

Garimpando Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada Diamantina

Neste capítulo, apresentaremos o mapa gerado a partir do garimpo de projetos, cursos e programas em Educação Ambiental e Educomunicação presentes no Território de Identidade da Chapada Diamantina. Tratam de dados coletados nas universidades e institutos de educação, bem como secretarias municipais de educação e informações disponíveis na rede mundial de computadores.

4.1 Tem Educom na Chapada?

Como previsto em um dos objetivos específicos desta pesquisa, quanto mapeamento de informações sobre os projetos, cursos e programas de Educação Ambiental (EA) e Educomunicação realizados na região, identificamos algumas ações que pautam esses eixos temáticos que foram ou estão sendo desenvolvidas.

A metodologia utilizada foi: 1) mapeamento dos programas e projetos de pesquisa e extensão nos registros acadêmicos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Seabra); 2) pesquisa e análises dos programas e projetos de pesquisa e extensão do Instituto Federal de Educação (IFBA-Seabra); 3) pesquisa sobre programas e projetos de pesquisa e extensão nos mecanismos de busca da internet, no portal da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA), na plataforma PORVIR, no Painel Mar e nos sites das prefeituras municipais da Chapada Diamantina; ; e, 4) contato direto e indireto com secretarias municipais de educação, bem como, NTE 03 - o qual representa este Território de Identidade.

Neste garimpo foram encontradas 51 (cinquenta e uma) ações que pautam a Educação Ambiental e a Educomunicação. Desta quantidade, 41 (quarenta e uma) são iniciativas que tem em sua centralidade a Educação Ambiental, 5 (cinco) são projetos de Educomunicação e a sua vertente Socioambiental e 5 (cinco) tratam-se de programas com temáticas afins a EA e a Educomunicação - sendo 3 (três) deles em audiovisual.

35 Gíria de garimpeiro: Descoberta casual de ouro e/ou pedras preciosas. Disponível em: <<https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/garimpeiro/investiga%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20/07/2023.

Todas as ações foram catalogadas pela data da sua implementação, como podemos observar no Quadro 02.

Quadro 2: Ações de Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada (1998 - 2023)

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
Educação Ambiental (1998)	Mucugê	Projeto de Educação Ambiental	Trata-se de uma proposta multidisciplinar de Educação Ambiental para estudantes dos primeiros níveis de ensino.	Sim
Chapada Diamantina Sustentável: Ações para o Desenvolvimento Sustentável do entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina (2003 - 2006)	Andaraí	Projeto de Educação Ambiental	O objetivo era criar alternativas sustentáveis para as comunidades do entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) para minimizar os impactos na unidade de conservação.	Não
Vamos Revegetar Nossos Rios (2004-2006)	Iraquara	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto teve como objetivo mobilizar pequenos produtores rurais para a recuperação de 40 ha de matas ciliares e de nascentes na região alta da Bacia do Rio Paraguaçu.	Não
Integração Ecológica (2005)	Lençóis	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto acontece com a participação de 45 crianças. Tem atividades semanais como oficinas de arte e educação ambiental.	Sim
Recicla Lençóis (2005)	Lençóis	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto objetiva a implementação de um sistema operacional e participativo de coleta e destinação seletiva de resíduos recicláveis para que estes sejam pré-beneficiados e acondicionados por espécie, a fim de serem direcionados à indústria de reciclagem.	Sim
Sempre Verde - Adote uma árvore (2009-2013)	Lençóis	Projeto de Educação Ambiental	O projeto tem como um dos seus pilares a Educação Ambiental, visto que, tem o potencial de despertar mudanças no	Não

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
			modo de pensar e agir do indivíduo em relação ao meio ambiente.	
Educação Ambiental e Mobilização Social em Saneamento (2009-2012)	Morro do Chapéu	Projeto de Educação Ambiental	O projeto objetivou promover ações de formação baseadas em cursos e oficinas, aos participantes.	Não
Ponto de Cultura Alecrim (2009)	Lençóis	Projeto de Educação Ambiental	O projeto visa potencializar valores e práticas sociais do conhecimento tradicional e da conservação ambiental entre todas as gerações e setores sociais de Lençóis, influenciando em políticas públicas de reconhecimento social da medicina popular e da cultura de amor à terra.	Sim
Educação Ambiental e Mobilização Social em Saneamento - PEAMSS/BA (2009 - 2012)	Iramaia, Morro do Chapéu e Seabra	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto buscava contribuir com a universalização dos serviços de saneamento básico, fortalecendo a participação e o controle social, por meio de ações de mobilização e educação ambiental,	Sim
Cisternas nas Escolas (2011-2013)	Bonito	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto objetiva-se levar água para as escolas rurais do Semiárido, utilizando a cisterna de 52 mil litros como tecnologia social para armazenamento da água de chuva.	Não
Gaya - Reconecte-se com a natureza (2011-2011)	Mucugê	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto Gaya visa atender aos princípios básicos da permacultura e das experiências Gaias pelo mundo.	Não
Bioconstrução do espaço Nordeste Rio de Contas (2011-2013)	Rio de Contas	Projeto de Educação Ambiental	O objetivo da iniciativa é popularizar a Permacultura e a bioconstrução na região, promovendo o resgate do conhecimento ancestral de moradia e o convívio sustentável com a	Não

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
			natureza.	
Sementes da Chapada Diamantina: o saber dos quilombolas na preservação da agrobiodiversidade (2013-2014)	Rio de Contas	Projeto de Educação Ambiental	Valorizar e dar visibilidade aos saberes ancestrais de comunidades remanescentes de quilombos foi uma das metas do Projeto.	Não
Trilha Griô (2013)	Lençóis	Projeto de Educação Ambiental	Trata-se de um roteiro que visa apresentar a região através da cultura das comunidades tradicionais. Conhecer a cultura da Chapada Diamantina é uma nova forma do turista vivenciar a realidade local e incluir diretamente - social e economicamente - os moradores locais.	Sim
CuCa - Cultura, Comunicação e Educação Ambiental na Chapada Diamantina (2015)	Território Chapada Diamantina	Projeto de Educação Ambiental	Grupo de pesquisa em Cultura e Conflitos Ambientais na Chapada Diamantina vinculado à UNEB-Seabra.	Sim
Cercado de Saberes: Comunicação e conservação ambiental no Vale do Cercado (2015 - 2017)	Palmeiras	Projeto de Educomunicação	O Projeto é uma iniciativa de extensão universitária que pretende promover a preservação e educação ambiental no Vale do Cercado, através do uso educativo das tecnologias da comunicação.	Não
Educampo: Comunicação e Educação nas Escolas Família Agrícola (2016)	Seabra, Morro do Chapéu e Ruy Barbosa	Projeto de Educomunicação	O projeto visa à formação e desenvolvimento crítico para o meio digital.	Sim
Águas do Paraguaçu - Restauração Ecológica da Microbacia do Córrego Ibicoara: Estratégia para conectar florestas, pessoas e negócios (2016)	Mucugê	Projeto de Educação Ambiental	O objetivo principal do projeto é reverter processos de degradação ambiental em áreas prioritárias para conservação de Mata Atlântica por meio de ações de restauração ecológica.	Sim
Garimpo Digital: mapeando os sinais da convergência na	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	O objetivo é diagnosticar as condições de transmissão e acesso	Sim

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
Chapada Diamantina (2017)			tecnológico, a produção e distribuição de conteúdos multimídia dos 08 municípios que integram as principais unidades de conservação da região, o Parque Nacional da Chapada Diamantina e a APA - Marimbus-Iraquara.	
Despertar: Educação Ambiental nas Escolas do Campo (2017)	Barra da Estiva	Programa de Educação Ambiental	O Projeto movimenta-se para construir novas ideias que colaborem com a materialização da Educação Ambiental nas escolas do Campo.	Sim
Ecopedagogia e Identidade Cultural (2018-2018)	Rio de Contas	Projeto de Educação Ambiental	O objetivo dessa ação é utilizar as plantas medicinais como instrumento articulador entre a educação ambiental e crenças populares, possibilitando a conscientização ecopedagógica através do resgate do conhecimento popular das plantas medicinais.	Não
O Folclore Brasileiro de Mãos Dadas com o Meio Ambiente - Curupira: O Guardião das Florestas (2018)	Rio de Contas	Projeto de Educação Ambiental	Consolidar o Ensino sobre o Meio Ambiente no CEAR.	Sim
Agroecologia e Tecnologias Socioambientais - TecAmb (2018)	Seabra		O TecAmb visa desenvolver estudos ligados à área de tecnologias socioambientais, voltadas às características e especificidades da região semiárida baiana, tendo como foco território Chapada Diamantina, onde existem inúmeras unidades de conservação a nível municipal, estadual e federal. São desenvolvidas atividades nas seguintes temáticas: aproveitamento de resíduos orgânicos, reuso de água, produção orgânica, gestão	Sim

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
			ambiental e estudo da diversidade sociocultural e interação com o meio ambiente.	
Núcleo de Estudos em Agroecologia do IFBA-Seabra: Instrumento de Fortalecimento dos Povos Tradicionais da Chapada Diamantina (2018)	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	O presente projeto teve como objetivo inicial a criação do Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA). Esperava-se, a partir de encontros, reflexões e consequentes produções sobre o tema que venham a contribuir com o estado da arte nas discussões sobre a Agroecologia em diálogo com povos tradicionais bem como o reconhecimento da presença e da riqueza cultural dos povos indígenas no TICD, como Tapuyas e Petiquaras e Payayás.	Sim
Rede Educom - Chapada Diamantina (2019)	Território Chapada Diamantina	Projeto de Educomunicação	Objetiva-se fortalecer os Conselhos Municipais do Território através de capacitação técnica e política que vai desde os conceitos de Política Territorial.	Sim
Plantando Dá (2019)	Nova Redenção	Projeto de Educação Ambiental	O objetivo é trabalhar conceitos de educação ambiental, despertar o pensamento crítico no aluno.	Sim
Em Cantos da Chapada Diamantina (2019)	Itaetê	Projeto de Educação Ambiental	A proposta busca incluir experiências autênticas no turismo de natureza, mostrando o dia a dia das pessoas que moram e guardam os patrimônios ambiental e cultural da região.	Sim
Papo Covid na Chapada (2020)	Território Chapada Diamantina	Programa de Comunicação e Educação Ambiental	O Programa objetiva-se apresentar ao público chapadeiro dados referentes à pandemia da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, logo se torna também um	Não

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
			espaço para trocas de experiências e de divulgação e popularização da ciência.	
BocaPiu (2020)	Território Chapada Diamantina	Programa de Comunicação e Educação Ambiental	O Programa busca discutir economia, qualificação da produção, movimentos sociais, organização social, agroecologia e meio ambiente.	Não
Potencialidades do turismo na Chapada Diamantina (2020)	Território Chapada Diamantina	Programa de Comunicação e Educação Ambiental	O Programa discute temas voltados às atividades econômicas do Território. Entre as discussões realizadas, estão os efeitos da pandemia para o setor turístico, além da situação das unidades de conservação ambiental do território e projetos de apoio ao turismo na Chapada Diamantina, a exemplo da organização dos sítios arqueológicos, do trecho baiano da Estrada Real, entre outros.	Não
As filosofias de minha avó: poetizando memórias para afirmar direitos (2020)	Boninal	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto estimula o resgate de memórias junto aos familiares mais velhos.	Sim
Coletiva ECO-CEEP (2020)	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto busca sensibilizar a comunidade escolar para o cuidado com o ambiente, operacionalizar o Ponto de Entrega Voluntária de resíduos e readaptar o espaço escolar com materiais sustentáveis.	Sim
S.O.S Bocaina e Mocó (2020)	Piatã	Projeto de Educação Ambiental	O “S.O.S Chapada Diamantina” tem como objetivo dar visibilidade a movimentos socioambientais que estão na linha de frente na denúncia e combate às ameaças socioambientais.	Sim

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
Núcleo de Estudo de Comunidade Quilombola (MUANZI) - (2020)	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	Projeto interdisciplinar e intercampi, trabalha com o mapeamento e pesquisa da história e cultura das comunidades quilombolas da região da Chapada Diamantina. Objetiva incentivar Afrocientistas para pesquisas que considerem o impacto das mudanças climáticas em territórios negros. O projeto está sendo executado em três comunidades quilombolas, localizadas em Feira de Santana (Candeal II), Seabra (Agreste) e Itapura (Miguel Calmon).	Sim
Kit Enfrentamento Pandemia: Trazendo Alento, Informação e Incentivo à Agricultura Familiar na Chapada Diamantina (2020)	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	Objetiva o diálogo entre sociedade civil, IFBA Campus Seabra e Instituições relacionadas à Agricultura Familiar e comunidades rurais do município, incentivando, através da construção do Kit Enfrentamento, o escoamento dos produtos da agricultura familiar de base orgânica e o aquecimento do comércio local, inspirando toda a sociedade local a ações que priorizem o coletivo e a solidariedade.	Sim
Rede Chapada Agroecológica (2021)	Território Chapada Diamantina	Projeto de Educação Ambiental	Iniciativa de extensão universitária que pretende fomentar o intercâmbio de produtos e saberes sobre a agroecologia, e contribuir no fortalecimento da rede de atores ligados à economia solidária e ecológica na Chapada Diamantina através da produção em comunicação e educação ambiental.	Sim
Morro Verde (2021)	Morro do Chapéu	Programa de Educação Ambiental	Objetiva-se desenvolver atividades de educação ambiental, com o intuito de sensibilizar a	Sim

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
			população sobre as questões ambientais, através do plantio de mudas nativas em escolas da rede municipal de ensino e na comunidade.	
Semeando Resiliência do Território Chapada Diamantina: Implantação de Núcleo Agroecológicos de Restauração Ambiental (2021)	Abaíra, Andaraí, Boninal, Piatã, Seabra, Ibicoara e Morro do Chapéu.	Projeto de Educação Ambiental	Promoção da vida no solo.	Sim
Observatório dos Conflitos Ambientais da Chapada Diamantina (OCA) (2021)	Território Chapada Diamantina	Projeto de Educação Ambiental	Iniciativa de monitoramento virtual dos dados e notícias sobre o avanço das disputas públicas em torno dos recursos ambientais na região do alto Paraguaçu na Chapada Diamantina.	Sim
Dispositivos de Detecção de Incêndios para Áreas de Preservação Ambiental (2021-2022)	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	Esta pesquisa tem como objetivo construir um dispositivo que detecta o aumento crescente de calor e notifica o órgão responsável pela fiscalização da área de preservação ambiental a fim de que ele possa acionar o corpo de bombeiros.	Não
Educomunicação Ambiental: Comunicação para a Sustentabilidade Socioambiental na Chapada Diamantina (2022)	Território Chapada Diamantina	Projeto de Educomunicação	O principal objetivo deste projeto extensionista é desenvolver ações de Educomunicação Ambiental contextualizada com as questões da Chapada Diamantina.	Sim
Saberes das Águas & Sabores da Natureza - Chapada Diamantina (2022)	Ibicoara, Mucugê, Iramaia e Itaeté	Projeto de Educação Ambiental	Desenvolver a revitalização e a conservação do solo e da água território da Sub Bacia do Rio santo Antônio.	Sim
Retratos Rurais (2022)	Itaeté	Projeto de Educomunicação	O projeto de artes visuais e educomunicação realizado com recursos do Fundo de Cultura do	Sim

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
			Estado da Bahia e apoio logístico do ICMBio, em assentamentos de reforma agrária do município de Itaetê, na Bahia.	
Pró Espécies - Plano de Ação Territorial (2023)	Lençóis	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto engloba 56 municípios da Bahia e prevê a formação dos moradores através de cursos como de fiscalização ambiental e turismo sustentável.	Sim
Movimentando Mulheres: conectando vivências, fortalecendo experiências (2023)	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	O objetivo geral da Proposta é proporcionar reflexões acerca do Dia Internacional da Mulher e do Marco de Luta, através de encontros mensais em Seabra.	Sim
Monitoramento e Avaliação dos Parâmetros de Qualidade da Água do Rio Cochó na cidade de Seabra (2023)	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	Este projeto tem como objetivo avaliar a qualidade da água do Rio Cochó, localizado na cidade de Seabra, Bahia, Brasil, devido à degradação ambiental causada pelas atividades humanas, como a industrialização e o uso de agrotóxicos.	Sim
Sempre Viva	Mucugê	Projeto de Educação Ambiental	O projeto promove programas de educação ambiental e compartilha com visitantes informações científicas e curiosidades sobre as espécies, algumas delas ameaçadas de extinção.	Sem informação.
Verde Perto na Chapada Diamantina	Mucugê	Projeto de Educação Ambiental	O Projeto faz parte de uma iniciativa da Coordenação de Educação Ambiental do ICMBio para qualificar jovens comunitários a assumirem seu papel na gestão participativa de UCs federais.	Sem informação.
Integrando iniciativas de Turismo de Base Comunitária (TBC)	Itaetê	Projeto de Educação Ambiental	O seu principal objetivo é usar o que já existe no município e, então,	Sem informação.

Nome do Projeto, Curso ou Programa	Município contemplado	Categoria	Objetivo geral	Projeto vigente?
com o Parque Nacional da Chapada Diamantina e o Parque Natural Municipal de Andaraí - Rota das Cachoeiras			elaborar um roteiro para ser oferecido a turistas, agências e operadoras de turismo.	
Educação ambiental no programa Bahia sem fogo	Mucugê	Projeto de Educação Ambiental	Elaborar materiais didáticos e promover oficinas que contribuam para a formação e a disseminação das informações de forma educativa à prevenção e ao combate ao fogo.	Sem informação.
Ambientais da Chapada Diamantina (PAMC)	Seabra	Projeto de Educação Ambiental	O Grupo de Pesquisa realiza estudos ligados à área ambiental, com o propósito de gerar e aplicar tecnologias adaptadas às condições regionais, características e especificidades da Chapada Diamantina.	Sem informação.

Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Como pudemos observar no Quadro acima, existem diversas ações de Educação Ambiental (EA) e de Educomunicação na Chapada Diamantina. Em todos os mecanismos de busca e com as estratégias de investigação apresentadas, conseguimos identificar ações numa linha de tempo bem ampla. Registramos ações entre 1998 e 2023.

Dessa relação de ações, 33 (trinta e três) delas se encontram ainda em execução e 13 (treze) estão finalizadas. Alguns desses projetos, 5 (cinco), não conseguimos identificar o ano da sua implementação e / ou em que fase eles se encontram.

De acordo com o Quadro 02, vale ressaltar um dado bem importante 12 (doze) dessas ações aconteceram ou acontecem em mais de um município deste Território. São exemplos: o *“Saberes das Águas & Sabores da Natureza - Chapada Diamantina (2022)”*, que é desenvolvido nos municípios de Ibicoara, Mucugê, Iramaia e Itaeté; e o *“Semeando Resiliência do Território Chapada Diamantina: Implantação de Núcleo Agroecológicos de Restauração Ambiental (2021)”*, que tem

suas atividades centralizadas em Abaíra, Andaraí, Boninal, Piatã, Seabra, Ibicoara e Morro do Chapéu. Outras ações, a exemplo da “Rede Educom - Chapada Diamantina (2019)”, almeja atender e/ou mapear dados de todos os municípios. Vale mencionar ainda que, independentemente da quantidade de municípios envolvidos na ação, cada um dos 12 (doze) projetos, só foram contabilizados apenas 1 (uma) vez.

Como identificado, foram muitas ações encontradas até aqui. Uma questão muito importante que conseguimos identificar nos projetos é a constante participação da sociedade civil, a exemplo do projeto extensionista da UNEB “Rede Chapada Agroecológica”, do movimento “S.O.S Bocaina e Mocó” e do projeto “Retratos Rurais”.

O projeto “Rede Chapada Agroecológica” é responsável pela construção e manutenção de uma Feira de Agroecologia e tem a participação de diversas mulheres e homens produtores rurais que comercializam seus produtos base da agricultura familiar. A feira acontece mensalmente e está se configurando como uma feira itinerante - uma vez que os integrantes, ao serem convidados para eventos na região, a exemplo das Feiras Literárias, levam o Projeto para além dos muros universitário. As produções de audiovisual, de promoção da Feira são feitos pelos alunos da UNEB - bolsistas do Projeto de Extensão - e são divulgados na TV UNEB-Seabra³⁶ e também nas redes sociais da Feira e da universidade.

Já o movimento “S.O.S Bocaina e Mocó”, buscam, por meio das mídias sociais, trazer a toda sociedade chapadeira as problemáticas advindas dos conflitos socioambientais vivenciados pelos comunitários. A produção das mídias muitas vezes é realizada pelos próprios moradores ou por parceiros que estão engajados com eles nesta luta. O movimento realiza constantes encontros e debates na sede da associação comunitária - sempre convidam a sociedade, o poder público, as mídias locais, bem como as universidades presentes no Território de Identidade da Chapada Diamantina (a UNEB e a UEFS). A ação “S.O.S Bocaina e Mocó”, já foi uma das responsáveis por evidenciar, por meio das mídias sociais, os conflitos existentes na comunidade com uma empresa de mineração e, principalmente, por barrarem, mesmo que por um período, as atividades ilegais do empreendimento.

36 Exemplo de conteúdo produzido, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k75v12SpM6A>. Acesso em: 23/01/2024.

A ação “S.O.S Bocaina e Mocó” é um exemplo muito forte de utilização das redes sociais como mídia alternativa e fazer dessa mídia um dos seus meios de comunicação. O movimento gerencia um perfil no Instagram³⁷ onde são colocadas informações sobre a comunidade, notícias sobre o conflito socioambiental vivenciado por eles, bem como meio de compartilhamento de formações, reunião e conteúdo diversos. O mencionado perfil conta com mais de 2 mil seguidores e possui conteúdos com mais de 5 mil visualizações (Figura 2).

Figura 2. Perfil do “S.O.S Bocaina e Mocó” no Instagram



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2024).

Outro exemplo a ser mencionado é o projeto “Retratos Rurais”. O projeto de artes visuais e educomunicação, realizado no município de Itaetê, tem como principal objetivo: capacitar jovens através de oficinas de comunicação e promover uma narrativa endógena da história e da cultura dos assentamentos, além de criar canais de comunicação que divulguem os produtos e serviços oferecidos pelos assentados, como roteiros de turismo de base comunitária. O Projeto foi o responsável pela construção do portal Retratos Rurais (itaete.chapada.ba) no qual é apresentado ao público informações sobre a história dos assentamentos rurais de Itaetê, os roteiros turísticos, bem como todas as informações e produção referentes a formação Figura 3.

Figura 3: Site Retratos Rurais produzido a partir de projeto de educomunicação na cidade de Itaete - Chapada Diamantina

37 Disponível em: https://www.instagram.com/s.o.s_bocaina_e_moco/. Acesso em: 23/01/2024.



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2024).

Todos os projetos mencionados até aqui carregam em si uma linguagem simples e regionalizada. Por se tratar de projetos e conteúdos produzidos pelos próprios comunitários, todas as peças de comunicação são entregues e entendidas por todos e todas.

Porém, nem tudo são flores. Muitos dos projetos sofreram e sofrem diversos desafios. O principal deles, sem sombra de dúvidas é o fator econômico para administração e dedicação exclusiva nos já mencionados projetos e para outras ações também. O “*Observatório dos Conflitos Socioambientais da Chapada Diamantina (OCA)*”³⁸ é um exemplo. Existem diversas pessoas envolvidas no Projeto, porém as demandas de trabalho e o escasso recurso inviabilizam um cronograma fixo de produção e divulgação de conteúdo e possíveis denúncias em sua plataforma online.

Além disso, numa breve análise das produções do site do Projeto, identificamos algumas questões que merecem a nossa atenção. A primeira delas, diz respeito ao conteúdo produzido e o formato escolhido para a escrita. Os textos (ou boletins como são categorizados) são muito bem elaborados, recheado de informações e referências. Mas, por se tratar de uma plataforma que evidencia conflitos socioambientais de comunidades rurais, da Chapada Diamantina não turística, deveria ser repensada por 2 motivos: 1) nem todas as pessoas dessas comunidades possuem acesso a Internet Banda Larga ou a aparelhos tecnológicos; 2) os textos são longos, cheios de termos, conceitos e referências acadêmicas - o

³⁸ Falaremos mais sobre o OCA no próximo item.

que pode de alguma forma distanciar o possível leitor e/ou dificultar o entendimento (envolvido diretamente no conflito).

Nas redes sociais do Observatório a linguagem é mais “popular”. As imagens utilizadas, juntamente com as legendas, ajudam bastante no processo de disseminação das informações nas próprias redes sociais e também em grupos de WhatsApp. Mas, independentemente dessa observação, o Observatório foi e é um agente de comunicação, podendo se transformar em comunicação comunitária, importantíssimo para evidenciar os conflitos da Chapada não turística. Vale mencionar que ele, juntamente com o “S.O.S *Bocaina e Mocó*”, teve um importante papel articulador na luta contra o mencionado empreendimento de mineração.

Ainda com base no quadro 02, registramos projetos em Educação Ambiental (EA) em todas as dimensões possíveis. Registramos a partir dos Projetos de EA, pautas como a educação do campo e no campo, a educação cultural e identitária e ações de comunicação para a sustentabilidade. Temos também ações de Educomunicação ou ações que utilizam dessa metodologia-teórico-prático como meio para a produção de peças de comunicação ou programas audiovisuais.

Diante da realidade de muitos programas encontrados, selecionamos alguns espaços que garimpamos e mencionaremos a seguir outras ações.

4.1.1 O garimpo na UNEB-Seabra

As primeiras ações que foram identificadas estavam nos arquivos públicos do Campus XXIII da Universidade do Estado da Bahia, em Seabra. Pelo vínculo que o pesquisador possui com este Departamento, o acesso aos projetos se deu de forma muito fácil. Com aval da Direção do Departamento e acesso aos sistemas de informação eletrônicos da universidade: Sistema Eletrônico de Informação (SEI), Sistema Integrado de Planejamento (SIP) e Sistema de Planejamento e Gestão Universitária (SPGU), chegamos aos seguintes projetos:

Começamos pelo Projeto já mencionado no capítulo introdutório desta dissertação. O “*EduCampo: Comunicação e Educação nas Escolas Família Agrícola (EFA)*”, executado durante o ano de 2016, de autoria da professora Gislene Moreira, teve participação ativa dos alunos do curso de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios. O projeto tinha como principal objetivo a formação e desenvolvimento crítico para o meio digital de jovens e adolescentes da Escola Família Agrícola Mãe

Jovina - em Ruy Barbosa (BA), e envolveu todo âmbito escolar (gestão, disciplinar e transdisciplinar mencionado na obra de Ismar Soares (2011)), além da comunidade externa à Escola. Por mais que o Projeto não tenha sido executado dentro dos limites geográficos do Território de Identidade da Chapada Diamantina, o nascimento do mesmo se deu dentro da UNEB-Seabra, a partir do Colegiado do curso de Jornalismo.

No mencionado Projeto, foi desenvolvido uma mídia alternativa, onde todos os alunos, após a formação, pudessem criar notícias e divulgar suas produções, suas histórias e dados das suas culturas. Quanto à mídia, trata-se de um grupo no Facebook, ainda ativo, aberto para que toda comunidade escolar pudesse ter acesso e compartilhassem suas produções propostas durante as mediações, bem como informações gerais sobre aulas e acontecimentos do dia a dia dos alunos ou de atividades que venham acontecer em suas comunidades.

Na execução deste Projeto, pudemos identificar que as etapas essenciais para um projeto em Educomunicação (a preparação, o planejamento, a produção e a disseminação), apresentadas por Penido (2008), estavam presentes. Importante dizer também que a mídia gerada para o compartilhamento de informações, se tornou num grande banco de dados que poderá ser utilizado para futuras análises. Além disso, o espaço foi utilizado por um período como um importante meio de comunicação entre a comunidade escolar.

Outro importante projeto educ comunicativo encontrado, também já mencionado, trata-se do *“Cercado de Saberes: Comunicação e conservação ambiental no Vale do Cercado (2015 - 2017)”*, também da professora doutora Gislene Moreira. É uma iniciativa de extensão universitária que pretendia promover a preservação e educação ambiental no Vale do Cercado, povoado do município de Palmeiras, através do uso educativo das tecnologias da comunicação. A iniciativa foi constituída de três eixos educ comunicativos: a informação ambiental, a formação multimídia e a mobilização social, que deveria se articular a partir da construção de uma página web que sistematizasse e promovesse o conhecimento sustentável sobre o Vale do Cercado.

Durante a execução deste Projeto, identificamos que a página, enquanto produto educ comunicativo, não foi gerado. Isso se deu devido a outras demandas que surgiram, a exemplo dos longos episódios de incêndios florestais na Chapada Diamantina. A partir dessa realidade, os membros que fizeram parte da comissão

executiva do Projeto começaram a coletar dados sobre qual era o discurso da mídia quanto aos incêndios na região. Os dados poderão ser observados no artigo “Mídia e incêndios florestais na Chapada Diamantina”, publicado na Revista Garimpus, em 2018, já mencionado.

Nos mesmos arquivos da UNEB-Seabra, também se encontra o projeto “*Educomunicação Ambiental: Comunicação para a Sustentabilidade Socioambiental na Chapada Diamantina (2022)*”, que deu início a esta pesquisa. No texto inicial, objetivava-se analisar e produzir ações de comunicação, no âmbito da TV UNEB-Seabra, que discutam as relações das ciências ambientais, bem como incentivem a criação de conteúdo audiovisual para e sobre as diversas Chapadas Diamantinas, principalmente para aquelas invisibilizadas pela não realidade turística de suas localidades. O principal objetivo deste projeto extensionista é desenvolver ações de Educomunicação Ambiental contextualizada com as questões da Chapada Diamantina.

No âmbito da UNEB-Seabra, apenas três projetos de Educomunicação e Educomunicação Socioambiental foram encontrados. Enquanto isso, pudemos perceber que existem também vários projetos e ações que dialogam com as questões ambientais. Alguns desses projetos foram elaborados a partir de demandas sociais quando envolvem ou envolveram conflitos socioambientais.

Diante das demandas das sociedades, para que os processos conflituosos não ganhassem ou ganhem forças e sobretudo pela luta dos direito dos povos da Chapada não turística, mencionados anteriormente, como o direito de permanecerem em suas terras, alguns projetos de extensão e intervenção social, vinculado a universidades e iniciativas de ONGs e da sociedade civil, vêm surgindo a cada dia. Um exemplo, pode ser observado e vivenciado por Novais Filho (2018), na sua passagem pelo projeto “*Garimpo Digital: mapeando os sinais da convergência na Chapada Diamantina (2017)*”, quando o pesquisador pôde utilizar de metodologias como a educomunicação para fazer a mediação do conflito que envolvia o PNCD e a comunidade quilombola Fazenda Velha.

O “*Garimpo Digital: mapeando os sinais da convergência na Chapada Diamantina*” busca identificar e analisar os usos e impactos da convergência midiática nas questões ambientais do Território Chapada, na Bahia. O Projeto está em desenvolvimento desde 2017 e é coordenado, também, pela doutora Gislene Moreira.

Outra iniciativa muito importante para evidenciar os conflitos socioambientais no nosso Território de Identidade, sem sombra de dúvidas, é o Observatório dos Conflitos Socioambientais da Chapada Diamantina (OCA), como mencionamos no item anterior. Desenvolvido, a partir de uma demanda social, a partir de 2021, o principal objetivo do OCA é “contribuir com a promoção da justiça socioambiental através da construção de um acervo colaborativo sobre situações de conflito na Chapada Diamantina, e favorecer a visibilidade das cosmovisões dos povos tradicionais do território”³⁹. Este canal de informação e consulta, que apresenta um mapa dos conflitos no território, e que também é um canal de comunicação, conta com a participação de todas as comunidades envolvidas em conflito. Todo o processo de construção das notícias se assemelha à produção independente de comunicação alternativa e/ou comunitária - conceitos que foram amplamente discutidos anteriormente - uma vez que as vozes e fontes, fora as acadêmicas, sempre são os comunitários.

As frentes de combate e denúncias do OCA, por exemplo, foram responsáveis por barrar um empreendimento de extração de minério, operado pela empresa inglesa Brazil Iron, que estava em constantes conflitos com as comunidades de Bocaina e Mocó, no município de Piatã. Antes do OCA, as próprias comunidades tiveram a iniciativa da criação do movimento *S.O.S Bocaina e Mocó (2020)* - que tinha como foco evidenciar o mencionado conflito entre comunitários e “as novidades da modernização”.

Com frentes de discussões bem parecidas, as produções audiovisuais independentes do *Coletivo Escola Livre de Audiovisual da Chapada Diamantina (ELA)*, criado a partir de um projeto de extensão da UNEB, em 2020, além de evidenciar os conflitos, trabalha com metodologias educomunicativas as questões da identidade dos jovens e adultos da nossa região, principalmente aos camponeses e povos originários.

Tanto o OCA quanto a ELA têm participação ativa nas produções da TV UNEB-Seabra, que em paralelo com a sua programação, abre espaço para que os projetos e as comunidades possam se expressar, pautar e produzir conteúdo. Todas as iniciativas até aqui mencionadas tiveram um mesmo objetivo comum, mesmo que

39 Disponível em: <https://ocachapadadiamantina.org/sobre-nos/>. Acesso em 10/01/2023.

subentendido: dar visibilidade à Chapada invisível a partir de meios alternativos de fazer comunicação.

Como fruto também do Campus XXIII da Universidade do Estado da Bahia, UNEB-Seabra, nasce também, durante a pandemia da Covid-19, a *TV UNEB-Seabra*, a qual fizemos uma análise criteriosa para identificação dos programas, séries e *lives* que dialogassem com a Educação Ambiental e também com a Educomunicação.

Desta análise, identificamos três programas que possuem proximidade com o tema proposto para esta pesquisa. São eles: o *Programa Papo Covid na Chapada*, o *Programa Boca Piu* e a *Série Potencialidades do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social na Chapada Diamantina*. Além desses programas, existem outros conteúdos em *live* que possuem proximidades com a temática em estudo, mas, por limitação de tempo e delimitação metodológica, decidimos analisar apenas os programas mencionados. Os dados gerados para a análise do conteúdo, que datam desde a criação da TV UNEB-Seabra, em maio de 2020, até o final de 2021, serão apresentados no Capítulo 5.

Vale registrar que existem outras ações de EA na UNEB-Seabra, como a “Rede Chapada Agroecológica (2021)”, o “CuCa - Cultura, Comunicação e Educação Ambiental na Chapada Diamantina (2015)” e etc. Mas, pela limitação de tempo, vamos observar outros espaços de garimpo.

4.1.1.1 A importância dos pesquisadores da UNEB

Antes de falarmos sobre os projetos garimpados no IFBA-Seabra, é extremamente importante mencionar o importante papel dos pesquisadores da UNEB-Seabra, principalmente da pesquisadora doutora Gislene Moreira. Neste garimpo, fica evidente o amor e a excelência no/do seu trabalho pela quantidade de projetos e ações vinculados ao seu nome e/ou coordenados por ela. Tais ações são fruto de importantes anos de mobilização e luta por um mundo melhor por meio das ações que envolvem os campos da comunicação, da educação e do binômio educomunicação, bem como ações de educação ambiental.

Gislene foi a responsável por uma das primeiras ações de educomunicação a ser vivenciada por jovens na região da Chapada Diamantina por meio dos projetos, já mencionados, o Cercado de Saberes e o Garimpo Digital, e por meio do

componente curricular, Educação e Comunicação, ministrado por ela no curso de Comunicação Social. Por meio destes Projetos, e destas aulas, a pesquisadora formou uma série de agentes multiplicadores desses conceitos.

Os discípulos de Gislene Moreira estão na coordenação da Escola Livre de Audiovisual na Chapada Diamantina, continuam formando jovens em comunidades rurais ou escolas rurais por meio do projeto Educampo, estão atuando junto com os agricultores rurais na Rede Chapada Agroecológica e em tantos outros espaços.

O retorno da pesquisadora a região tem cada vez mais contribuído para o fortalecimento dos debates acerca das questões ambientais e sociais na região, e, conseqüentemente para o fortalecimento da educomunicação no interior baiano - além da importante contribuição da pesquisadora para essas lutas, a mesma também tem contribuído bastante para a disseminação do conceito-prática da educomunicação, por meio de diversos artigos científicos produzidos e publicados sobre os temas.

4.1.2 O garimpo no IFBA-Seabra

Assim que conseguimos fechar todos os projetos vinculados UNEB-Seabra, começamos os diálogos com o IFBA-Seabra a fim de identificar também ali os projetos que dialogam com a proposta desta pesquisa. Desse diálogo, com os coordenadores de pesquisa e extensão, conseguimos identificar 1 (um) projeto de extensão e 1 (um) projeto de pesquisa vigentes. Além desses, a coordenadora de pesquisa do IFBA compartilhou 1 (um) outro projeto que se encontra em fase de implementação.

O projeto de extensão trata-se do *“Movimentando Mulheres: conectando vivências, fortalecendo experiências (2023)”*, coordenado pela professora Therezinha Gauri. Objetiva-se propor reflexões acerca do Dia Internacional da Mulher e do Marco de Luta, através de encontros mensais em Seabra. A iniciativa busca envolver as comunidades tradicionais e rurais, as servidoras públicas, as terceirizadas do IFBA-Seabra, artesãs e etc. O Projeto ainda prevê o diálogo sobre Equidade de Gênero e sobre todos os tipos de violência enfrentados pelas mulheres. Além disso, é um espaço para que as mulheres também possam compartilhar suas produções literárias, como contos, poemas e textos.

O projeto de pesquisa é o *“Dispositivos de Detecção de Incêndios para Áreas de Preservação Ambiental (2021-2022)”*. O seu objetivo principal é construir um dispositivo que detecta o aumento crescente de calor e notifica o órgão responsável pela fiscalização da área de preservação ambiental a fim de que ele possa acionar o corpo de bombeiros. Em seus objetivos específicos, além de propor ações, por meio de aplicativos digitais, para monitorar, detectar e enviar notificações sobre os incêndios florestais na nossa região, busca também auxiliar na proteção, recuperação e promoção do uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerindo de forma sustentável as florestas, combatendo a desertificação, detendo e revertendo a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

Ao acessar a aba de notícias do Portal IFBA⁴⁰, identificamos algumas matérias que mencionavam mais alguns importantes Projetos e / ou Grupos de Pesquisa. São exemplos: o *“Agroecologia e Tecnologias Socioambientais – TecAmb (2018)”*, que objetiva-se desenvolver estudos ligados à área de tecnologias socioambientais, voltadas às características e especificidades da região semiárida baiana; o *“Núcleo de Estudo de Comunidade Quilombola (MUANZI) - (2020)”*, que tem como premissa incentivar Afrocientistas para pesquisas que considerem o impacto das mudanças climáticas em territórios negros; o *“Ambientais da Chapada Diamantina (PAMC)”*, com objetivo de realizar estudos ligados à área ambiental, com o propósito de gerar e aplicar tecnologias adaptadas às condições regionais, características e especificidades da Chapada Diamantina; e o *“Núcleo de Estudos em Agroecologia do IFBA-Seabra: Instrumento de Fortalecimento dos Povos Tradicionais da Chapada Diamantina (2018)”*, que visa contribuir com o estado da arte nas discussões sobre a Agroecologia em diálogo com povos tradicionais.

Vale registrar também a importante ação *“Kit Enfrentamento Pandemia: Trazendo Alento, Informação e Incentivo à Agricultura Familiar na Chapada Diamantina (2020)”*. O Projeto busca ser o elo entre a sociedade civil, IFBA Campus Seabra e Instituições relacionadas à Agricultura Familiar e comunidades rurais do município, incentivando, através da produção do Kit Enfrentamento, o escoamento dos produtos da agricultura familiar de base orgânica e o aquecimento do comércio local, inspirando toda a sociedade local a ações que priorizem o coletivo e a solidariedade.

40 Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/seabra/institucional/o-campus>. Acesso em: 16/07/2023.

4.1.3 O garimpo no NTE 03 e nas Secretarias Municipais de Educação

Outra ação importante para a coleta dos dados foi o contato direto com as Secretarias Municipais de Educação e com o Núcleo Territorial de Educação - NTE 03 - Seabra. O contato foi feito por meio de cartas enviadas para cada secretária e secretário por meio de e-mail e WhatsApp. De antemão, sentimos muita resistência por parte das Secretarias em passar as informações solicitadas, a saber: “O município possui Plano Estratégico de Educação?”; “Neste Plano ou nas escolas do município possuem ou já possuíram algum Projeto de Educação Ambiental ou Educomunicação?”; “Nos colégios que este NTE representa, possuem ou já possuíram algum projeto de Educação Ambiental ou Educomunicação?”. Alguns sequer responderam os e-mails e mensagens enviadas nos meios de comunicação disponibilizados pelas secretarias das prefeituras.

A referida situação nos levou a crer por um período que o não envio das informações se dava pelo fato de os municípios não terem ações que pautam os conceitos e metodologias aqui pesquisadas. Dado que “caiu por terra” quando iniciamos as pesquisas nos mecanismos de buscas da internet, já mencionados.

Outro fator importante a ser levantado é o desconhecimento das práticas Educomunicativas. Por mais que seja um termo que aparece no Brasil em 1998, a partir de um artigo escrito por Ismar Soares, muitos dos secretários e secretárias municipais de educação, 25 anos depois, não conhecem ou conheciam essa importante metodologia.

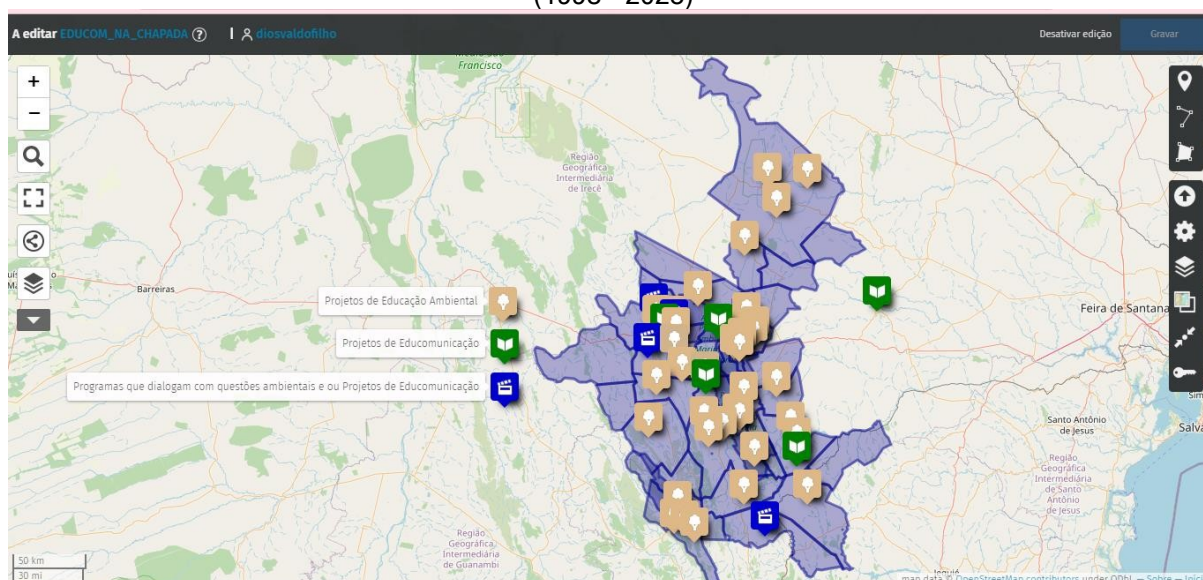
Diante do contratempo, quanto ao não envio das informações por parte das Secretarias Municipais de Educação, começamos a acionar contatos pessoais em todos os municípios para que pudéssemos entender se ao menos existiam projetos, cursos ou programas que pudessem ser inseridos na este banco de dados. Com muitos esforços, conseguimos a resposta de apenas 04 (quatro) municípios (Seabra, Souto Soares, Palmeiras, Andaraí).

4.1.4 O Mapa de ações em Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada Diamantina

De todos os dados obtidos neste garimpo, geramos o Mapa que representa a realidade mais próxima que temos com relação a presença de cursos, projetos e programas sobre educação ambiental e educomunicação no Território de Identidade da Chapada Diamantina. Os projetos são vinculados às escolas municipais e estaduais presentes nos municípios, a iniciativas privadas, a ONGs, a grupos sociais, à UNEB-Seabra, ao IFBA-Seabra e outras ações do Governo (Estadual e/ou Federal).

O Mapa foi desenvolvido na plataforma *uMap*. Trata-se de um ambiente digital e gratuito que permite desenvolver mapas com camadas *OpenStreetMap*⁴¹. Todos os Projetos e ações que encontramos poderão ser observados na Figura 4.

Figura 4: Mapa dos projetos de Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada Diamantina (1998 - 2023)



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Por se tratar de uma Mapa todo digital, algumas funcionalidades não poderão ser vistas por meio de recortes de tela. Para visualizar o Mapa com mais detalhes, ter acesso aos objetivos gerais e específicos de cada projeto e ação, onde estão sendo ou foram desenvolvidos e até mesmo a fonte e/ou o coordenador do mesmo, acesse o QrCode (Figura 5).

41 OpenStreetMap é um projeto de mapeamento colaborativo para criar um mapa livre e editável do mundo, inspirado por sites como a Wikipédia. Traduzindo para português o nome significa Mapa Aberto de Ruas. Ele fornece dados a centenas de sites na internet, aplicações de celular e outros dispositivos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/OpenStreetMap>. Acesso em: 21/01/2024.

Figura 5: QrCode de acesso ao Mapa contendo projetos de Educação Ambiental e Educomunicação na Chapada Diamantina



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

https://umap.openstreetmap.fr/pt-br/map/educom_na_chapada_909701#8/-12.214/-42.166 |
<http://u.osmfr.org/m/909701/>

A grande maioria dos dados aqui inseridos foram encontrados nos mecanismos de buscas da internet. Dependendo da resposta dos demais municípios, esses dados podem ser alterados com frequência. Afinal de contas, o mapeamento das ações será contínuo para futuras análises.

Importante mencionar que esta pesquisa priorizou projetos e ações permanentes. Neste sentido, alguns cursos ou projetos de curta duração, ou projetos e ações itinerantes, que não possuem duração contínua, ou que só aconteceram uma vez, não entraram no Mapa. São exemplos: o Festival de Cinema Ambiental da Chapada Diamantina (FACINE)⁴², que ocorreu virtualmente em 2021 durante a pandemia da Covid-19, o Circuito Tela Verde⁴³, desenvolvido pela Secretaria de Meio Ambiente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG-BA) e os

42 A iniciativa teve apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia). Foi pioneira na oferta e exibição de 21 filmes de todo o Brasil, que buscam a partir do audiovisual difundir informações e conhecimentos que mobilizam e sensibilizam nosso olhar em torno das questões socioambientais locais e nacionais. Disponível em: <https://facine.art.br/#facine>. Acesso em: 21/07/2023.

43 O objetivo do Circuito é facilitar o trabalho de educação ambiental por meio da linguagem audiovisual, com exibição de vídeos que abordem a temática socioambiental, procurando contribuir com o processo de construção dos valores culturais comprometidos com a sustentabilidade. O Circuito Tela Verde aconteceu em 2012, nos municípios de Bonito e Nova Redenção. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2012/02/do-jornal-da-chapada-fetag-promove-o-circuito-tela-verde-nos-municipios-de-bonito-e-nova-redencao/>. Acesso em: 21/07/2023.

Seminários e Mostra ELA⁴⁴, organizados pelo Coletivo Escola Livre de Audiovisual da Chapada Diamantina.

Outra informação importante a ser mencionada é: foi uma opção da pesquisa não garimpar as ações advindas do Programa de Pós Graduação em Rede Nacional para em Ensino das Ciências Ambientais do Campus Avançado da Chapada Diamantina da Universidade Estadual de Feira de Santana (PROFCIAMB/UEFS) nos arquivos da Universidade. Essa postura foi tomada para tentar, de alguma forma, identificar a relação das ações ligadas ao Programa com os municípios em que o Mestrado possui estudantes. E ainda, se esses estudantes estão dialogando com as gestões municipais para o fortalecimento e difusão dos conceitos de EA e de Educomunicação.

Como mencionado, nos passos metodológicos, uma das ações era o contato direto com todas as Secretarias de Educação dos municípios do Território de Identidade da Chapada Diamantina e com o Núcleo Territorial de Educação da Chapada Diamantina (NTE 03). Nem o NTE 03 e nenhum dos municípios que retornou contato citaram projetos vinculados ao PROFCIAMB. Essa constatação nos dar um sinal de alerta para trabalhar no fortalecimento da rede neste Território de Identidade e principalmente pautar a realização de ações interdisciplinares e de cooperação entre a universidade e entidades municipais.

Diante de todos os projetos garimpados e mencionados até aqui, selecionamos a TV UNEB-Seabra e três programas da sua grade de programação para fazer uma análise criteriosa sobre as questões socioambientais e quais são as suas proximidades com a prática educacional. A escolha foi feita a partir da necessidade de discutir o papel da comunicação para o fortalecimento das práticas de sustentabilidade por meio de projetos e ações que discutam com o povo a partir do povo, sobretudo sobre o papel da comunicação na luta das pautas de conflito vivenciados pelos moradores da Chapada não turística.

44 Disponível em: <https://elaaudiovisual.com/>. Acesso em: 21/07/2023.

5 Passar o pente-fino⁴⁵:

TV UNEB-Seabra: O audiovisual como ferramenta para difusão de conceitos de ciências ambientais e ações educacionais

Neste capítulo, apresentaremos a TV UNEB-Seabra e três programas que dialogam com os conceitos e práticas aqui tratadas. A partir da análise do conteúdo produzido por meio da comunicação alternativa, buscaremos entender e identificar como as práticas educacionais estão inseridas neste contexto e como o audiovisual está sendo utilizado para o fortalecimento de pautas formativas e difusão dos conceitos que permeiam as ciências ambientais. Faremos também uma análise das vozes que aparecem nesta programação.

5.1 Histórico da TV UNEB-Seabra e os impactos da implementação de uma TV Universitária na Chapada Diamantina

Em virtude da pandemia causada pela Covid-19, o Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus XXIII), em maio de 2020, criou e implantou a TV UNEB-Seabra, um canal de diálogo e formação, disponível na plataforma de Rede Social e Mídia Digital YouTube. A iniciativa foi pensada com o objetivo de planejar ações de comunicação, para auxílio na divulgação e veiculação de aulas, eventos, campanhas, cursos, oficinas etc., bem como incentivar a criação de conteúdo audiovisual, por toda comunidade acadêmica.

Até o final de 2021⁴⁶, conforme Figura 6, o canal universitário publicou mais de 321 vídeos e realizou mais de 521 *lives*. Neste período a TV UNEB-Seabra teve inscritos cerca de 3.870 usuários da plataforma, além de um total de 114.000 (cento e quatorze mil) visualizações e mais de 23.000 (vinte e três mil) horas de exibição dos conteúdos produzidos. As miniaturas dos vídeos elaborados pelo Canal apareceram como sugestão de exibição mais de 1.150.000 (um milhão, cento e cinquenta mil) vezes para a audiência da plataforma de vídeos, levando o nome da UNEB para os espectadores do Território da Chapada Diamantina, da Bahia, do Brasil e do mundo.

45 Gíria de garimpeiro: Analisar ou escrutinar minuciosamente. Disponível em: <<https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/garimpeiro/investiga%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20/07/2023.

46 Fizemos este recorte pois a programação a ser analisada foi produzida até dezembro de 2021.

Figura 6: Dados da TV UNEB-Seabra (entre 01 de maio de 2020 e 31 de dezembro de 2021)

Conteúdo	Visualizações ↓	Tempo de exibição (horas)	Inscritos ▲	Receita estimada	Impressões ▲	Taxa de cliques de impressão
Total	114.471	22.482,6	3.870	—	1.172.232	
FLIAN SHOW 1 "Filha do Mar", com Mariene de Cast...	4.036 3,5%	1.029,9 4,6%	69 1,8%	—	46.876	
Organização de projetos para o edital Cultura na Palm...	1.707 1,5%	456,2 2,0%	80 2,1%	—	5.700	
Live de Abertura: Escola Livre Audiovisual (ELA)	1.485 1,3%	133,5 0,6%	63 1,6%	—	12.792	
Curso de Extensão Sertões Contemporâneos - Debate I...	1.408 1,2%	584,3 2,6%	85 2,2%	—	11.181	
CURTA-METRAGEM ÁUREA ESTREIA NO DIA INTERN...	1.360 1,2%	224,1 1,0%	46 1,2%	—	7.186	
Curso de Extensão Sertões Contemporâneos - AULA 0...	1.195 1,0%	122,5 0,5%	110 2,8%	—	6.986	
CURSO LIVRE 1 - AUDIOVISUAL: QUE BICHO É ESSE? (...)	1.194 1,0%	97,0 0,4%	27 0,7%	—	10.075	

Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

A dedicação do tempo, comprometimento e recursos tecnológicos dos técnicos administrativos, dos professores e de alguns discentes da UNEB-Seabra, tornou possível manter a comunidade universitária mobilizada por meio de cursos e conteúdos realizados pelo Canal. Deste modo, a TV garantiu e garante a continuidade do papel formador da universidade para a comunidade interna e externa, marcando assim o seu compromisso com o ensino, com a pesquisa e com a extensão, a partir dos programas e séries.

Nesse sentido, a TV UNEB-Seabra se destacou como uma articuladora territorial, abrindo espaço para programas de grande relevância e impactos, editados por parceiros. Assim, intensificou o papel do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da UNEB, em Seabra, enquanto mobilizador de organizações da sociedade civil, do poder público e da sociedade da Chapada Diamantina, para a discussão sobre temáticas de interesse educacional, social, econômico, ambiental e político.

Esta era uma demanda muito latente neste Território de Identidade, que passou a possuir, pela primeira vez, um canal de comunicação qualificado para atender importantes demandas, com exibições e debates públicos em tempo real, com suporte dos recursos audiovisuais.

Isso só foi possível por conta da criação do Núcleo de Comunicação (NUCOM) do DCHT-23, através do Ato Administrativo 034/2020, que consta no processo SEI 074.7856.2020.0016161-46, aprovado pelo Conselho Departamental,

cuja estrutura conta com técnicos administrativos da área de tecnologia e comunicação, docentes do curso de Jornalismo e Letras - Língua Portuguesa e Literaturas e egressos do curso de Comunicação Social, deste Campus. Trata-se de uma equipe de profissionais qualificados para operar os diferentes recursos, equipamentos e canais de informação necessários para organizar e divulgar o canal da TV UNEB-Seabra.

Outro fator importante para exibir o conteúdo qualificado foi, sem sombra de dúvidas, o importante papel articulador que alguns dos membros do NUCOM desenvolvem em comunidades do entorno do Território de Identidade da Chapada Diamantina e suas articulações e proximidades com ONGs, entidades e movimentos sociais.

Ressalte-se que a TV UNEB-Seabra é uma filial da TV UNEB, gerenciada pela equipe da Assessoria de Comunicação do Campus I da Universidade, em Salvador. Conforme regimento aprovado em 2019, via Resolução CONSU/UNEB Nº 1.358/2019⁴⁷, os núcleos da TV UNEB, a exemplo da TV analisada, operam de forma autônoma, e suas gestões e conteúdos estão subordinados às respectivas equipes de trabalho.

5.2 Programação da TV UNEB-Seabra que tenha aderência às questões ambientais

A estrutura organizada de modo emergencial para o funcionamento da TV foi capaz de realizar cursos de formação, a exemplo do curso sobre os “*Sertões Contemporâneos*”, coordenado pela professora Doutora Gislene Moreira, em parceria com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), além de uma série de outros parceiros, e o curso “*Oficinas de Escritas Críticas*”, coordenado pelo professor Doutor Rafael Carvalho. Ambas as formações deixaram um legado de algumas dezenas de horas de conteúdos disponíveis à disposição de qualquer espectador

47 A TV UNEB, unidade da Universidade do Estado da Bahia vinculado à Assessoria de Comunicação da UNEB - ASCOM, com sede em Salvador e núcleos em diversos campi da UNEB, é uma televisão universitária, educativa, de natureza pública, geradora e emissora de radiodifusão de som e imagem, podendo operar em canal próprio na WEB, em circuito interno de televisão, em canal universitário, regido pela Lei 8.977/1995 (Lei do Cabo), em parceria com outras instituições de ensino superior, e também por canal aberto de televisão digital terrestre, na qualidade de integrante da Rede Nacional de Comunicação Pública/Televisão - RNCP/TV, em 03/05/2010, ajustado pelo contrato mutuamente firmado com a Empresa Brasil de Comunicação S/A - EBC, nos termos do art. 8 da lei 11.652/2008 e, em outras modalidades de exibição educativas.

interessado e certificaram dezenas de participantes que se inscreveram e cumpriram a carga horária de atividades exigida pelo curso.

A função de mobilização territorial desempenhada pela TV UNEB-Seabra pode ser evidenciada pela demanda apresentada pelos diversos segmentos do poder público, instituições de ensino e atores privados para a coprodução de conteúdos e transmissão por meio do canal.

Como mencionado, os formatos mais explorados pela TV foram as *lives* e as séries. Com esses formatos de exibição, vários programas e séries foram pensados e desenvolvidos. Algumas delas partem da própria universidade (a exemplo da série *Lupita*⁴⁸, que ganhou espaço na grade de programação da TV Kirimuê⁴⁹ em 2021, do Boletim da TV UNEB-Seabra⁵⁰ e do quadro *Leituras Livres*⁵¹) e outras produzidas por outras instituições como a série *Tupiabá*⁵², editada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Além dos conteúdos mencionados, foram produzidos também diversos programas desenvolvidos em parceria com a sociedade civil, universidades, institutos e organizações do Território de Identidade da Chapada Diamantina. Todos os programas, já mencionados: o *Papo Covid na Chapada*, o *Boca Piu* e a *Série Potencialidades do Turismo Sustentável* - foram realizados em formato de *live*⁵³ e dialogam com os conceitos que estamos discutindo nesta pesquisa.

48 Uma série ficcional sobre as aventuras da personagem *Lupita Dolores*, interpretada pela professora *Gislene Moreira*, sobre a formação histórica da América Latina, editada pela professora *Renata Lourenço*.

49 No ar desde 2016, a emissora brasileira TV Kirimuê, tem sede em Salvador, na Bahia. É afiliada a TVT e pertence à Organização Filhos do Mundo. Além do *Lupita Dolores*, a *Kirimirê* transmite o Boletim da UNEB e TV UNEB na Kirimurê - programas editados pela equipe central da UNEB-Salvador.

50 Quadro de boletins semanais com a programação prevista para a semana, além de notícias de interesse para a comunidade interna e externa. O quadro é realizado pelos técnicos *Diosvaldo Filho* e *Rose Caroline*, egressos da primeira turma do curso de Comunicação Social.

51 Quadro pensado pela professora *Luciene Assunção*, com sugestões de leituras por discentes e docentes durante o período de pandemia.

52 Projeto interinstitucional *Tupiabá*, com a leitura de cartas por integrantes de comunidades indígenas sobre suas expectativas para “adiar o fim do mundo”.

53 Para a realização dessa produção, foi utilizado o estúdio de criação virtual *StreamYard* - plataforma simples, que pode ser utilizada por todos que possuem acesso a internet e a um *smartphone* e/ou computador com câmera e áudio. A ferramenta possibilita criar conteúdo com uma ou mais pessoas, de maneira simultânea e permite fazer a transmissão desse conteúdo para as principais redes sociais (Facebook, YouTube, LinkedIn, Twitch). Além disso, o *StreamYard* também facilita a comunicação com outros formatos de plataformas, que, em alguns casos, podem transmitir o mesmo conteúdo, ao mesmo tempo, em plataformas distintas, compatíveis com as configurações da plataforma. Neste ambiente, podemos encontrar planos gratuitos (com limitações de uso) e planos profissionais que variam de US\$10 a US\$49 dólares mensais. Para ter acesso, é necessário que se tenha um endereço eletrônico (e-mail), o qual receberá um código para entrar no sistema.

5.2.1 Programa Papo Covid na Chapada

O primeiro programa que identificamos ter uma relação com as questões ambientais é o Papo Covid na Chapada. Este programa é fruto da parceria entre o Campus XXIII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Seabra), através do Núcleo de Comunicação do Campus (NUCOM), o Campus Avançado da Chapada Diamantina (CACD) da Universidade de Feira de Santana (UEFS-Lençóis) e os Boletins Covid-19 da Chapada Diamantina.

A programação é apresentada por Quíssila Antunes, servidora do CACD e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB/UEFS). Todo conteúdo gerado por esta iniciativa é também apresentado como produto educacional do projeto de mestrado da mencionada apresentadora. O Papo Covid na Chapada conta também com a apresentação compartilhada com a professora Doutora em Geociências, Marjorie Cseko Nolasco, que também foi orientadora da mestranda.

Ao observar que o Território de Identidade da Chapada Diamantina carecia com a ausência de infraestrutura física adequada ao serviço de saúde pública, quanto com a lacuna informacional de programas educativos regionais sobre o novo coronavírus (Antunes, 2021), é pensado, dois meses depois da concepção da TV UNEB-Seabra, esta peça audiovisual.

Nesse sentido, o programa que nasce com o objetivo de apresentar ao público chapadeiro dados referentes à pandemia da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, logo se torna também um espaço para trocas de experiências e de divulgação e popularização da ciência. Assim, podemos pensar que o programa surge com um caráter de mera transmissão de conteúdo (educação bancária x comunicação linear), mas, logo passa a ter como principal veia o diálogo - nesse sentido, mais educacional.

Para Brianezi e Gattás (2022)

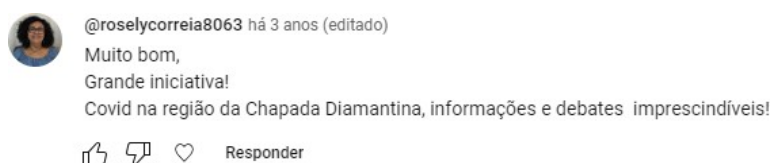
A comunicação pública da ciência tem o desafio de comunicar fatos e feitos, tornando a comunicação científica um processo colaborativo a ser executado ao longo de toda a pesquisa (Castelfranchi e Fazio, 2021). A educação tem se apresentado como aliada nessa missão, como ficou evidente no curso "Educomunicação e comunicação pública da ciência", realizado na 74ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o

Progresso da Ciência (SBPC), realizada em julho de 2022 (BRIANEZI; GATTÁS, 2022, p.40).

Até o final do ano de 2021, foram produzidas 43 edições do Papo Covid na Chapada. Desse total de episódios, 42 deles foram editados no formato de *lives*. Da mencionada coletânea de vídeos, 1 deles, que é o episódio piloto/estreia, está na grade de programação no formato de vídeo, previamente gravado, editado e publicado. Nesta primeira peça audiovisual, que foi ao ar no dia 18 de julho de 2020, a apresentadora Marjorie, numa sabatina, tira várias dúvidas referente ao vírus, o motivo de falar sobre a pandemia, os possíveis impactos desse cenário na região da Chapada Diamantina e explica a dinâmica do programa. Nas primeiras edições, a periodicidade era semanal, porém, depois de alguns episódios, passou-se a ser quinzenal - formato vigente até o final do ano de 2021. A programação, até esta data, contabilizou mais de 64 horas dos mais diferentes tipos de conteúdo e assuntos.

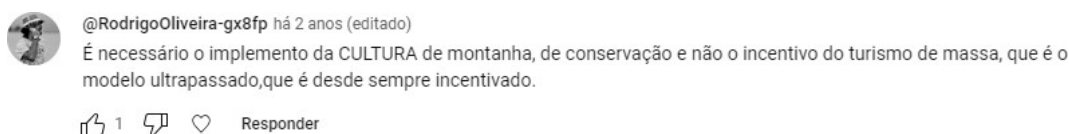
Na proposta, almejava-se a interação com o público através de perguntas que poderiam ser enviadas através de mensagens e comentários no próprio Canal da TV UNEB-Seabra, no YouTube, nas Redes Sociais oficiais do Campus XXIII da UNEB ou no e-mail criado para as demandas desta programação. Conforme figuras 7 e 8, percebemos que o público, além de marcar a importância dos debates da programação, propõe ações pautadas nos conceitos que estamos analisando.

Figura 7: Recorte de tela - Comentário de interação na 4ª edição do programa Papo Covid na Chapada



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Figura 8: Recorte de tela - Comentário de interação na 5ª edição do programa Papo Covid na Chapada



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Por mais que essa região seja reconhecida mundialmente pelas suas belezas naturais, as temáticas mais recorrentes nas discussões giraram em torno dos impactos da pandemia na agricultura familiar e nos diferentes modos de vida das comunidades tradicionais (indígenas e quilombolas). Além disso, tivemos também como destaque as discussões sobre o turismo local, com foco no turismo de base comunitária e sobre os conflitos socioambientais e socioeconômicos nessas comunidades.

Essa realidade pode ser interpretada pelo próprio histórico da região da Chapada Diamantina, que sempre esteve envolvida em conflitos, principalmente em comunidades tradicionais, como vimos anteriormente.

Além dos assuntos mencionados, os impactos da pandemia na educação e caminhos possíveis para a nova realidade de ensino e os dados da pandemia na região, também são destaques, como mostra o quadro 3.

Quadro 3: Conteúdo debatido e frequência das pautas no programa Papo Covid na Chapada

Conteúdo proposto para as discussões no programa Papo Covid na Chapada	O conteúdo esteve presente em quantas edições
Impactos da pandemia na agricultura familiar, nos modos de vida das comunidades tradicionais e no turismo local	9
Impactos da pandemia na educação e caminhos possíveis para a nova realidade de ensino	8
Dados da pandemia na região	7
Variantes da Covid-19 e a vacinação	5
Impactos na arte e na cultura	2
Apresentação do Boletim Informativo Covid-19 Chapada Diamantina	2
Pandemia e as eleições	2
Episódio de estreia - perguntas e respostas	1
Apresentação do Portal GEOCOVID-19	1
Como acontece a transmissão da Covid?	1
Pandemia e indicadores socioeconômicos	1
A pandemia acabou?	1
Para onde vamos?	1
Pandemia, comunicação e tecnologias	1
A pandemia e o cansaço a virtualidade excessiva	1

Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Como apontado por diversos estudos e discussões, a Covid-19 nos apresentou uma nova realidade e em consequência disso, toda a humanidade teve que se reinventar (Souza, 2020). O Brasil e o mundo vivem uma crise que não é somente sanitária, mas econômica, política e ambiental. Nesse momento em que se instala o caos, diversas instituições, com foco especial as escolares, também tiveram que pensar novas possibilidades e driblar todos os desafios encontrados durante a caminhada.

Diante da pandemia, quase todos os setores que movem a economia e o processo de ensino e aprendizagem tiveram de migrar para o mundo digital, em estágio remoto, utilizando cada vez mais as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Nessa situação, os principais desafios encontrados estariam a) no acesso a bens tecnológicos e b) na distribuição democrática da internet banda larga.

Segundo dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNAD Contínua - (IBGE, 2018), o percentual de domicílios em que havia utilização da Internet continuou mais baixo nas Regiões Nordeste (69,1%) e Norte (72,1%) se comparado com os dados da PNAD de 2017. As duas regiões ficaram distanciadas das demais e a Região Sudeste (84,8%) permaneceu como a mais elevada taxa de domicílios conectados à internet. Tanto nas regiões periféricas das grandes cidades, e também na região da Chapada Diamantina, os dados acerca da conectividade chegam a ser mais alarmantes, segundo dados levantados por Novais Filho (2018). Esses dados refletem diretamente na oferta do serviço de internet nas mais de 141 mil escolas públicas brasileiras. Cerca de 33% delas não têm internet, segundo dados da pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2021.

Quando falamos em possibilidades, mesmo com os desafios apresentados, às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) foram de grande valia para que o processo de ensino e aprendizagem, nos diferentes níveis de ensino, funcionassem, minimamente possível, para aqueles alunos e professores que têm acesso à internet banda larga e/ou de telefonia celular e que possuíssem equipamentos tecnológicos compatíveis com o acesso aos aplicativos necessários para tais ações. Nesta realidade, apresentar ações pedagógicas que deram certo em

meio ao caos causado pela Covid-19 e possibilidades para o ensino foram pautas sensivelmente pensadas pelo Papo Covid na Chapada. Em muitos casos e realidades, os profissionais da educação precisavam de formações específicas para manusear plataformas e aplicativos. Realidade que percebemos em todos os municípios da Chapada Diamantina.

Vale destacar que com o avanço nos estudos para a produção das vacinas e o grande poder de mutação do vírus, várias outras dúvidas foram surgindo, nesse sentido, observando essas novas realidades, novas discussões foram sendo traçadas ao decorrer dos episódios. Ainda de acordo com o quadro 03, percebemos que outras discussões também foram sendo colocadas em pauta. Percebe-se, também, que a maioria das discussões possuem proximidades com o preconiza o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 03, quanto ao apoio a pesquisa e o desenvolvimento de vacinas e medicamentos para doenças transmissíveis e não transmissíveis que afetam os países em desenvolvimento e o ODS 04, em seu item 4.7, já mencionado no texto. Na discussão sobre “Pandemia, comunicação e tecnologia”, nos lembramos da ODS 05, sobre Igualdade de Gênero, que no item 5.b almeja até 2030 “aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação para promover o empoderamento das mulheres”.

Nos episódios em que não tinham convidados, por exemplo, as apresentadoras aproveitavam o momento para apresentarem o Boletim Informativo Covid-19 Chapada Diamantina produzido pela UEFS e parceiros. Nesse caso, ressaltamos que em outras *lives* quando discutidos outros assuntos, as apresentadoras mencionavam os dados referentes aos boletins resumidamente. Além dessas discussões, não podemos deixar de citar os debates sobre impactos da pandemia na economia local, nas questões políticas, como foi o caso das eleições municipais de 2020, bem como impactos na cultura e nos movimentos artísticos regionais.

Toda essa programação foi vista mais de 6.400 vezes e contabiliza mais de 880 curtidas. Destacamos o programa do dia 26 de agosto de 2021 “*Educação e Pandemia: como reabrir as escolas*”, com mais de 850 *views* e o programa de estreia “*Estreia Papo Covid na Chapada*” com mais de 300 *views*. Por outro lado, destacamos também os programas com menos acessos, como foi o caso do programa do dia 15 de dezembro de 2021 “*Live Cultural*” (com apenas 52 *views*), e

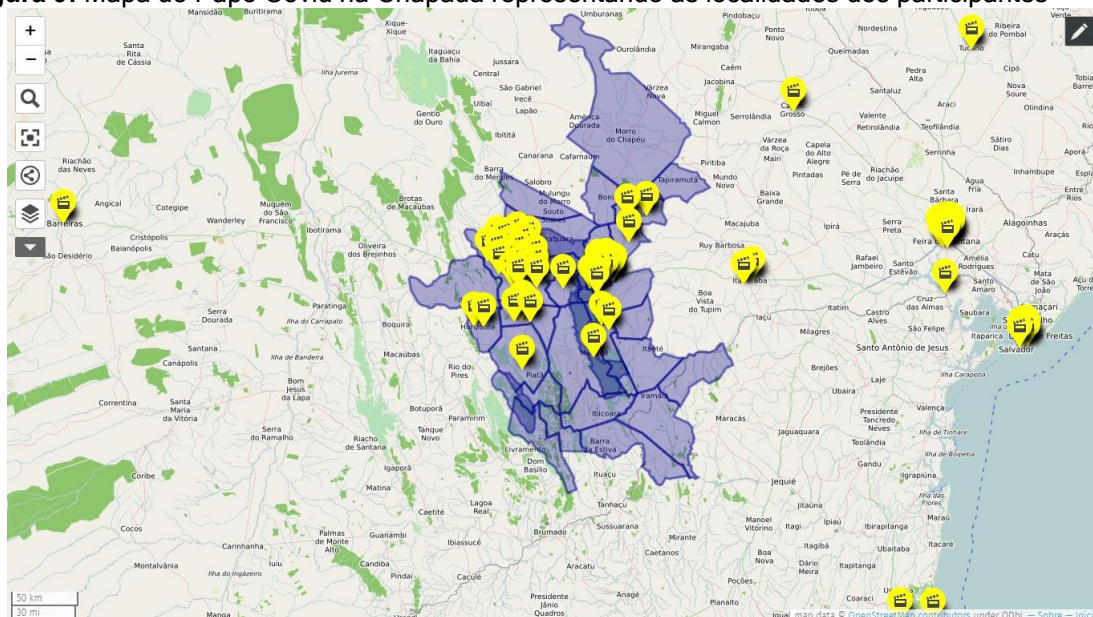
mais 11 programas que não ultrapassaram a margem de 100 *views*. Esses números nos colocam a pensar quais são as temáticas de interesse do público.

Fazendo uma pequena análise cruzando os dados de maiores e menores acessos nos conteúdos versus a quantidade de municípios e habitantes na Chapada Diamantina, chegamos a conclusão de que os números apresentados são baixíssimos. Isso nos leva a pensar: qual seria o motivo da baixa audiência dos demais episódios do programa? Vamos tentar responder logo mais.

Nos 43 episódios, o Papo Covid na Chapada recebeu cerca de 85 convidados. Dentre eles, representantes de comunidades rurais e agricultores da Chapada Diamantina, pesquisadores e professores universitários de diversas universidades, professores e alunos das redes municipais, estaduais e federais dos diferentes níveis de ensino. O programa também recebeu médicos, médicos veterinários, artistas e militantes de diversas regiões do Estado da Bahia.

Durante as pesquisas, elaboramos mapas que apresentam quais foram os municípios que mais se protagonizaram nas edições da programação dos programas selecionados para esta análise. O Papo Covid na Chapada recebeu 19 municípios, dentre eles, 10 são do Território de Identidade da Chapada Diamantina. Moradores da cidade de Seabra e Lençóis foram os que mais marcaram o protagonismo nas discussões. Seabra com 18 convidados e Lençóis com 17 (Figura 9).

Figura 9: Mapa do Papo Covid na Chapada representando as localidades dos participantes



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Com o passar das edições, como mencionado, o perfil do programa foi se moldando e se tornou um espaço rico para a divulgação científica e a popularização da ciência. Diante dessa realidade, muitos convidados dos grandes centros começaram a protagonizar as discussões. Isso pode ser observado quando identificamos a presença de 17 convidados da cidade de Feira de Santana, dividindo o segundo lugar com Lençóis.

Respondendo ao questionamento colocado acima, acreditamos que a falta de articulação com os demais municípios dessa região seja o principal motivo para a baixa audiência do programa e a concentração de protagonismo da programação. Além disso, outro fator que contribuiu para essa realidade está diretamente ligado à divulgação das peças de comunicação do programa. Geralmente, esse referido conteúdo se apresentava muito tardio e era divulgado, em alguns casos, com menos de 24h do horário que o conteúdo seria iniciado. Não podemos deixar de mencionar também o acesso irregular e desigual da Internet Banda Larga na região⁵⁴. Como mencionado, algumas pessoas só conseguem acesso em alguns horários do seu dia e em pontos estratégicos e, portanto, não possuem acesso direto a este bem.

Em tempo de trabalho e estudos remotos em que estávamos vivenciando, julgamos necessário que todo conteúdo produzido, independentemente do seu grau e valor, deve ser amplamente divulgado com bastante antecedência, para que os interessados agendassem, compartilhassem, assistissem e participassem da programação em tempo real.

O público que acompanha o programa é bastante variado e o perfil dessas pessoas se altera a depender da temática debatida. Na maioria dos casos, eram moradores da região da Chapada ou pessoas que possuíam algum tipo de relação com a região. Nas pautas sobre educação ou quando os convidados tinham alguma relação com o processo de ensino, era visível a presença de professores, coordenadores pedagógicos, diretores de escolas e também tinha uma pequena parcela de alunos.

Quando o protagonismo estava nas mãos da representação de alguma comunidade (tradicional ou não), discutindo os impactos da pandemia nas suas

54 Diversos povoados na região da Chapada Diamantina não possui acesso a Internet Banda Larga e também não possui sinais de operadoras de celular. A realidade, infelizmente não é só da nossa região. Um recente estudo realizado pela Intervozes, em 2021, revela que comunidades rurais e quilombolas são as mais afetadas com a desigualdade de acesso a rede. Disponível em: [Pesquisa evidencia dificuldades no acesso à internet por comunidades rurais e quilombolas do Nordeste brasileiro | Intervozes](#). Acesso em: 19/01/2024.

localidades, os comunitários também se faziam presente. Essa realidade nos chamou bastante atenção pelo fato desses comunitários estarem interagindo com perguntas e com mensagens de apoio à sua representação, o que nos faz pensar que de fato, as questões levantadas pelo representante também eram queixas coletivas. Nesse sentido, assim como ocorre nos outros programas analisados, identificamos, portanto, que existe uma forte articulação, a partir do veículo de comunicação TV UNEB-Seabra, que esta se torna uma importante ferramenta para o fortalecimento da luta da Chapada não turística. Além disso, importante dizer também que nessa situação mencionada, a relação, a conexão e a interação entre o *nós* mencionado por Recuero (2015) se faz presente e que os atores são guias de informação e influenciam no processo de difusão de informações.

Assim, vale mencionar que, um dos fundamentos mais importantes da educomunicação é atuar no que Boaventura de Souza Santos chama de “Sociologia das ausências” e “Sociologia das emergências” (2002). Ou seja, a Chapada não turística é esquecida pelo discurso hegemônico, mas está permeada de narrativas e sujeitos que (r)existem e lutam para ecoar suas vozes e pautas.

Quando eram pesquisadores e professores universitários que estavam apresentando suas pesquisas, geralmente o público se restringia ao universo acadêmico, com professores e alunos universitários. Vale destacar que o público universitário esteve presente na maioria das edições do Papo Covid na Chapada. Tivemos também a presença de gestores públicos ou de seus representantes, tanto nos debates quanto como telespectador.

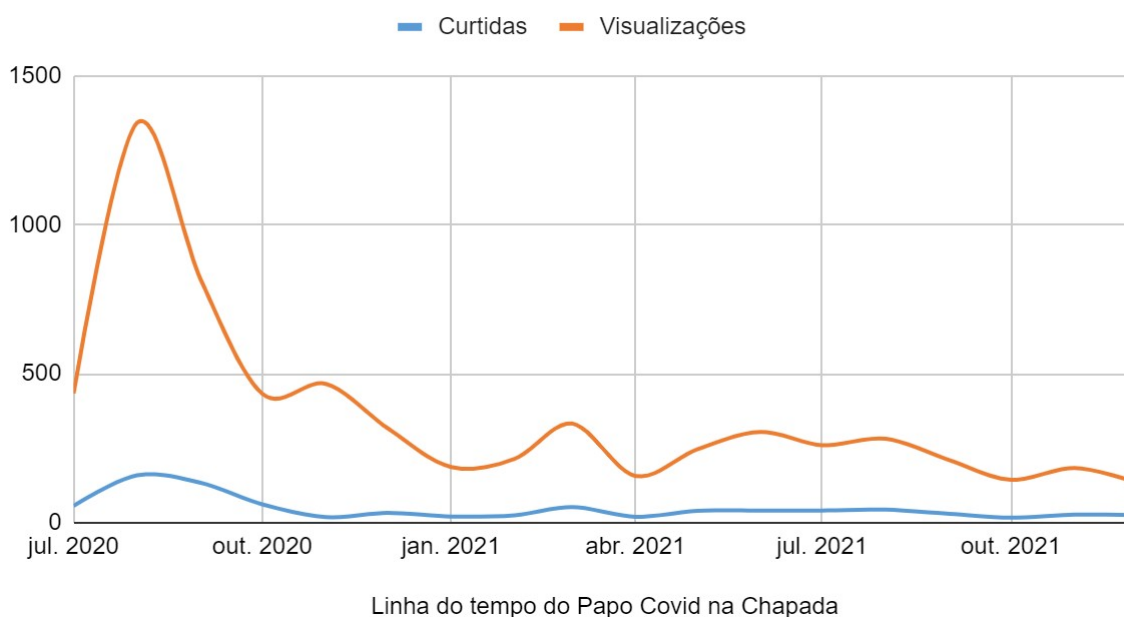
Acreditamos que o programa, que em seu próprio nome carrega a região da Chapada, almejava dar a cena de protagonismo a todas as cidades que fazem parte desse Território de Identidade, porém, não foi isso que identificamos nas nossas análises. Por mais que o programa tenha se colocado num papel democrático e aberto espaço para que outras regiões aparecessem, como foi o caso das cidades de Feira de Santana, Salvador, Ilhéus, dentre outros, alterando um pouco o perfil do público, por conta dessa realidade, os conteúdos produzidos só eram vistos por pessoas que tinham alguma relação com as cidades e comunidades que estavam sendo protagonistas dos debates e alguns telespectadores fiéis.

Outro fator que percebemos ao analisar os dados do Papo Covid na Chapada nos mostra que talvez a fadiga com produtos audiovisuais devido à grande

exposição a telas de computadores e celulares por conta da própria pandemia poderia ter relação direta com a baixa audiência (Figura 10).

Figura 10: Interação do Papo Covid na Chapada em números de curtidas e visualizações (01 de maio de 2020 à 31 de dezembro de 2021)

Curtidas e Visualizações



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Percebemos no gráfico que nos primeiros meses do programa, a audiência pode ser considerada como razoável. O pico de audiência, além de ser bem nos primeiros meses de pandemia, é voltado também às questões de prioridades e interesses do público com os temas abordados, como falamos anteriormente. Esse pico se deu, principalmente, pela abordagem sobre “*Educação e Pandemia: como reabrir as escolas*”, discussão que trouxe como convidado o então Secretário de Educação do Estado da Bahia e atual Governador, Jerônimo Rodrigues. Por mais que ao decorrer dos episódios as temáticas envolvessem a Educação, o Programa não conseguiu atingir esse pico de audiência novamente.

5.2.2 Programa Boca Piu

O Boca Piu foi produzido no mesmo formato do Papo Covid na Chapada e utilizou-se das mesmas plataformas de divulgação e transmissão de conteúdo. As

discussões propostas para o programa Boca Piu tinham como base a Agroecologia e diversos temas que transversalizavam com esta perspectiva de produção e com os agentes da agricultura familiar.

O Boca Piu, nome que se inspira nas grandes sacolas produzidas a partir da palha do coco, foi um programa idealizado, coordenado e apresentado pela coordenadora do Centro Público de Economia Solidária (Cesol) da Chapada Diamantina, Brígida Salgado. Um dos principais objetivos do programa era discutir a economia, a qualificação, precificação e comercialização da produção, os movimentos sociais, a organização social, entre outros temas. O Programa tinha fortes parceiros como o Centro de Formação e Organização Comunitária (Ceforc). Juntos, produziram uma série de discussões pautadas na Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) à distância para agricultores sobre o marketing digital e uso das mídias sociais para divulgação dos produtos, a segurança alimentar, a juventude no campo, a certificação dos produtos agroecológicos, entre outros.

O Boca Piu discute temas importantíssimos que estão na pauta da Agenda 2030, como vamos observar no Quadro 04. O 2º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS - 02), objetiva-se acabar com a fome alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável. Na “sacola” de pauta do Boca Piu e também a exemplo do item 2.4 do mencionado ODS, buscam maneiras de:

garantir sistemas sustentáveis de produção de alimentos e implementar práticas agrícolas resilientes, que aumentem a produtividade e a produção, que ajudem a manter os ecossistemas, que fortaleçam a capacidade de adaptação às mudanças climáticas, às condições meteorológicas extremas, secas, inundações e outros desastres, e que melhorem progressivamente a qualidade da terra e do solo (ODS, ONLINE⁵⁵).

A sua pré-produção contava com a participação de toda equipe da TV UNEB-Seabra, alunos bolsistas de extensão da UNEB e estagiários do curso Técnico em Meio Ambiente do IFBA-Seabra. Pouco tempo depois, o Boca Piu se formou em parceria com o CACD da UEFS-Lençóis, que, em colaboração entre a UNEB e o IFBA, desenvolveram o Projeto Chapada Agroecológica, já mencionado e apresentado a partir do Mapa.

55 Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 16/01/2024.

O Projeto, que também serviu de inspiração para o Blog Rede de Agroecologia⁵⁶, que é um dos produtos educacionais da mestra pelo PROFCIAMB-UEFS, Juliana Fionda, foi um dos motivadores para o fortalecimento da parceria entre o programa e as instituições.

O Boca Piu, até o final de 2021, produziu 24 edições, discutindo temas de interesse territorial (Quadro 04).

Quadro 4: Conteúdo discutido e frequência da pauta no programa Boca Piu

Conteúdo proposto para as discussões no programa Boca Piu	O conteúdo esteve presente em quantas edições
Práticas agrícolas na Comunidade e saberes ancestrais	5
Cultura e agroecologia	4
Chapada Diamantina e os movimentos sociais no território	3
Ater à distância: novas formas de trabalho e divulgação	3
Academia, Agricultura Familiar e a Soberania Alimentar	3
Economia Solidária na Chapada Diamantina	2
Conflitos socioambientais na Chapada Diamantina	1
Indicação Geográfica dos Cafés da Chapada	1
O feminino e a agroecologia	1
Impactos da pandemia na agricultura familiar	1

Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

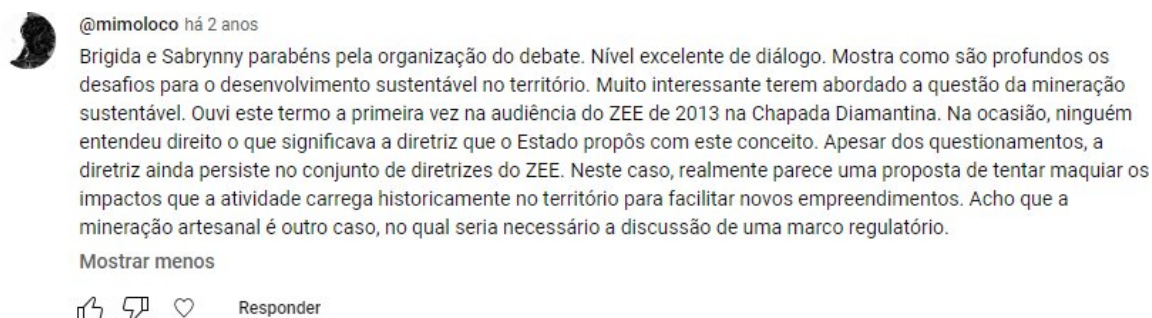
Da mesma forma que aconteceu no Papo Covid na Chapada, os temas mais discutidos no Boca Piu giraram em torno das práticas da agricultura familiar e sobre as questões ancestrais. Diante desta constatação, percebemos a importância das discussões sobre cultura e identidade para este Território.

Outros temas comuns aos do Papo Covid estiveram presentes nas discussões da programação do Boca Piu, a exemplo das pautas sobre os movimentos sociais e sobre conflitos socioambientais.

Como mencionamos no texto, um dos conflitos socioambientais presentes nas terras da Chapada Diamantina é o caso da mineração. Em uma das discussões, a programação teve diversas participações, no chat ao vivo e também nos comentários (Figura 11).

⁵⁶ Disponível em: <https://chapadaagroecologica.wordpress.com/>. Acesso em: 10/08/2023.

Figura 11: Recorte de tela - Comentário de interação na 12ª edição do programa Boca Piu



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Além do importante debate sobre a mineração e sobre ações sustentáveis neste Território, separamos este comentário para falar, a partir da menção a Sabrynny, do protagonismo juvenil (pautado nas obras de Soares (2011)) na produção das peças de audiovisual do Boca Piu.

Quando a equipe da TV UNEB-Seabra recebeu a proposta da idealizadora do programa para pensar na produção desses debates, havia alguns questionamentos básicos, como: Para quem levaremos essas informações? e: Quais seriam as mãos que iriam produzir esse conteúdo? Para a primeira questão, estava bem claro o público. Seriam os produtores e agricultores familiares do Território de Identidade da Chapada Diamantina e todos e todas que se interessassem pelas temáticas. Quanto a quem vai produzir, levando em consideração a pequena equipe de comunicação da TV e a limitação da idealizadora sobre os usos dos equipamentos tecnológicos, celular e notebook, pensamos na inserção dos alunos do IFBA e monitores extensionistas da UNEB para se juntar a equipe do Boca Piu.

A ideia de juntar essa força não se deu apenas para formar os jovens, mesmo que de forma indireta, para um novo uso ou uso crítico das tecnologias, presentes no dia a dia deles. O que se pretendia na verdade era que os mesmos pudessem, na medida em que produzissem aqueles conteúdos, tomar gosto sobre os temas e os levassem para dentro de casa, para as suas rodas de amigos e etc.

Pudemos verificar isso acontecendo na Edição 12 do programa Boca Piu, quando, em meio às discussões sobre mineração, familiares dos estagiários se

fizeram presentes e participaram de forma ativa durante a transmissão ao vivo. Isso nos mostra a importância da mobilização interpessoal, dos laços sociais e da interação social entre os atores, de modo offline, como nos mostra Recuero (2009, p. 30-31). Afinal de contas, “as redes sociais são metáforas para a estrutura dos agrupamentos sociais” (Recuero, 2015, p.23).

É importante mencionar também que nem todos os estagiários e bolsistas chegavam sabendo manusear seus aparelhos telefônicos para gravação e edição de vídeos e tampouco sabiam utilizar o *StreamYard*, utilizado para as *lives*. Todos eles passavam por uma formação e seguiam fazendo os seus produtos de audiovisual ou *cards* de divulgação sob a supervisão de no mínimo três integrantes da equipe da TV, que já desenvolviam trabalhos utilizando os métodos e preceitos da educação.

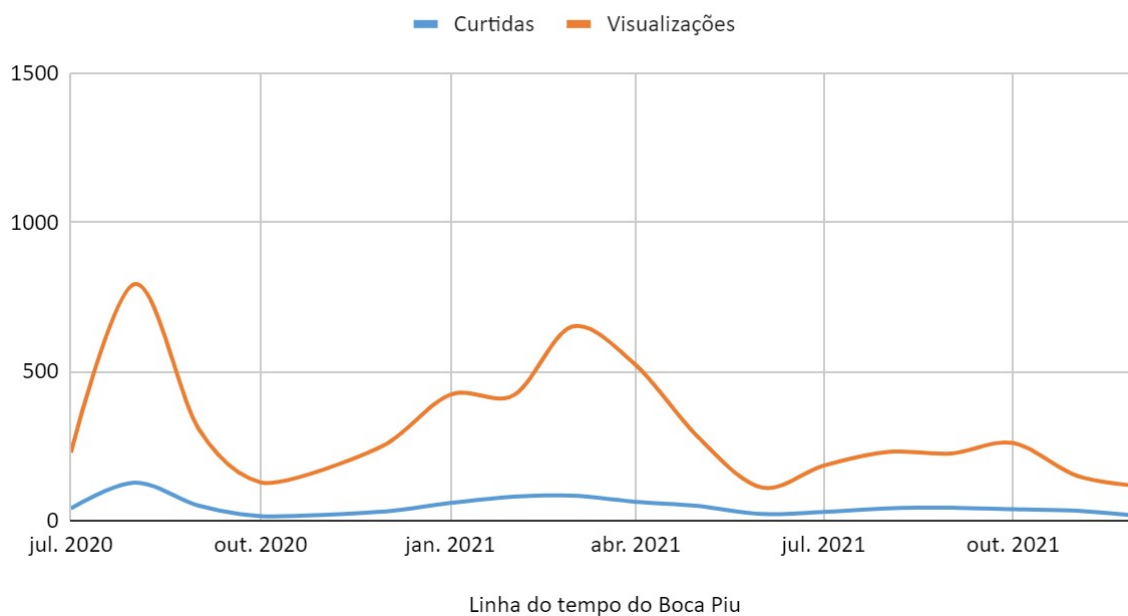
Essa equipe diversa, que após atuação no Boca Piu e na TV UNEB-Seabra começou a trabalhar com as mídias digitais e sociais, foi a responsável pelo programa ter mais de 6 mil acessos de visualizações e mais de 900 curtidas nas suas 24 peças de audiovisual. A Edição que teve mais acessos foi ao ar no dia 09 de março de 2021, teve 350 visualizações e discutiu “Mulheres na Agroecologia”. Essa pauta contou com o protagonismo de quatro mulheres de três cantos da Bahia (Kátia Santos de Salvador, Marli do Ponto Novo e Elissandra Oliveira e Roseane Araújo de Seabra).

Em contrapartida, a discussão com menos números de visualizações e curtidas, abordou “Agroecologia e Festejos Juninos”, que foi ao ar no dia 22 de junho de 2021. Isso pode ter ocorrido, pois em junho de 2021, alguns lugares, mesmo com as restrições da pandemia da Covid-19, estavam acontecendo festas.

Assim como no programa que analisamos anteriormente, percebemos também que há um indicativo de possíveis temas de interesse do público. Além disso, comparando as figuras de interação dos dois programas percebemos que ao final do ano de 2021 há uma queda considerável no número de acessos (Figura 12). Os motivos, consideramos ser os mesmos mencionados na análise do Papo Covid na Chapada.

Figura 12: Interação do Boca Piu em números de curtidas e visualizações (01 de maio de 2020 à 31 de dezembro de 2021)

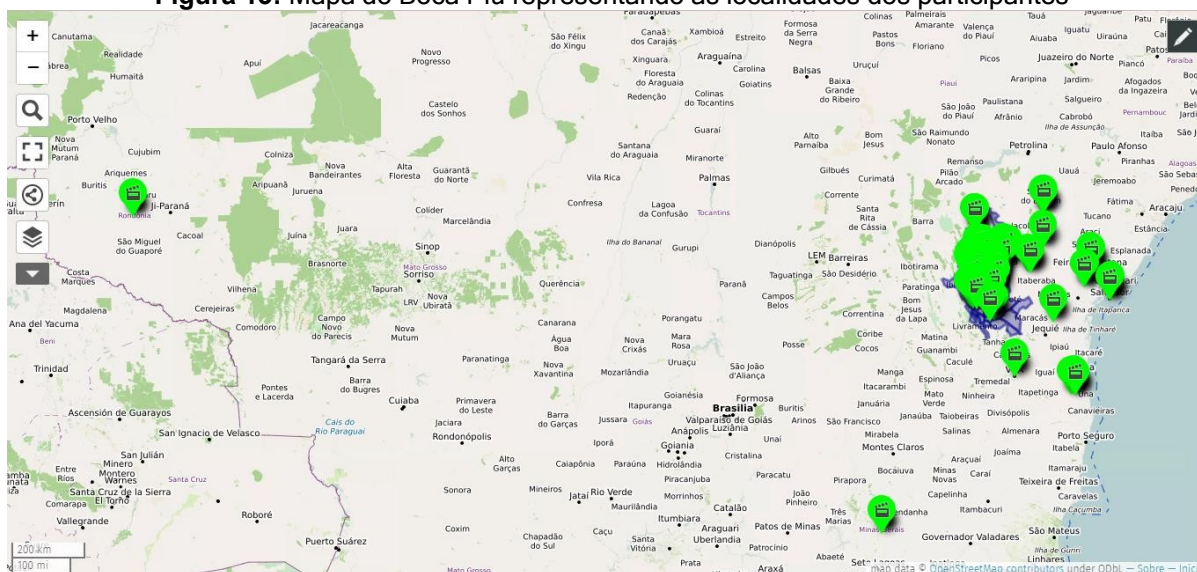
Curtidas e Visualizações



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Independentemente do número de acesso, o Boca Piu também teve um papel importante na mobilização social e trouxe para discussão mais de 93 convidados espalhados por 23 municípios de 3 estados brasileiros (Figura 13).

Figura 13: Mapa do Boca Piu representando as localidades dos participantes



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Na programação do Boca Piu, 25 dos 93 convidados eram da cidade de Seabra, 14 de Piatã e 10 de Palmeiras. Como mencionado, a ideia era levar e dar protagonismo aos agricultores familiares da Chapada Diamantina, e da mesma forma que aconteceu com o Papo Covid, o Boca Piu não conseguiu, em sua programação, dar a cena de protagonismo a todas as cidades deste Território. Apenas 12 deles apareceram no programa.

5.2.3 Programa Potencialidades do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social na Chapada Diamantina

Diferente dos programas anteriores, a Série Potencialidades do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social na Chapada Diamantina nasce com a proposta de realização de 10 *lives*, com cronograma e agenda fixa, contendo data de início, meio e fim. A sua estreia se deu no dia 1 de agosto de 2020 com a discussão da proposta de “Planejamento Estratégico do Turismo entre o Circuito do Ouro e do Diamante”. O Programa foi pensado pela dirigente de Turismo do município de Seabra, Sirlene Souza, e contou com o apoio do Colegiado de Jornalismo do Campus XXIII da UNEB-Seabra. Ao todo foram 11 semanas, contando com um episódio extra de finalização da série.

Semanalmente o programa ganhava novos horizontes e abordava diversos outros temas, como: “Atualização do status do Projeto Circuitos Arqueológicos da Chapada Diamantina”, “Propostas dos Geoparques Serra do Sincorá e Morro do Chapéu”, “Projetos sobre a Estrada Real”, “Chapada Velha”, “O papel das Unidades de Conservação no Turismo Sustentável” e “Turismo de Base Comunitária na Chapada Diamantina”. A série finaliza com um questionamento: “É possível realizar o Turismo Sustentável, na Chapada Diamantina?”, como podemos observar no quadro 5.

Quadro 5: Conteúdo discutido e frequência das pautas na Série Potencialidades do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social na Chapada Diamantina

Conteúdo proposto para as discussões no programa Série Potencialidades do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social na Chapada Diamantina	O conteúdo esteve presente em quantas edições
Planejamento Estratégico do Turismo entre o Circuito do Ouro e do Diamante	1

Circuitos Arqueológicos da Chapada Diamantina	1
O papel das Unidades de Conservação no Turismo Sustentável	1
Geoparques Serra do Sincorá e Morro do Chapéu, a Estrada Real Eixo Norte e Chapada Velha	1
Estrada Real, o caminho aberto a mando da Coroa Portuguesa para escoamento das nossas riquezas minerais no período do Brasil Colônia	1
A Operacionalização do Turismo, emprego e renda em Seabra a partir de 2020	1
Geoparque Morro do Chapéu	1
Ligação da capital baiana com a Chapada Diamantina no século XVI e interfaces com a História do Brasil	1
Turismo de Base Comunitária	1
Perspectivas do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social em 2020	1

Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

A programação, não teve, assim como nos Papo Covid e Boca Piu, uma repetição de temas. Mas, durante as discussões percebemos que sempre era tocado no tema do turismo de base comunitária e as possíveis rotas turísticas que fogem do turismo já explorado na região. Um exemplo dessas rotas já vimos na construção deste texto, trata-se da rota da Estrada Real, neste Território.

Falar sobre o turismo de base comunitária não é somente falar por falar. É importante discuti-lo para além das questões econômicas, principalmente quando estamos nos referindo a Chapada não turística. A discussão está muito ligada ao 8º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 08), que objetiva-se “promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos”. No item 8.9 deste ODS, prevê, até 2030 “elaborar e implementar políticas para promover o turismo sustentável, que gera empregos e promove a cultura e os produtos locais” ou ainda no ODS 12, no item 12.b “desenvolver e implementar ferramentas para monitorar os impactos do desenvolvimento sustentável para o turismo sustentável, que gera empregos, promove a cultura e os produtos locais”.

Na região, há muitos lugares a serem explorados turisticamente, em muitos desses espaços percebemos que a não regularização ou organização das comunidades para esta prática acaba fazendo com que os “turistas” que frequentam

determinados lugares acabam poluindo o ambiente e/ou acendendo fogo para suas festas. Fato este que, caso não tenham cuidado, acabam gerando desastres como os fogos que anualmente destroem a fauna e a flora do Território.

Entre os convidados das discussões mostradas no quadro 5, estão especialistas e idealizadores das respectivas propostas e projetos, protagonistas e referências nos respectivos temas, dirigentes municipais de turismo, instituições públicas e privadas e interessados afins. Esses agentes foram os responsáveis por discutir também os efeitos da pandemia para o setor turístico, a situação das unidades de conservação ambiental do Território e projetos de apoio ao turismo na Chapada Diamantina, a exemplo da organização dos sítios arqueológicos, do trecho baiano da Estrada Real e de outros municípios com grande apelo turístico.

As 11 edições geraram mais de 2 mil visualizações e mais de 315 opções de curtir. Ao todo, foram 16 representantes de municípios. Outro dado importante a ser mencionado é que a Série foi a responsável pela primeira participação internacional na programação da TV UNEB-Seabra, recebendo uma convidada de Londres, como podemos verificar na figura 14.

Figura 14: Primeira participação Internacional na programação da TV UNEB-Seabra, em 2021

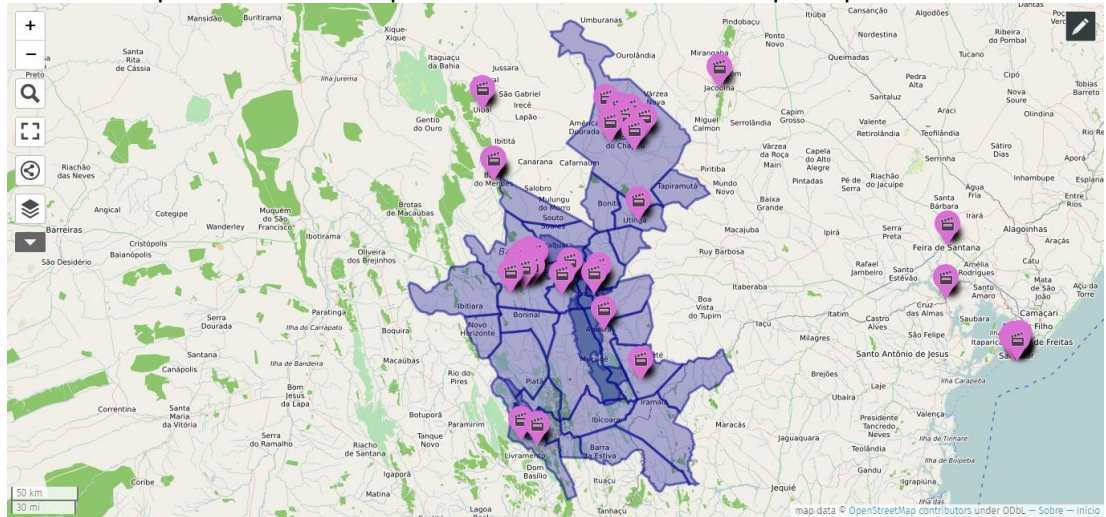


Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

No Brasil, o programa reuniu mais 15 municípios de 2 Estados (14 baianos e 1 cearense). Porém, o destaque ao mapa representado na figura 15, nos revela que o protagonismo das discussões se deu a partir da presença de convidados das cidades de Salvador e Seabra. Ambos municípios marcaram presença a partir de 9

convidados cada. Dos 14 municípios baianos, apenas 8 estão dentro dos limites do Território de Identidade da Chapada Diamantina. E, aqui, encontramos a mesma realidade da programação anterior.

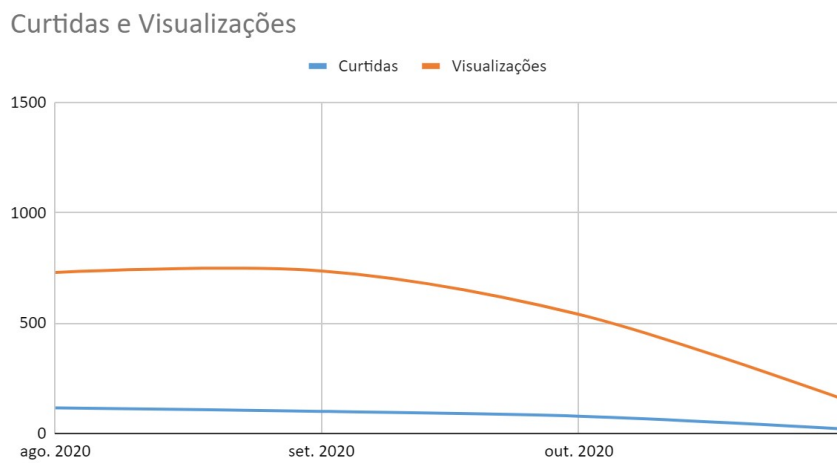
Figura 15: Mapa da Série Potencialidades do Turismo Sustentável com Responsabilidade Social na Chapada Diamantina representando as localidades dos participantes



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

Quanto à interação do público com o conteúdo deste programa, a realidade também é muito comum nos outros programas analisados. Todos eles apresentam um grande número de visualizações e *likes* nas suas estreias, mas, não sustentam o seu público nas próximas edições (Figura 16).

Figura 16: Interação na Série Potencialidades do Turismo em números de curtidas e visualizações (01 de maio de 2020 à 31 de dezembro de 2021)



Linha de tempo da Série Potencialidades do Turismo

Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2023).

5.3 O pós-pandemia da TV UNEB-Seabra

Como era de se esperar, com o passar dos dias, e ainda, como nos mostram as figuras de interação com os programas analisados (figuras 10, 12, e 16), os telespectadores foram aos poucos deixando de lado as discussões. Além dos motivos já apresentados acima, elencamos outras realidades que reverberou na queda de acesso e na produção de conteúdo do Canal da TV UNEB-Seabra no final da pandemia e pós-pandemia.

A primeira justificativa que trazemos para a discussão é o fato de que a pandemia fez com que todos os olhos voltassem para as telas. Esta realidade que nos ajudou na nossa “aproximação” e na continuidade do ensino, da pesquisa e da extensão, gerou em muitos a repulsa ou a fadiga de estar “sempre conectado”. Julgamos que o público enjoou das telas e conseqüentemente pararam de consumir o conteúdo da TV.

Além disso, a maioria dos telespectadores da TV era o público universitário. Com a obrigatoriedade da volta as aulas, mesmo que conduzidas remotamente, o número continuou numa queda gigantesca e visível, pois, muitas das aulas aconteciam no mesmo horário da programação. E, mesmo que o conteúdo ficasse salvo, o acesso era mínimo. Nesta realidade toda equipe que fazia parte do Núcleo de Comunicação do Campus XXIII da UNEB teve que voltar às suas antigas rotinas. Professores voltaram a planejar dar aulas, os alunos e técnicos administrativos voltaram às suas rotinas.

Neste período, apenas o técnico administrativo, cofundador da TV, estava na articulação entre TV e parceiros. Assim, o conteúdo da TV foi sendo reduzido para o mesmo dar conta, e, mesmo assim, depois da volta as atividades presenciais, com poucos programas editados, os números continuavam em queda. Com esta realidade e juntando com as demais atividades do Núcleo de Comunicação, veio à desmotivação e, hoje, o conteúdo que é veiculado na TV é mínimo.

6 Ações de Educomunicação Socioambiental contextualizadas com as questões da Chapada Diamantina: *Elementos audiovisuais de uma TV Universitária para difusão de conceitos*

Este capítulo buscará mostrar o passo a passo da construção e elaboração de Ações de Educomunicação Contextualizada com o Território de Identidade da Chapada Diamantina. As Ações tentam seguir as discussões apresentadas no texto e levam em consideração os elementos e as linguagens do audiovisual. As Ações poderão ser adaptadas para qualquer público e em todas as áreas de ensino. Poderão ser levadas tanto para os ambientes formais quanto não formais de atuação educativa. Nesse sentido, a ideia é elaborar propostas de fácil acesso para difusão dos conceitos aqui trabalhados.

6.1 Porque continuar com a pauta da Educomunicação na Chapada Diamantina?

O campo da educomunicação é um campo emergente. Por mais que ela já esteja sendo discutida em diversas esferas e esteja presente em muitos documentos vinculados a entidades educativas e em decretos/lei, no interior das grandes metrópoles a presença de projetos educacionais e de profissionais é muito escassa. Fato este que se revela na grande quantidade de projetos e ações vinculados a uma só pessoa.

Tendo como base o sucesso das poucas ações aqui encontradas, precisamos continuar pautando a educomunicação e capacitando possíveis profissionais que possam atuar junto a essa “guerrilha” comunicativa - principalmente na Chapada não turística, que sofre diversas adversidades como os conflitos socioambientais já discutidos durante o texto. Está imbricado na Educomunicação o potencial de analisar criticamente os contextos socioambientais e com isso refletir e agir nele e com ele. Além disso, o potencial pedagógico que as ferramentas educacionais têm para avaliar os contextos socioambientais é a busca de possíveis transformações.

Nesse contexto, após as vivências do pesquisador na atuação enquanto educador surge à ideia da construção de “Ações de Educomunicação Socioambiental contextualizadas com as questões da Chapada Diamantina”. Trata-se de ações socioeducativas que poderão ser adaptadas a qualquer público e para

diversos ambientes formativos de educação. Almejamos que essas ações sirvam como apoio pedagógico para aulas, oficinas, e formações a curto período e, principalmente, que sirvam como referência e inspiração para que outras ações de educomunicação surjam nesta região, bem como, incentivar os profissionais que atuam nos campos da comunicação e da educação passem a utilizar a educomunicação como ferramenta de transformação humana.

Todas as ações desenvolvidas possuem referências nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e bebem nos elementos do audiovisual. Com uma parceria desenvolvida com a TV UNEB-Seabra, almejamos construir uma rede de educadores que utilizem desse espaço de comunicação popular para compartilhar experiências e difundir os conceitos que permeiam as Ciências Ambientais, bem como histórias e estórias deste Território. Para que isso aconteça, cópias das Ações serão entregues a todas as Secretarias Municipais de Educação (as que responderam aos nossos contatos e as que não responderam), ao Núcleo Territorial de Educação da Chapada Diamantina (NTE 03), a pesquisadores, entidades, ONGs, associações comunitárias, universidades e faculdades presentes neste Território e a todos que se interessar com a temática.

6.2 Ações de Educomunicação Socioambiental

Durante este processo, elaboramos 04 Ações de Educomunicação Socioambiental contextualizadas com as questões da Chapada Diamantina. Vale salientar que todas as ações dialogam e utilizam os elementos do audiovisual e dos ODS.

A primeira Ação desenvolvida é uma estratégia para promover o diálogo, a conscientização e a busca por soluções sustentáveis em áreas de conflitos socioambientais. Esta Ação pauta-se no ODS 16, que objetiva-se promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Intitulado como “Diálogos Sustentáveis na Chapada Diamantina”, seu principal objetivo é “Facilitar o diálogo construtivo entre diferentes partes envolvidas em conflitos socioambientais, promovendo a compreensão mútua, a conscientização e a busca por soluções colaborativas”. A proposta nasce da vivência em diversos

espaços de conflito e bebe em referências, como as mediações de conflito e formações que o Observatório dos Conflitos Socioambientais da Chapada Diamantina (OCA), juntamente com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), desenvolve na região.

Fazem parte dessa Ação 8 passos importantíssimos para que seu objetivo seja alcançado. São eles: 1) Mapeamento e Identificação; 2) Oficinas de Comunicação não Violenta; 3) Produção de Materiais Educativos; 4) Criação de Espaços de Diálogo; 5) Campanhas de Sensibilização; 6) Mediação Profissional; 7) Projetos Colaborativos; e, 8) Avaliação Contínua.

Nos passos 3, 4 e 5, os participantes do “Diálogos Sustentáveis” poderão utilizar do espaço da TV UNEB-Seabra para realização das conversas, como já aconteceu em outros momentos, inclusive nos programas analisados. Para acessar a Ação completa, acesse o QrCode, clique no link da Figura 17 ou veja o Apêndice A.

Figura 17: QrCode de acesso a Ação de Educomunicação Socioambiental 01: Diálogos Sustentáveis na Chapada Diamantina



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2024).
https://www.canva.com/design/DAffLuGE8LQ/TPVMiDoDblo-yrz_py9xxQ/edit?utm_content=DAffLuGE8LQ&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

A segunda Ação tem como público alvo as crianças e jovens que utilizam as redes sociais. Com o título questionador “Tem água na sua rede?”, a Ação busca compreender como um determinado grupo lida com a água em suas residências por

meio de encontros e debates acerca dos recursos hídricos. Faz parte dos objetivos específicos desta oficina digital, despertar um olhar crítico sobre o uso da água, promover discussões e questionamentos sobre a temática, e uso crítico das redes sociais e, incentivar os envolvidos na construção de materiais informativos a serem disponibilizados nas redes sociais e também no Canal da TV UNEB-Seabra. O “Tem água na sua rede?” pauta-se nos ODS 4 (sobre educação de qualidade) e 6 (sobre água potável e saneamento básico).

Caso a oficina seja ofertada para crianças e jovens do município de Seabra, por exemplo, os mediadores poderão discutir a poluição do Rio Cochó, as problemáticas dos empreendimentos de *lava jato* no leito do Rio, bem como a transformação do Cochó num grande pasto para animais como vacas, cavalos e etc. Além disso, poderão ainda problematizar a questão, uma vez que o Rio era o principal meio de abastecimento da cidade e com o passar do tempo, por conta das crescentes demandas de “desenvolvimento”, o Rio se transforma no que é hoje - um verdadeiro esgoto a céu aberto. Podem, ainda, trabalhar com o 6º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS - 06), que objetiva garantir a disponibilidade e a gestão de sustentável da água potável e do saneamento básico para todos.

O grande diferencial desta Ação é que ela acontecerá dentro da própria plataforma de rede social, o Instagram - rede de maior acesso entre os jovens na atualidade. Todas as atividades e discussões propostas se darão por meio de publicações, comentários e *lives*. A metodologia e o passo a passo da Ação poderá ser acessar a partir do QRCode, link representado na Figura 18 ou no Apêndice B.

Figura 18: QRCode de acesso a Ação de Educomunicação Socioambiental 02: Tem água na sua rede?



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2024).
https://www.canva.com/design/DAF6oQcGacY/CMmEOkekfJF0HACLwiBy&w/edit?utm_content=DAF6oQcGacY&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

A terceira proposta de Ação, também pautada nos ODS 4 (no que se refere a educação de qualidade e inclusiva) e 6 (sobre água potável e saneamento básico), é uma tentativa de inclusão nos debates, na construção e difusão dos conceitos que permeiam as Ciências Ambientais no Território de Identidade da Chapada Diamantina. Trata-se de um Plano de Aula para pessoas surdas e/ou com outro tipo de deficiência auditiva, que, assim como os populares da Chapada não turística, necessitam de maior atenção e de visibilidade. O Plano “Água em Libras” vai atender a comunidade surda, que possuem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, para o debate sobre água e sociedade.

Em nível de dados, o Território de Identidade da Chapada Diamantina é um dos Territórios com maior número de pessoas com deficiência auditiva na Bahia. Somente os dados de Seabra (390 casos), Iraquara (248 casos) e Souto Soares (132 casos), somam-se 770 pessoas, segundo dados do IBGE (2010)⁵⁷.

Segundo vivências e participação nos encontros do Fórum de Educação Especial e Inclusiva de Seabra, que recebe participantes de diversas cidades da Chapada, percebemos que a comunidade surda da nossa região não tem muito apoio e os profissionais, ora capacitado, ora não, tem diversas dificuldades para desenvolver planos de aula para o público. Destacamos as importantes iniciativas e

57 Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/seabra/pesquisa/11/0?localidade2=293080&localidade1=291440>.
Acesso em: 22/01/2024.

atividades desenvolvidas pelo IFBA-Seabra e pelo Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado de Seabra CEMAEE na promoção de debates e formações. Mas, compreendemos também que somente as ações desenvolvidas por estes órgãos não são suficientes para suprir a demanda da região.

O Plano busca, a partir do Produto Educacional da Mestra Tábita Teixeira (2018), incluir pessoas surdas nas discussões da temática apresentada na semana destinada a refletir sobre o meio ambiente na escola. Além disso, almeja-se também com este Plano incentivar os alunos a criarem seus próprios produtos comunicacionais. Para a excelência na execução desta atividade, será necessária a presença de uma profissional de Libras para auxílio na interpretação dos sinais e o envolvimento dos demais professores da escola ou instituto.

A metodologia e os recursos necessários para o andamento desta aula poderão ser acessados a partir do QrCode (Figura 19), link ou Apêndice C.

Figura 19: QrCode de acesso a Ação de Educomunicação Socioambiental 03: Água em Libras



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2024).
https://www.canva.com/design/DAF6o9hrkgk/KEQd73GcaPqIkCn2Xp7gMw/edit?utm_content=DAF6o9hrkgk&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

A quarta e última Ação é uma oficina de Fotografia e Identidade. Trata-se da primeira aula do projeto “Educampo: Educação e Comunicação em Escolas Família Agrícola (EFA)”, desenvolvido por este pesquisador educador, juntamente com a educadora Rose Caroline Oliveira. O objetivo principal desta primeira

aula é “Ampliar o repertório dos Jovens sobre a produção fotográfica e ensinar técnicas de fotografia enquanto discute-se sobre a construção imagética do nordeste nos portais de notícia”.

Pautada nos ODS 4 (educação de qualidade) e ODS 5 (igualdade de gênero), a aula é dividida em 5 momentos, na qual inicia com apresentação da proposta e dinâmica de aquecimento a atividades práticas e finaliza com apresentação dos resultados. Durante as atividades os educandos serão incentivados a discutir a identidade individual e coletiva, a partir de uma dinâmica de desenho coletivo. Cada aluno é responsável por um desenho que responda a seguinte pergunta: Quem sou eu no mundo e o que eu quero falar? No final ao apresentar o desenho cada aluno deve conseguir contextualizá-lo com o do colega e assim formar uma rede em que suas identidades dialoguem.

Para acessar a esta aula e colocá-la em prática, basta ler o QrCode e seguir os passos (Figura 20). Caso seja necessário, clique no link ou veja o Apêndice D.

Figura 20: QrCode de acesso a Ação de Educomunicação Socioambiental 04: Identidade e Fotografia



Fonte: Dados da pesquisa. Autoria própria (2024).

https://www.canva.com/design/DAF6qbyMnkg/J88P3agy05PKLfc5zdHtew/edit?utm_content=DAF6qbyMnkg&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

Além das Ações já mencionadas e compartilhadas, outras ideias são possíveis para trabalhos futuros. São possíveis Ações: 1) Fortalecer a TV UNEB-Seabra por meio de parcerias com outras TVs Universitárias, organizações e associações comunitárias, afim de pensar num Programa itinerante e que pudesse dialogar e compartilhar saberes com outros territórios baianos; 2) Promover mais

formações de audiovisual e incentivar ainda mais a produção de filmes e séries regionais e a partir das formações fortalecer-se enquanto coletivo para as produções; 3) Utilizar as redes e mídias sociais como espaço propício para registrar memórias e arquivos audiovisuais das comunidades; 4) Roteiros temáticos e históricos culturais da Chapada não turística - como exemplo visita de campo para conhecer as pinturas rupestres espalhadas pelas nossas cidades; 5) Curso imersivo na Estrada Real; 6) Aulas sobre a diversidade cultural e relação com as datas comemorativas das nossas cidades; dentre outras.

7 Considerações Finais

O futuro da Educomunicação no Território de Identidade da Chapada Diamantina

Ao longo desta pesquisa, tivemos diversas revelações e todas elas merecem ser destacadas nestas considerações para entender, minimamente, o futuro da educomunicação neste Território. Nesse sentido, para começarmos, é importante relembrar os conceitos trabalhados nesta dissertação. Nota-se que todos os conceitos aqui trabalhados, ou a maioria deles, são postos em prática a partir da ação (Educação, comunicação, educomunicação). Estas Ações só são possíveis se trabalhadas na coletividade. Isso significa fortalecer os laços e conexões entre os conceitos e as práticas, bem como desenvolver e alimentar projetos que tenham inter-relações entre componentes curriculares e situações-problema e/ou técnicas de mediação. Isso poderia se dar por meio de projetos interdisciplinares e/ou transdisciplinares, importantíssimas ferramentas para a execução da Ação, que nada mais é que a prática, e disseminação dos conceitos aqui abordados.

Mesmo os outros conceitos abordados neste estudo, a saber: ensino das ciências ambientais, educação ambiental e sua perspectiva crítica, mídia alternativa etc., possuem a necessidade da Ação, uma vez que todos eles estão diretamente ligados com a Ação do educar ou do comunicar.

Assim, uma das primeiras ações deste projeto foi mapear projetos, cursos e programas que centralizavam suas pautas em Educação Ambiental (EA) e Educomunicação. Desse garimpo, apesar dos percalços encontrados durante o caminho, a exemplo da falta de contato com as Secretarias Municipais de Educação, conseguimos encontrar diversas ações interessantíssimas. Fato este que nos chama bastante atenção, pois, no início das discussões de alinhamento do então Projeto, imaginávamos que iríamos encontrar no máximo uns 10 projetos e que pudéssemos fazer uma análise criteriosa dos mesmos. Mas, na verdade, encontramos mais de 50 ações pautadas na EA e na Educomunicação - realidade esta que nos fez selecionar, apenas sob o critério da aproximação, os projetos que seriam posteriormente analisados.

Deste garimpo elaboramos um Mapa interativo com todas as ações encontradas. Trata-se do primeiro Produto Educacional elaborado para defender este mestrado. Durante a sua construção, identificamos que existe uma grande quantidade de projetos vinculados a uma mesma pessoa. O que nos faz refletir que há poucas vozes que desenvolvem projetos que pautem as questões socioambientais na nossa região e nos dar um sinal de alerta para pensar estratégias para que mais pessoas se mobilizem em prol destas temáticas e dessas práticas.

Diante da realidade encontrada, destacamos a importância da difusão de práticas educacionais. Mesmo sabendo que se trata de uma ação ainda pouco difundida e colocada em prática na região, as poucas ações de educação encontradas são extremamente importantes para o desenvolvimento sustentável no Território. Além disso, foi por meio desses projetos de educação que houve visível transformação na vida dos jovens que passaram pelos projetos e que hoje desenvolvem suas pesquisas sobre o conceito.

Foi cumprindo o primeiro objetivo específico que partimos para a análise - que faz parte do segundo objetivo específico. Almejávamos com ele analisar todas as ações encontradas, mas, pelas limitações, principalmente com relação ao tempo, decidimos analisar os programas audiovisuais da TV UNEB-Seabra que tinham relação com as questões ambientais e possíveis conexões com a Educação. Tínhamos ainda o intuito de compreender as contribuições desses tipos de conteúdo para as discussões socioambientais na região da Chapada Diamantina.

Desta análise percebemos que houve duas ações muito importantes. A primeira delas é o fato de a TV se transformar num grande ponto de encontro e reencontro entre os comunitários deste Território e a segunda ação se refere ao fortalecimento das parcerias entre as instituições e associações comunitárias também deste Território de Identidade com a TV UNEB-Seabra. Assim, percebemos ainda que todos os programas analisados (Papo Covid na Chapada, Boca Piu e Potencialidades do Turismo Sustentável) possuem na sua prática o apoio ao que preconizam a Educação Ambiental e a Educação por meio de fazeres dialógicos e feitas a partir das pautas dos populares.

Além disso, os programas tiveram, tendo ciência ou não, a preocupação de se pautarem também nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), por meio dos ODSs 2 (Fome zero e agricultura sustentável), 3 (Saúde e bem-estar), 4

(Educação de qualidade), 5 (Igualdade de gênero), 6 (Água potável e saneamento), 8 (Trabalho decente e crescimento econômico), 12 (Consumo e produção responsáveis) e 16 (Paz, justiça e instituições eficazes).

A partir da análise do conteúdo da TV e da sua programação, percebemos que esta importante ferramenta poderá continuar servindo como um acervo dos produtos de áudio e vídeo produzidos por este Território e por sua gente. Além disso, fortalecendo o debate sobre os conceitos que permeiam as Ciências Ambientais, o espaço também ganha destaque para uma possível continuidade na produção de conteúdo de relevância territorial e também de divulgação científica iniciada pelos programas Papo Covid na Chapada, Boca Piu e Potencialidades do Turismo Sustentável. Isso porque as mídias digitais e redes sociais, características do YouTube - plataforma onde a TV universitária se instala, possuem um potencial enorme para difusão de conceitos em educação ambiental, principalmente entre o público de 16 e 24 anos, como nos mostram diversas pesquisas.

Apoiados com as práticas da Educomunicação e sua vertente Socioambiental, a da construção de peças audiovisuais poderá servir como mola propulsora no fortalecimento de debates e construção de pautas formativas sobre questões ambientais na Chapada Diamantina. Os resultados apresentados nos mostram a proximidade da Educação Ambiental com a prática Educomunicativa e evidenciam a produção audiovisual, por meio das mídias alternativas, como aliada para pautar temas referentes às Ciências Ambientais. Além disso, percebemos também a presença da EA e sua perspectiva crítica e da Educomunicação na programação analisada em tudo que se refere ao relacionamento, à liderança, ao diálogo social e protagonismo juvenil e de lideranças de comunidades tradicionais ou não na programação, como preconizam as bases da Educomunicação segundo Soares (2011).

Assim como França *et al.* (2017), entendemos que a implementação da educomunicação socioambiental como uma metodologia de ensino apresenta-se como uma alternativa para o trabalho da EA crítica nas escolas é de extrema importância, pois não desvincula a teoria da prática nem tão pouco trabalha com ações isoladas e pontuais. Da mesma forma, podemos pensar nesta junção, em diversos outros espaços que não sejam tão somente escolares.

Vale mencionar ainda que em todo o trabalho construímos um banco de dados com todas as informações coletadas referentes à TV e a sua programação.

Todos os dados poderão ser acessados ao entrar em contato com o pesquisador. Tanto os dados crus referentes à programação quanto os dados para a construção do Mapa, por exemplo, podem servir como apoio a novas pesquisas analíticas e de mapeamento de ações nos municípios. Além disso, por meio do Mapa, gestores, sociedade civil, ONGs e demais entidades poderão tomar como referência alguns dos projetos e colocar em prática também em seus municípios ou em suas escolas.

Concluindo as ações analíticas do segundo objetivo específico, e percebendo através da pesquisa que existe uma enorme lacuna na abordagem e na aplicação da educomunicação no Território de Identidade da Chapada Diamantina, começamos a pensar que seria necessária a construção de outro Produto que difunda essas práticas. Motivados e incentivados por essa realidade, pudemos pensar em “Ações em Educomunicação Contextualizada com as diversas questões da Chapada Diamantina turística e também a não turística”. Estas Ações, disponíveis nesta dissertação e já acessadas, serão distribuídas em todos os municípios deste Território. Almeja-se, a partir dele, difundir os conceitos acerca das Ciências Ambientais, bem como por em prática a Educomunicação e a sua vertente socioambiental.

Como vimos ao decorrer do texto, a Chapada Diamantina é uma potência pedagógica. As Ações desenvolvidas são mínimas se compararmos com a quantidade de temas possíveis de serem trabalhados. As Ações se revelam como possibilidade de trabalhar nos ambientes de formação com temas próximos e contextualizados com a realidade dos jovens e/ou dos formandos/educandos. Poderíamos até aqui responder ao questionamento motivador desta pesquisa, que podemos utilizar educomunicação para o fortalecimento de debates e construção de pautas formativas sobre questões socioambientais na Chapada Diamantina de diversas maneiras. Só seguir o passo a passo das Ações.

Mas, não é apenas isso. A aplicação da educomunicação no Território de Identidade da Chapada Diamantina pode ser um catalisador poderoso para o fortalecimento de debates e a construção de pautas formativas sobre questões socioambientais. O profissional de educomunicação, atuando nesse contexto, pode empregar estratégias que envolvam a comunidade local, escolas e organizações, utilizando diferentes linguagens midiáticas para sensibilizar e informar sobre os desafios ambientais enfrentados na região.

A promoção de oficinas, produção de conteúdo audiovisual e o uso de plataformas digitais, como vimos, podem ampliar a visibilidade dessas questões, engajando a população em discussões construtivas. Além disso, a educomunicação pode ser um instrumento para dar voz a grupos marginalizados, valorizando o conhecimento local e fomentando a participação ativa de diferentes segmentos da sociedade na elaboração de pautas formativas que reflitam as necessidades e aspirações do Território de Identidade da Chapada Diamantina em relação ao seu meio ambiente.

Como um velho ditado diz “a prática leva a perfeição”, os profissionais que desejam se entregar a este mundo deve estar ciente que se trata de um mundo vasto e cheio de conflitos. Existem, sim, diversas formas e possibilidades que podemos trabalhar a educomunicação em sala de aula e também em ambientes não formais de educação. Mas, é importante que o objetivo da proposta seja bem desenhado e construído coletivamente. Assim, é importante mencionar também que o profissional deve buscar a todo o momento se atualizando nas discussões regionais e estar aberto à escuta, seja na sua sala de aula, seja em alguma demanda da sociedade.

Como percebido na literatura visitada, o profissional de educomunicação é uma figura multifacetada que atua na interseção entre a educação e a comunicação. Possui habilidades tanto pedagógicas quanto comunicativas, sendo capaz de criar ambientes educativos inovadores e estimulantes.

Também faz parte das características deste profissional a habilidade de integrar diversas linguagens midiáticas no processo educacional, utilizando ferramentas digitais, audiovisuais e outras formas de expressão para enriquecer o aprendizado, como pudemos observar nas Ações elaboradas. Além disso, o educador precisa estar sensível às necessidades e características dos alunos ou outro público/espço, promovendo a participação ativa, a expressão criativa e, principalmente, o pensamento crítico. Sua atuação vai além da simples transmissão de informações, visando o desenvolvimento integral dos estudantes, estimulando a autonomia, a colaboração e a construção de conhecimento em um contexto midiático e digital.

Atuar ou continuar atuando enquanto profissional da educomunicação na Chapada Diamantina é deixar-se moldar pela riqueza cultural e pela diversidade ambiental dessa região. Em um contexto tão único, o pesquisador se depara com a

oportunidade de mergulhar em uma interação íntima entre as comunidades locais e seu entorno natural, enxergando as dinâmicas socioambientais como parte integrante da narrativa educativa.

Pessoalmente, e o que pode fazer parte de uma perspectiva profissional, o pesquisador encontra inspiração nas diversas *Chapadas Diamantinas*, alimentando seu compromisso com a preservação ambiental e o empoderamento das comunidades locais. Profissionalmente, e o que pode fazer parte de uma perspectiva pessoal, o pesquisador em educomunicação ou educador na Chapada Diamantina atuará como um facilitador do diálogo, utilizando estratégias comunicativas para mobilizar a comunidade em torno de questões socioambientais críticas.

O pesquisador busca integrar as práticas educacionais de forma sensível e adaptativa, reconhecendo a diversidade de perspectivas presentes na Chapada Diamantina. O objetivo é, assim, contribuir para o fortalecimento do vínculo entre educação e comunicação, promovendo a conscientização, a participação ativa e a construção coletiva de soluções para os desafios socioambientais na região.

Para finalizar, o futuro da educomunicação no Território de Identidade da Chapada Diamantina é promissor, apresentando oportunidades significativas para transformações positivas nas dinâmicas educacionais e comunicativas da região. Espera-se que a educomunicação desempenhe um papel central na promoção do desenvolvimento sustentável e na conscientização socioambiental, aproveitando a riqueza cultural e natural dessa localidade. Além disso, o futuro da educomunicação na Chapada Diamantina é caracterizado pelo potencial de fortalecer laços comunitários, fomentar a consciência ambiental e impulsionar o desenvolvimento educacional de maneira sustentável, alinhada com as peculiaridades e necessidades dessa região, seja a parte turística, seja a parte não turística.

Mas, uma coisa é certa. O futuro da Educomunicação na Chapada Diamantina está nas nossas mãos.

Referências

- ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos** / Alberto Acosta ; tradução de Tadeu Breda.- São Paulo : Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.
- ALVES, B. T.; VIANA, C. E. Interface entre Educomunicação e Educação Ambiental nas políticas públicas e em teses e dissertações brasileiras. In: COSTA et al (Orgs.). **Imaginamundos: Interfaces entre educação ambiental e imagens**. Macaé: Editora NUPEM, 2020. p. 108-136.
- AMARAL, I. A.. Educação Ambiental e ensino de Ciências: uma história de controvérsias. **Pro-Posições**. Campinas, v. 12, n. 1 [34], p. 73-93, mar. 2001.
- ANTUNES, Q.G. Sindemia de COVID-19 no território da chapada diamantina (2020): um exercício colaborativo de divulgação de ciências. **Dissertação**. Mestrado profissional em Pós Graduação em Rede Nacional para Ensino Ciências Ambientais. PROFCIAMB-UEFS. 2022.
- ARAÚJO, E. L. S. Geoturismo: Conceptualização, implemento e exemplo de aplicação ao Vale do Rio Douro no sector Porto-Pinhão. **Dissertação** (Mestrado em Patrimônio Geológico e Geoconservação). Escola de Ciências, Universidade do Minho, Portugal, 2005.
- ARAÚJO, N. M. S.; MENDONÇA, E.S.; COSTA, J. M. A.; SILVA, J. P. Conflitos socioambientais no Nordeste brasileiro: tema de interesse para o Serviço Social. R. **Katál.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 363-373, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592019v22n2p363>. Acesso em: 13/01/2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELTRÃO, L. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa** / Luiz Beltrão, Newton de Oliveira Quirino. São Paulo : Summus, 1986.
- BELTRÃO, L. Processo da comunicação. **Anuário UNESCO /Metodista de comunicação para o desenvolvimento**, v.10, n.10, p. 99 -101, 2006.
- BORDENAVE, J. E. D. **Além dos Meios e Mensagens**: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 10 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.119 p.
- BRASIL. **Decreto no 52.795**, de 31 de outubro de 1963. Aprova o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão. Brasília, out, 1963. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d52795.htm. Acesso em: 26 jan. 2024.
- BRASIL. **Decreto nº 84.017**, de 21 de setembro de 1979. Aprova o Regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros. Brasília, set, 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1979/D84017.html >. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 1 jan. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 678**, de 06 de novembro de 1992. Promulga a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), de 22 de novembro de 1969. Brasília, mai, 1992. Disponível em: <<https://www.tjrr.jus.br/images/CIJ2022/arquivospdf/ConvencaoAmericana-pacjose-1969.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.472**, de 16 de julho de 1997. Dispõe sobre a organização dos serviços de telecomunicações, a criação e funcionamento de um órgão regulador e outros aspectos institucionais, nos termos da Emenda Constitucional nº 8, de 1995. Brasília, jul, 1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9472.htm>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, abr, 1999. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.771**, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo. Brasília, set, 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7.175**, de 12 de maio de 2010. Institui o Programa Nacional de Banda Larga - PNBL. Brasília, mai, 2010. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7175.htm>. Acesso em: 10 jan. 2018.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Organização: Francisco de Assis Moraes da Costa. Brasília: MMA, 2008.

BRASIL. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília, abr, 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRIANEZI, T. S. Qual a relação entre a educação ambiental e o direito à comunicação? In: Marcos Sorrentino; Maria Henriqueta Andrade Raymundo; Simone Portugal; Fernanda Corrêa de Moraes; Rafael Falcão da Silva. (Org.). **Educação, agroecologia e bem viver: transição ambientalista para sociedades sustentáveis**. 1ed. Piracicaba: NACPTECA, 2017, v. 1, p. 77-88.

BRIANEZI, T.; GATTÁS, C. A educomunicação como comunicação para o desenvolvimento sustentável. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 21, n. 41, 2022. ps. 33-43

BRILHA; J. **Patrimônio Geológico e Geoconservação**: a Conservação da Natureza na sua Vertente Geológica. Palimage Editores, 2005, 190p.

BRITO, F. E. M. **Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina**. Edufba, 2005.

COSTA, L. S.; OLIVEIRA, D. P. A.; SILVA, N. S.; TEIXEIRA, P. G. S. Perspectivas geográficas para a conservação ambiental: o geoturismo no parque nacional da chapada diamantina - BA. In: **Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 14., 2013, Lima. Anais... Lima: EGAL, 2013. p. 1 - 15.

DIAS, L. S.; MARQUES, M. D.; DIAS; L. S. **Educação, Educação Ambiental, Percepção Ambiental e Educomunicação**. In: Educação Ambiental: conceitos, metodologia e práticas / Leonice Seolin Dias, Antonio Cezar Leal e Salvador Carpi Junior (Orgs.) -Tupã: ANAP, 2016. p.12-44.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 6ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993, 5ª ed.

ESCHILETTI, N. A. R.; LANZER, R. M.. Turismo na Chapada Diamantina: Considerações sobre o Geoparque Serra do Sincorá. **Rosa dos Ventos**, v. 11, n. 2, p. 492-506, 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTUNATO, I; TORQUATO, I. Comunicar para educar: educomunicação e leitura na escola. **Rumores** [s.l.], v. 4, n. 8, p.1-9, 6 dez. 2015. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-677x.rum.2010.51217>.

FRANÇA, V. V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. **Ciberlegenda - Revista Eletrônica do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense**. n.05. (2001): Edição Especial.

FRANÇA, E. F. et al. Educomunicação socioambiental: produção de peças educacionais como metodologia de ensino para a Educação Ambiental. **Revista Práxis**, v. 11, n. 21, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 166 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, M. T.; CARVALHO, D. W. Educomunicação: construção social e desenvolvimento humano - um relato de pesquisa. In: **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 9, 2012, Caxias do Sul. **Anais...** IX Seminário ANPED SUL, Universidade da Caxias do Sul, 2012. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2381/902>>. Acesso em: 20 maio. 2022.

GATTI, B. A. **Estudos quantitativos em educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas** / Bernadete Angelina Gatti. - Brasília : Liber Livro Editora, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GUIMARÃES, C. C. Jornalismo e luta de classes: desvendando a ideologia do modelo informativo na busca da contra-hegemonia. **Tese**. Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/2016/Mencoes-Honrosas/Servico-Social-Catia-Correa-Guimaraes.PDF>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

HALL, S.. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Stuart Hall. Organização Liv Sovik; tradução Adelaide La Guardia Rezende ... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua 2018**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>>. Acesso em: 27 jan. 2024.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua 2023**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>>. Acesso em: 26 jan. 2024.

IJUIM, Jorge Kanehide; ABREU, Míriam Santini de. Jornalismo e contra-hegemonia: o trabalho de tradução da luta por moradia. **Revista Comunicação Midiática**. UNESP-São Paulo, v. 12, n. 3, p. 129-144, set./dez. 2017

JÚNIOR, E. P. S.. **A Estrada Real da Bahia: Caminhos dos Jagunços do Licuri**. Ezequias Pereira Sampaio Júnior. Seabra (BA): Edição do autor, 2021. 182p.il.

KENSKI, V. M. **Cultura Digital e Formação de Professores para o Ensino Superior**. Disponível em http://www.prgp.usp.br/attachments/article/4318/Cultura_Digital_e_Formacao_de_Professores_USP.pdf. Acesso 14 de julho de 2023.

LAYRARGUES, P. P. Crise Ambiental e suas Implicações na Educação. In: QUINTAS J. S. (Org.): **Pensando e praticando educação ambiental na gestão do meio ambiente**. 2 ed. Brasília: Edições IBAMA, p. 159-196, 2002.

LITTLE, P. E. Os conflitos socioambientais: um campo de estudo e de ação política. In: BURSZTYN, M. (org.). **A difícil sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 107-122.

LOUREIRO, C. F. B.; AZAZIEL, M.; FRANCA, N. (Org.). **Educação Ambiental e gestão participativa em unidades de conservação**. Rio de Janeiro: Ibase/Edições IBAMA, 2003. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/educacaoambientalegestaoparticipativaemunidadesdeconservaca>>. Acesso em: 13 maio. 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. de. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. 1. ed. São Paulo: EPU, 1986.

McQUAIL, D. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências** (organizadores) Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França. 11. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

MATTELART, A. M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

MATTELART, A. A construção social do direito à comunicação como parte integrante dos direitos humanos. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 32, nº 1, p. 33-50, jan./jun. 2009.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

NASCIMENTO M.A.L., RUCHKYS Ú.A., MANTESSO NETO V. **Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo: trinômio importante para proteção do patrimônio geológico**. Sociedade Brasileira de Geologia, São Paulo, 2008, 82p

NASCIMENTO M.A.L., ROCHA A.J.D, NOLASCO M.C. Patrimônio geológico e mineiro no nordeste do Brasil. **Boletim paranaense de geociências** - V 70 p103-119, 2013.

NASCIMENTO, M. A. L.; MANSUR, K. L.; MOREIRA, J. C. . Bases Conceituais para entender Geodiversidade, Patrimônio Geológico, Geoconservação e Geoturismo. **Revista Equador**, v. 4, p. 2-22, 2015.

NASCIMENTO, M. M. **Comunidades nativas e áreas de preservação: tensões entre políticas ambientais e o uso do território no Parque Nacional da Chapada Diamantina** / Maria Medrado Nascimento. - Salvador, 2018.

NEGRÃO, J.J.O. **O jornalismo e a construção da hegemonia**. 2005. 155 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005

NOVAIS FILHO, D. P. Convergência para quem? Garimpando as Conexões e as Redes em uma comunidade quilombola da Chapada Diamantina. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Seabra-BA, 2018.

NOVAIS FILHO, D. P. ereira. Internet banda larga para quem? In: MORENO, A.; SANTOS, C.A. (org.). **Chapada Diamantina em Pesquisa: História, Sociedade, Cultura e Meio Ambiente**. Salvador: Aiê Editora, 2022. p. 279-304.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1966. Disponível em: <<https://www.oas.org/dil/port/1966%20Pacto%20Internacional%20sobre%20os%20Direitos%20Econ%C3%B3micos,%20Sociais%20e%20Culturais.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1966. Disponível em: <https://www.cne.pt/sites/default/files/dl/2_pacto_direitos_civis_politicos.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PAIXÃO E SILVA, N.M. **Textos pessoais não publicados**.

PATUSSE, A. C.; GOMES AMARAL, T.; DE ANDRADE MARTINS, S. A Educomunicação como ferramenta para o diálogo na Educação Ambiental. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 4, 2018. DOI: 10.23899/relacult.v4i0.983. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/983>. Acesso em: 5 mar. 2023.

PENIDO, A. Educação pela comunicação. In: **Caderno preparatório para a 1ª Conferência de Comunicação Social da Bahia**. Salvador: Egba. 2008.

PEREIRA, R. G. F. A. **Geoconservação e desenvolvimento sustentável na Chapada Diamantina (Bahia-Brasil)**. 2010. Tese. Ciências Especialidade em Geologia. Escola de Ciências, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010.

PERUZZO, C. M. K. **Participação na comunicação popular**. 1991. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Acesso em: 26 jan. 2024.

PERUZZO, C. M. K. *Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania*. **Lumina**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2007.

RECUERO, R.. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. (**Coleção Cibercultura**). 191 p.

RECUERO, R. **Análise de redes para mídia social** / Raquel Recuero, Marco Bastos e Gabriela Zago. - Porto Alegre: Sulina, 2015. (Coleção Cibercultura). 182 p

REGO, A. M. X. Educação: concepções e modalidades. **Scientia Cum Industria**, V. 6, N. 1, PP. 38 – 47, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/60332706/Aula_02_-

[_EDUCACAO_conceitos_finalidades_e_modalidades_20190819-79952-1o4zpyl.pdf](#)>. Acesso em: 26 jan. 2024.

RUAS, C. M. S. **Rádio comunitária: uma estratégia para o desenvolvimento local**. Editora UCDB, 2004.

SÁ-SILVA, J. R., Almeida, C. D. de, & Guindani, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, 1(1). 2009 Recuperado de <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>

SANTOS, A. A. dos; BORGES, L. A.C. **Panorama da Educação ambiental no Brasil** / Anderson Alves dos Santos, Luís Antônio Coimbra Borges. - Lavras: UFLA, 2015. 77 p.

SANTOS, B. de S. (2002), "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências", **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, 237-280.

SANTOS, M. E.. Cidadania, conhecimento, ciência e educação CTS: rumo a novas dimensões epistemológicas. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad**, Buenos Aires, v. 2, n. 6, p. 137-157, 2005.

SAMPAIO, T. **O rio de São Francisco: trechos de um diário de viagem e a Chapada Diamantina**. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/sampaio-1905-rio/sampaio_1905_rio.pdf Acesso em: 10/01/2023.

SCHNEIDER, E. M., Fujii, R. A. X., & Corazza, M. J. (2017). Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, 5(9), 569-584.

SILVA, F.P.; SOUSA, M. E. Educação Ambiental e Turismo Educacional na Região da Chapada Diamantina-BA. **Periódicos Eletrônicos UFMA**, 2017. Disponível em: < <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6693>>. Acesso em: 27 jan. 2024.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017.

SOARES, I. O.. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. Ed. Paulinas, 2011.

SOUZA, J. G. S; ALMEIDA, E. A. Educomunicação ambiental: comparando ações realizadas no espaço escolar e no percurso de aula passeio em uma Unidade de Conservação costeira. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 8, n. 1-pp 36-50, 2013 DOI: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol8.n1.p36-50>.

SOUZA, E. P. de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, [S. l.]**, v. 17, n. 30, p. p. 110-118, 2020. DOI: [10.22481/ccsa.v17i30.7127](https://doi.org/10.22481/ccsa.v17i30.7127). Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SORRENTINO, M; MENDONÇA, R. T. P; JÚNIOR, L. A. F. **Educação ambiental como política pública. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

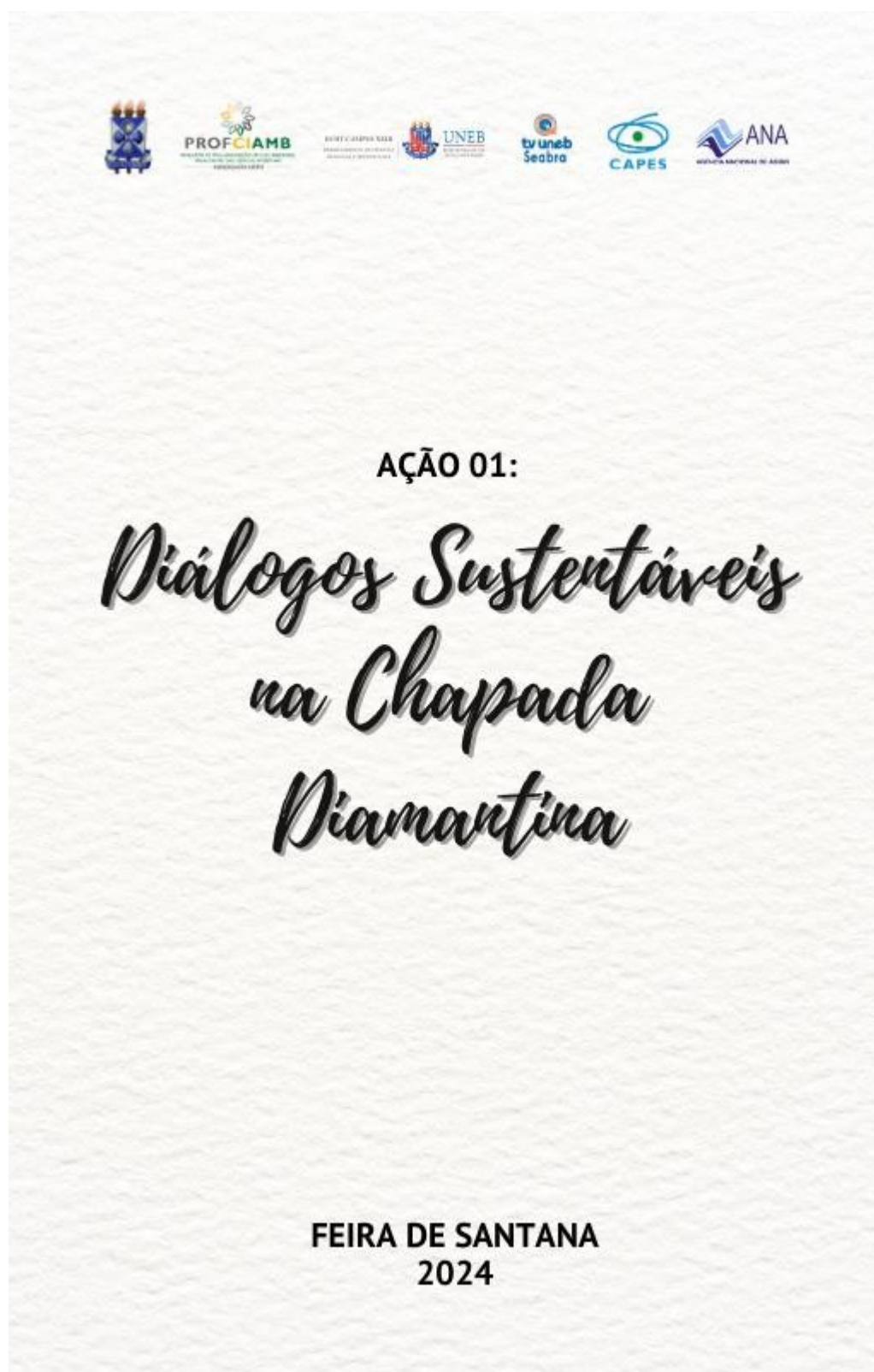
TEIXEIRA, T. **Água em Libras**. 2018. Disponível e: <https://www.youtube.com/watch?v=SyefStyAgpc>. Acesso em: 22/01/2024.

TORQUATO, G. **Cultura, poder, comunicação e imagem**: fundamentos da nova empresa. São Paulo: Pioneira, 1996.

VIANNA, C. E. S. **Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira**. Janus, Ano 3, Nº. 4. 2006.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995. 4ª ed.

Apêndice A – Ação 01: Diálogos Sustentáveis na Chapada Diamantina



Diálogos Sustentáveis na Chapada Diamantina

- **Faixa etária dos envolvidos:** A partir dos 15.
- **Número de encontros:** Contínuo.
- **Tema central:** Diálogos Sustentáveis na Chapada Diamantina.
- **Objetivos:** Facilitar o diálogo construtivo entre diferentes partes envolvidas em conflitos socioambientais, promovendo a compreensão mútua, a conscientização e a busca por soluções colaborativas.
- **Passos da ação:**
 - **1. Mapeamento e Identificação:** Levantamento dos principais conflitos socioambientais no local do diálogo e identificando as partes envolvidas;
 - **2. Oficinas de Comunicação Não Violenta:** Organize oficinas para ensinar técnicas de Comunicação Não Violenta, proporcionando habilidades para expressar ideias de forma clara e ouvir ativamente. Isso ajudará na redução de conflitos e na criação de um ambiente propício ao diálogo.
 - **3. Produção de Materiais Educativos:** Desenvolva materiais educativos que abordem as questões socioambientais em linguagem acessível, promovendo a conscientização e informando sobre os impactos das ações no meio ambiente e na comunidade.

03

Diálogos Sustentáveis na Chapada Diamantina

- **4. Criação de Espaços de Diálogo:** Estabeleça espaços físicos ou virtuais a exemplo da TV UNEB-Seabra, dedicados ao diálogo entre as partes;
- **5. Campanhas de Sensibilização:** Realize campanhas de sensibilização na comunidade, utilizando diferentes meios de comunicação (panfletos, redes sociais, rádio, tv etc.) para disseminar mensagens positivas e incentivar a colaboração em prol do meio ambiente;
- **6. Mediação Profissional:** Conte com a presença de mediadores profissionais em alguns encontros, especialmente quando as tensões estiverem elevadas. A mediação pode ajudar a garantir um ambiente seguro e facilitar o processo de negociação;
- **7. Projetos Colaborativos:** Incentive a criação de projetos colaborativos que visem ao desenvolvimento sustentável, beneficiando tanto o meio ambiente quanto as comunidades envolvidas;
- **8. Avaliação Contínua:** Realize avaliações regulares para medir o progresso da ação, coletar feedback das partes envolvidas e ajustar estratégias conforme necessário;

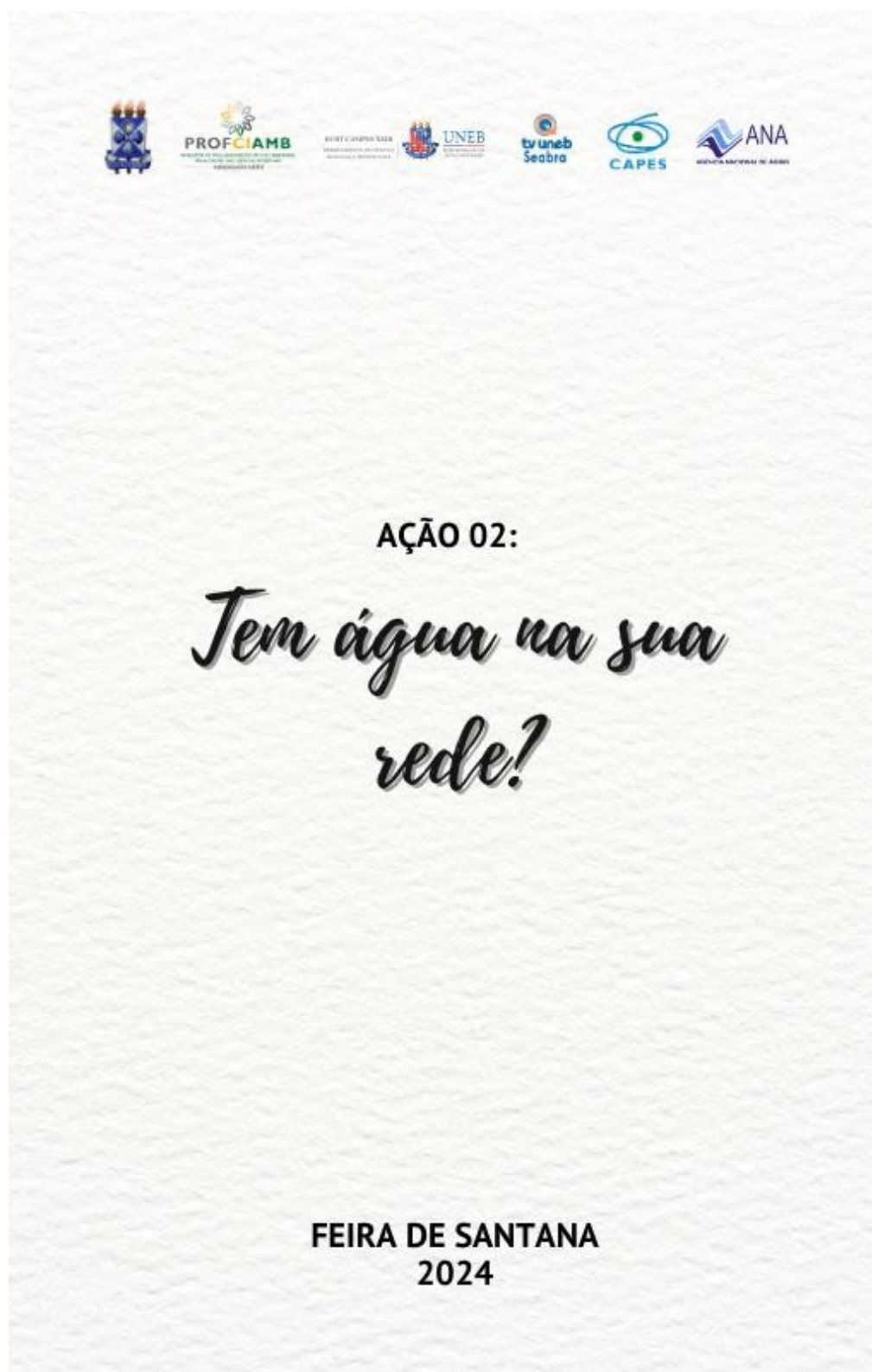




Diálogos Sustentáveis na Chapada Diamantina

**FEIRA DE SANTANA
2024**

Apêndice B – Ação 02: Tem Água na sua Rede?



02

Tem água na sua rede?

OFICINA DIGITAL

- **Faixa etária dos envolvidos:** Crianças e pré-adolescentes de 11 a 16 anos.
- **Número de encontros:** 1 encontro semanal, durante 5 semanas.
- **Tema central:** Uso consciente dos recursos hídricos e das redes sociais.
- **Objetivo:** A ação objetiva-se compreender como um grupo de crianças e pré-adolescentes lidam com a água em suas residências por meio de encontros e debates acerca dos recursos hídricos. E, como os mesmos utilizam as suas redes sociais para pesquisarem ou divulgarem peças referentes ao tema.
- **Objetivo específico:** A oficina tem como objetivos específicos:
 - despertar um olhar mais "racional" sobre o uso da água e das redes sociais;
 - provocar alternativas para um uso mais consciente;
 - promover por meio das discussões a sensibilização para os temas ambientais e consciência crítica sobre as mídias sociais;
 - produção de materiais informativos para posterior divulgação nas redes sociais e na TV UNEB-Seabra.

03

Tem água na sua rede?

- **Conteúdo:** Serão ao todo, 5 semanas de atividades. A cada semana será trabalhado um tema - todos eles relacionados a água.
 - **Primeira semana:** Usos da água em minha casa;
 - **Segunda semana:** Desperdício;
 - **Terceira semana:** Crise hídrica;
 - **Quarta semana:** Por que conservar e economizar as águas?
 - **Quinta semana:** Como seria minha vida sem água? Existiria vida?
- **Metodologia:** Todas as atividades ocorrerão na rede social Instagram. Todos os participantes serão convocados a seguirem um perfil de Instagram, criado apenas para a compartilhamento de informações e atividades referentes a ação. Vale mencionar que o perfil do Instagram será fechado e somente os envolvidos na Ação terão acesso ao conteúdo, até a sua finalização. A primeira atividade a ser desenvolvida será:
 - Os envolvidos na Ação serão convidados a realizarem a sua "Pegada Hídrica". Trata-se de um conceito que mensura a quantidade de água potável suficiente para produzir o alimento e produtos consumidos pelo participante. Todas as "Pegadas Hídricas", assim como todas as outras



Tem água na sua rede?

peças de comunicação, serão compartilhadas no perfil do Instagram. A partir do compartilhamento da Pegada, todos os participantes serão convocados a fazerem comentários nas publicações, afim de debaterem o primeiro tema proposto, o uso da água em minha casa.

- A oficina também terá momentos de ao vivo, por meio das *lives* do próprio Instagram. Após todos comentarem nas publicações dos colegas e responderem aos questionamentos dos colegas nas suas Pegadas, em conjunto, mediador e cursistas farão a discussão ao vivo.
- Na segunda semana, ao debater sobre o desperdício, os cursistas serão convidados a fazerem registro fotográficos, nas suas ruas, sobre a temática. Antes de irem a campo fazer as imagens, o mediador da oficina dará informações básicas para captação de imagem.
- Já na terceira semana, todos serão convidados a pesquisarem notícias sobre a crise hídrica e farão prints das matérias para posterior compartilhamento e debate. A partir dessa etapa, os cursistas terão livre

05

Tem água na sua rede?

- o acesso para envio de notícias, imagens e/ou sugestões de vídeos relacionados ao tema a qualquer momento de execução da Ação.
- o Na quarta e quinta semana, as crianças e adolescentes serão divididos em pequenos grupos, onde serão convidados a gravarem vídeos curtos com os questionamentos propostos para estas semanas. A ideia é que todo o material audiovisual fique disponível no Instagram e também seja disponibilizado para a TV UNEB-Seabra, para maior divulgação.
- o No final das 5 semanas será realizado uma espécie de avaliação. Nesse sentido, será solicitado o envio de um *feedback* de cada participante, contando como foi a experiência de participar da Ação, e também, uma nova "Pegada Hídrica". Além disso, será discutido nessa avaliação o que acontecerá com o perfil de Instagram. Ele será deletado? Vamos abri-lo para compartilhar com outras pessoas todas as nossas discussões? Vai continuar tendo água na sua rede?
- **O cronograma semanal de publicações fica dividido da seguinte forma:**
 - o As segundas-feiras, será publicado pelo mediador, uma foto em preto e branco com o tema que será abordado



Tem água na sua rede?

naquela semana. Cada participante terá até 3 dias para enviar suas contribuições e/ou dúvidas sobre o tema; todas as contribuições serão postadas nos comentários;

- Às quartas-feiras, o mediador publicará "Você sabia?", (abordando alguma curiosidade);
 - Às quintas-feiras, data limite para o envio das contribuições, o mediador postará nos *storys* um lembrete.
 - Às sextas feiras, será feita *lives* para discussão sobre o tema da semana.
- **Recursos didáticos:** Para esta Ação, não será necessário recursos didáticos muito específicos. Será importante que o participante tenha acesso a internet, telefone celular, câmera (no próprio celular) e o aplicativo do Instagram instalado.



*Tem água na sua
rede?*

**FEIRA DE SANTANA
2024**

Apêndice C – Ação 03: Água em Libras



02

Água em Libras

PLANO DE AULA

- **Faixa etária dos alunos:** Alunos da inclusão – 13 a 40 anos, ambos surdos.
- **Número de aulas:** 02.
- **Tema da aula:** Água e sociedade.
- **Objetivos:** Permitir através do Produto Educacional “Água em Libras”, disponível no Youtube, que os alunos surdos sejam incluídos nas discussões da temática apresentada na semana destinada a refletir sobre o meio ambiente na escola.
- **Objetivos específicos:**
 - estimular o debate e a construção de pautas referentes aos campos educação e sociedade;
 - realizar atividades interdisciplinares com os professores das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ciências da Natureza em parceria com os profissionais da Língua Brasileira de Sinais (Libras);
 - incentivar os alunos na criação de peças de comunicação, principalmente peças em audiovisual.
- **Conteúdo:** Água.
 - Perguntas e temas norteadores: Quais os rios que passam ou nascem por nosso município?; A fórmula da água e o que são moléculas; Crise hídrica em nosso estado.
- **Metodologia:** Os alunos surdos assistirão



03

Água em Libras

ao vídeo proposto para a primeira aula, na sequência o professor com o auxílio do intérprete de Libras fará uma reflexão sobre a água em nossa cidade, quais os rios que passam e abastecem nossa cidade. Após a primeira aula o intérprete fará um reforço sobre os sinais utilizados dentro do vídeo, tendo foco especial aos que não são de uso frequente por eles.

- Os profissionais que atuam na disciplina de Química poderão abordar o tema: do que as coisas são feitas? E, com apoio do profissional de Libras, trazer conceitos de átomos e moléculas, formulando o conceito: fórmula da água. O indicado é trabalhar o reforço do sinal dos mencionados conceitos. Além disso, vale trabalhar também com demonstrações de onde empregamos a água, para quê a utilizamos e a importância do consumo consciente.
- Ao final do tempo previsto, na última aula destinada à ação, os alunos produzirão um cartaz com recortes de revistas e representarão em Língua Portuguesa (escrita) hábitos que irão representar os rios que utilizamos em nossas cidades e os hábitos de redução de desperdício de água.
- Após a confecção do material, os alunos serão estimulados a gravarem



Água em Libras

vídeos apresentando os seus materiais. O material será disponibilizado para o Canal da TV UNEB-Seabra, que com o apoio da equipe de Libras, fará a tradução para o Português escrito.

- **Recursos didáticos:**

- Vídeo – Água em Libras;
- Livro didático;
- Notebook;
- Revistas;
- Cola;
- Cartolina.

- **Avaliação:** A avaliação poderá ser feita através da participação e produção de material visual (cartolina e vídeo) propondo o que se fazer para economizar e ter um uso consciente da água.

- **Referências:**

- Coleção Ser Protagonista – Ciências da Natureza e suas Tecnologias – FUKUI, Ana; MOLINA, Madson; OLIVEIRA, Venerando Santiago.
- TEIXEIRA, Tabita. **Água em Libras**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SyefStyAgpc>. Acesso em: 22/01/2024.





Água em Libras

**FEIRA DE SANTANA
2024**

Apêndice D – Ação 04: Água em Libras



Fotografia e Identidade

- **Faixa etária dos envolvidos:** A partir dos 15 anos.
- **Número de encontros:** 1 encontro de três turnos.
- **Tema central:** Identidade e Fotografia.
- **Objetivos:** Ampliar o repertório dos jovens sobre a produção fotográfica. Será selecionado ao menos três artistas ou fotógrafos diferentes que trabalhem com a temática Identidade Nordestina, Estética Brasileira, periférica e interiorana. O objetivo é além de ensinar técnicas de fotografia. Nesse sentido, almeja-se trabalhar com os jovens a relação entre imagem, imaginário e a produção nordestina e interiorana.
- **Passos da ação:**
 - **1. Dinâmica de aquecimento:** A dinâmica do desenho colaborativo busca desenvolver a reflexão sobre a identidade individual e coletiva do território. Para o seu desenvolvimento, é necessário um material de desenho ou pintura (caixa de lápis de cor, canetas hidrocor, giz de cera ou tinta guache). Esse material é separado e dividido entre os alunos. Cada um deles é responsável por uma cor e só ele pode utilizá-la. Com essa cor o aluno fará um desenho que responda a seguinte



03

Fotografia e Identidade

- pergunta: Quem sou eu no mundo e o que eu quero falar? No final ao apresentar o desenho cada aluno deve conseguir contextualizá-lo com o do colega e assim formar uma rede em que suas identidades dialogam.
- **2. Referências fotográficas:** Busca ampliar o repertório dos jovens sobre a produção fotográfica. Para este momento será selecionado ao menos três artistas ou fotógrafos diferentes que trabalhem com a temática identidade nordestina, estética brasileira, periférica e interiorana. O objetivo é além de ensinar técnicas de fotografia, é trabalhar com os jovens a relação entre imagem, imaginário e a produção nordestina e interiorana.
 - Dica: Incentive a turma a perceber como as fotografias não são neutras, mas sim capazes de criar e consolidar imaginários que atuam na consolidação das diferenças e desigualdades existentes relacionadas à construção de nordeste e sertão.
- **Apoio - dica de fotógrafos:**
 - <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/exposicao-com-fotos-de-quilombos-e-aberta-em-joao-pessoa>



Fotografia e Identidade

- https://www.instagram.com/sabrina_moura/
- <https://www.instagram.com/deluzgaleria/>
- <https://www.instagram.com/priscillabuhr/>
- <https://www.instagram.com/mairaerlich/>

- **3. Noite do cinema:**

- Indicação de filme - Saneamento Básico, o Filme.
- A ideia é que todos os participantes observem a construção das narrativas e principalmente a construção da fotografia no filme. Depois de assistirem, todos deverão fazer breves falas sobre identidade e fotografia percebidas durante a trama.

- **4. Saída fotográfica:** Executar os conhecimentos adquiridos na oficina na EFA. Nesta etapa da oficina, os jovens serão convidados a participarem de uma saída fotográfica. Divididos em grupos, cada grupo terá que construir um ensaio fotográfico a partir de propostas diferentes. Por exemplo: fotografias em preto e branco; fotos sem seres humanos; uma série de autorretratos. Todos os grupos devem produzir seus ensaios a partir das temáticas trabalhadas até o momento.

- **5. Apresentação da saída fotográfica:**



05

Fotografia e Identidade

- Apresentação em Datashow.
- Cada grupo vai até a frente se apresentar.





Fotografia e Identidade

**FEIRA DE SANTANA
2024**